



# DE BANCA EM BANCA

Percursos entre  
catástrofes cotidianas

Daniel Macêdo  
Francielle de Souza  
Letícia Gabriella  
Thiago Pimentel

ORGANIZADORES







# DE BANCA EM BANCA

Percursos entre  
catástrofes cotidianas

Daniel Macêdo  
Francielle de Souza  
Letícia Gabriella  
Thiago Pimentel

ORGANIZADORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida  
Vice-Reitor: Alessandro Fernandes Moreira

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Bruno Pinheiro Wanderley Reis  
Vice-Diretora: Thais Porlan de Oliveira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Coordenadora: Paula Guimarães  
Sub-Coordenador: Daniel Reis Silva

SELO EDITORIAL PPGCOM

Bruno Souza Leal  
Juarez Guimarães Dias

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)	Jorge Cardoso (UFRB   UFBA)
Benjamim Picado (UFF)	Kati Caetano (UTP)
Cezar Migliorin (UFF)	Luis Mauro Sá Martino (Casper Líbero)
Elizabeth Duarte (UFSM)	Marcel Vieira (UFPB)
Eneus Trindade (USP)	Mariana Baltar (UFF)
Fátima Regis (UERJ)	Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Fernanda Duarte (NCSU/EUA)	Mozahir Salomão (PUC-MG)
Fernando Gonçalves (UERJ)	Nilda Jacks (UFRGS)
Frederico Tavares (UFOP)	Renato Pucci (UAM)
Iluska Coutinho (UFJF)	Rosana Soares (USP)
Itania Gomes (UFBA)	Rudimar Baldissera (UFRGS)

---

[www.seloppgcom.fafich.ufmg.br](http://www.seloppgcom.fafich.ufmg.br)

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar  
Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901  
Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D278 De banca em banca: percursos entre catástrofes cotidianas  
[livro eletrônico] / Francielle de Souza... [et al.]. – Belo  
Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86963-91-5

1. Comunicação. 2. Bancas de jornais – Brasil – História. 3.  
Temporalidade. I. Souza, Francielle de. II. Macêdo, Daniel.  
III. Gabriela, Letícia. IV. Pimentel, Thiago.

CDD 307.76

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFMG, 2023.

CAPA E PROJETO GRÁFICO  
Atelier de Publicidade UFMG  
Bruno Guimarães Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO  
Bruno Guimarães Martins  
Daniel Melo Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO  
Daniel Borges

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos  
termos de uso do Selo do PPGCOM/UFMG, disponíveis em:  
<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/termos-de-uso/>



# | Sumário

## PREFÁCIO

<b>Ambulante fixo</b>	9
<i>Bruno Martins e Elton Antunes</i>	

## APRESENTAÇÃO

<b>Caminhar, experienciar, pesquisar</b>	13
<i>Daniel Macêdo, Francielle de Souza, Letícia Gabriella e Thiago Pimentel</i>	

## CAPÍTULO 1

<b>A cidade em comunicação: paisagens, conversas e derivas em Belo Horizonte</b>	31
<i>Cláudia Fonseca</i>	

## CAPÍTULO 2

<b>As bancas como “catástrofes cotidianas”: adaptabilidades e inconclusões</b>	59
<i>Bruno Leal, Felipe Borges e Igor Lage</i>	

CAPÍTULO 3	
Passadas catastróficas: textualizações caminhando e fotografando bancas	77
<i>Daniel Macêdo, Igor Luís e Prussiana Fernandes</i>	
CAPÍTULO 4	
As bancas como nós emaranhados da cidade	99
<i>Felipe Gonzaga, Luciana Amormino e Paulo Vitor Souza</i>	
CAPÍTULO 5	
Do olhar estrangeiro às bancas intrusas: fronteira e resistência na malha urbana de Belo Horizonte	117
<i>Alexandre Gouveia, Francielle de Souza e Thiago Pimentel</i>	
CAPÍTULO 6	
A banca resiste, insiste, existe ou persiste? transformações, influências e produção de ambiências	141
<i>Lettícia Gabriella, Poliana Sales, Rafael Andrade e Tess Chamusca</i>	
POSFÁCIO	
Revistas, música e catástrofe: a sobrevivência das bancas	161
<i>Rafael José Azevedo</i>	
REFERÊNCIAS	169
SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES	175

PREFÁCIO

## Ambulante fixo

BRUNO MARTINS<sup>1</sup>

ELTON ANTUNES<sup>2</sup>

Fenômenos estranhos são as bancas de jornais e de revistas. Contemporaneamente, simplesmente bancas. Elas se distribuem na paisagem das cidades de diferentes maneiras, mas regularmente sinalizando para uma mesma referência (“*Sabe onde fica a banca? - alguém pergunta. A banca de revista? responde outro...*”). A mesma referência, porém, não guarda os mesmos objetos. A depender da memória dos viventes, da história do lugar, pode até ser um local que tem materiais impressos. Às vezes, com alguma especialização (sebo e gibiteca). Banca de jornais e revistas, afinal.

Objetos curiosos são as bancas. A gente pode pensar que elas têm certa história, ligadas a práticas de leitura e de circulação de informação, ponto de acesso a materiais de variadas culturas impressas e letradas. Imaginar quando surgiram nas diferentes cidades — sim, banca é objeto

---

1. Bruno Martins é Doutor em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e atua como professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na graduação e na pós-graduação (brunomartins@ufmg.br)

2. Elton Antunes é Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e atua como professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). (eantunes@ufmg.br)

citadino — como reuniam comunidades leitoras “de tudo”. Revistas, jornais, álbum de figurinhas, guias, livros baratos de antanho. As bancas, boa parte das vezes, nunca foram só banca de jornal e banca de revista.

Coisas provocativas são as bancas. Se perguntássemos há algum tempo por ficha de telefone, tinha! Cartão de telefone também teve. Cigarro? Xerox? Agora carregador de celular e chocolate? Ou as folhas de jornal velho de quem precisa botar no lugar do cachorro dormir? Que coisas se misturam hoje em cada banca? Será que tem jornais e revistas? “Herdeiras” de restos de impresso, apresentam-se como novos entrepostos das coisas provisórias. Não são de informações que se substituem, são de coisas que devem desaparecer (capa de celular, máscara etc.). Camelôs fixos — “aprisionados” em um provisório que não passa.

Formas características têm as bancas. Por aqui ou ali, algumas são composições de chapas metálicas numa mistura de laranja com branco. Assim eram reconhecíveis nalgumas cidades. Bancas são formas na memória. Em todas as cidades não são idênticas, certamente cada uma respeitando o código de postura determinado pelo poder público local. É equipamento com formas reguladas. E com uma postura que se projeta na calçada, de frente para os passantes, dando as costas para a rua.

Equipamentos singulares são as bancas. Algumas, no seu costado, trazem um painel luminoso que anuncia o celular de última geração. Equipamentos urbanos de propaganda, são como um outdoor aterrado. Na penumbra da noite de uma econômica iluminação pública, cujas sombras mal permitem aos pedestres perceber as fraturas e irregularidades do piso, um vistoso anúncio promove algum produto “essencial”, mas sempre a dizer que durante o dia “isto é uma banca”.

Ambiências singulares se formam em torno das bancas. Posto de informação, central de “bons-dias” protocolares, daqueles que todos os dias se veem nas imediações e se reconhecem nessa passagem do bairro, equipamento que sugere presença e segurança para quem caminha sozinho em pontos ermos, ponto de encontro para a saída matinal dos que caminham pela aposentadoria. A banca é um ambiente de mistura, mescla de ares. Da combinação de fluxos daqueles que, de passagem, se esbarram sem encontro.

Relevante no cenário de popularização dos impressos, as bancas de jornais e revistas sucederam seu comércio ambulante sendo inicialmente montadas sobre caixotes e retalhos de madeira. Tal arranjo desenvolveu formas de construção diversas, fosse de madeira, concreto ou metal, podendo por vezes ser instalado sobre as calçadas, em nichos de edifícios, nas passagens das galerias ou em quaisquer lugares onde se encontravam transeuntes e leitores. Suas vitrines foram de tal forma incorporadas à paisagem urbana que ganharam leis e regulações específicas para seu uso e instalação. Entretanto, a despeito de serem reconhecidas e fiscalizadas pelo governo da cidade não se deve nutrir por elas quaisquer aspirações de pureza e controle, pois assim como muitas das espécies nativas ao espaço urbano, funcionam como se fossem cruzamentos artificiais, hibridismos cujos resultados são mutações que se desenvolvem em direções diversas. Podemos dizer que as bancas se constituem na fixação espacial de dois tipos urbanos que ainda permaneciam nômades: o camelô e o homem-sanduíche.

Conscientes de que a materialidade é imprescindível à leitura, nós, leitores, bem sabemos que a mercadoria impressa, a despeito de seu nobilíssimo conteúdo cultural nunca deixou de lado seu aspecto comercial à pena de seu próprio desaparecimento. Nem mesmo a lembrança das antigas livrarias pode fornecer alento nostálgico ao leitor, uma vez que o conhecimento de sua história apresenta práticas e comércios diversos que nem sempre fazem jus a valores iluministas invariavelmente idealizados junto à imprensa. Tomemos um exemplo contemporâneo na cultura que nos forneceu a mais célebre publicação iluminista — *Encyclopédie* — cujas versões piratas seriam vendidas de porta em porta por ambulantes no final do século XVIII. Nas ruas da capital ou de pequenos lugarejos franceses, encontramos comércios que ostentam placas com os seguintes dizeres: “*tabac-presse*”. Tal combinação, muitas vezes tem dois acréscimos resultando em: “*bar-tabac-presse-loto*”. Na França ou no Brasil, pontos de venda de jornais e revistas funcionam como cruzamentos do comércio de mercadorias com suas práticas de apropriação que reagem às diferenças culturais, assim como se adaptam às particularidades dos espaços urbanos independentemente de sua escala. Sejam países, cidades, bairros, aeroportos, galerias, calçadas,

praças, esquinas etc., as bancas (ou o que ainda resta delas) permitem cruzar discurso midiático e caminhar, estabelecendo nódulos que, a despeito de sua multiplicidade formal, nos permitem deslocar na cidade.

Assim, o que se apresenta nos trabalhos aqui reunidos são múltiplas visadas para uma referência cambiante — simbólica, material, imaginária, social. Com gestos de pesquisa variados, amparos conceituais diversos e um desejo único — o de se aproximar das bancas —, os textos desse livro reúnem de forma rica e convidativa essa multiplicidade, por assim dizer comunicacional, do fenômeno. A banca como um posto de transações e junção de materiais com validade estendida no tecido social, mas que ainda nos servem. Faz-se, em múltiplas formas, de acoplamento de achados e perdidos residuais da experiência cidadina, restos de hábitos marcados pela identificação de traçados comuns de leitura, conversa e pequenos caminhos localizados. São como “esquinas sem dobra”, onde fluxos da experiência cotidiana se esbarram. Essa obra é mais um esbarrão, quando então se aproveita para perguntar a você, leitor: e a sua banca, qual é?

Belo Horizonte (MG), 10 de maio de 2023

APRESENTAÇÃO

## Caminhar, experienciar, pesquisar

DANIEL MACÊDO

FRANCIELLE DE SOUZA

LETTÍCIA GABRIELLA

THIAGO PIMENTEL

Ao contrário do que um pensamento mais apressado pode sugerir, uma caminhada não se delimita por seus pontos de partida. Nem pelos de chegada. Ela se faz no entremeio, naquilo que permite experiências (re)configuradas constantemente, em meio a deslocamentos, retornos, desvios e mudanças. A partir da entrega ao trânsito cotidiano das ruas, podemos nos situar, explorar o que nos rodeia, distinguir aquilo que nos é habituado e o que não é, além de nos reconhecemos como parte dos espaços urbanos. Caminhar pode ser, assim, uma ação partilhada, que exige um “colocar-se no mundo”; um verbo aberto ao frenesi dos movimentos que (in)conformam os lugares e as pessoas, sempre marcados por encontros mais ou menos inesperados. É no ritmo descompassado da vida das cidades, portanto, que encontramos convites para sentirmos os entornos, para mudarmos de lugar as próprias certezas e, com isso, enxergar os mundos que se erguem não para nós, mas conosco — quando nos permitimos e nos abrimos para eles.

Para além de um gesto epistêmico capaz de desnaturalizar as vias tradicionais de saber e os sentidos atribuídos às dinâmicas comuns, caminhar nos permite aflorar as relações que conosco às vezes se

sedimentam, às vezes se desfazem, às vezes se reconstroem, acionando modos outros de ver, sentir e aprender que podem colocar nossos mundos cotidianos em catástrofe. É pensando sobre a urgência que as caminhadas nos trazem ao torcer nossas convicções que este livro é elaborado. Nele, admitimos que composições urbanas diversas, por vezes pacificadas, são possíveis de serem esquadrihadas ao caminhar; e refletimos sobre como o cotidiano pode volver-se em catástrofes reveladas não mais por um acontecimento ruptor, de grande magnitude, mas por miradas abertas às movências da vida, por formas de olhar sensíveis a novas percepções e ao eclodir de outros mundos em potência. Nesse sentido, da maneira como tratamos aqui, a catástrofe não é, necessariamente, algo que irrompe e altera bruscamente o curso das coisas; ela pode ser aquilo que, integrando e desintegrando o ordinário, convida a pensar.

As catástrofes cotidianas, tal qual as caminhadas, não se fixam num marcador inicial ou se estabilizam em um vislumbrado fim. Elas são processuais e tomam os estranhamentos e as dúvidas como elementos que interpelam a pretensa mesmidade e continuidade dos ritos que ancoram a vida cotidiana. Pensar o cotidiano povoado por catástrofes é tomá-lo como algo edificado por agentes em constantes mobilidades, aberto às interações e, por isso, capaz de ensejar diferentes percepções, de (des)montar significados e convenções sobre processos e ritualísticas que percebemos como comuns, mas que nunca são iguais. Por tudo isso, abrir as vistas para as catástrofes que se levantam em nossas experiências cotidianas é, para além do reconhecimento das mutabilidades e das adaptações inerentes a estar vivo, um esforço para pôr em questões os mundos que conjuramos e as formas com as quais nos propomos a conhecer e a interagir com outros seres.

Este livro é parte deste esforço, mas não é o único: ele integra uma série, ainda inicial, de percursos realizados pelo *Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência* cujo propósito é contribuir com explorações analíticas que envolvem articulações entre temporalidades, acontecimentos e textualidades. Nesta trajetória, realizamos um primeiro exercício que buscou captar algumas das dimensões individuais e coletivas da pandemia de Covid-19 que recaiu sobre o planeta, transformando forçadamente nossas relações com o

mundo exterior. Desenvolvido entre 2020 e 2021, o projeto de pesquisa e de extensão “Imagens e imaginários da pandemia” tratou de refletir, a partir dos primeiros 100 dias de isolamento social, sobre como um acontecimento de proporção tão grande foi se desdobrando nas experiências singulares dos membros do grupo de pesquisa. Tal esforço culminou em um livro organizado por Leal (2021) e, já nesta primeira obra, nos empenhamos em pensar o termo “catástrofe”, muito discutido por nós a partir da participação na *Rede Historicidades dos Processos Comunicacionais*, por meio de um olhar focado no micro, agarrado às nossas vivências mais corriqueiras.

Com o retorno dos trânsitos e contatos sociais sem tantas restrições, nos propomos a continuar refletindo sobre contextos, situações e encontros que acionam a tríade catástrofe/ miradas catastróficas/ cotidiano. Ainda situados por diversas cidades do país e com encontros remotos, levantamos um conjunto vasto de possíveis lugares de observação. Os diversos casos e materialidades apresentadas por nós naquele momento revelam duas coisas: são, por um lado, marcadores do caráter relacional e contextual que permeia o emergir de catástrofes cotidianas; por outro, são tessituras testemunhais dos caminhos a serem trilhados nessa perspectiva. Optamos por tomar *bancas de jornais e de revistas* — ou *bancas* como são popularmente conhecidas — para um novo exercício metodológico por entendê-las como textos circunscritos no espaço urbano que mobilizam catástrofes cotidianas em cenários variados.

A busca por uma publicação em quadrinhos em Governador Valadares, no interior de Minas Gerais, relatada em uma das reuniões do Tramas, impulsionou nosso interesse na medida em que o dono de uma banca utilizou exatamente o termo *catástrofe* para definir o que é vender impressos hoje, dada a ausência cada vez mais notável de títulos contraposta pela variedade de outros artigos e serviços que precisaram ser incorporados ali. O que é catastrófico para o comerciante do pequeno estabelecimento situado no centro da cidade não o é, necessariamente, para os outros que interagem com o espaço urbano e que mobilizam ambiências comunicacionais em torno dele. Em nossas miradas de consumidores, as memórias sobre o que as bancas foram podem dialogar

com a pluralidade do que elas estão sendo e do que podem vir a ser, conjurando distintas catástrofes em razão dos movimentos praticados por nós e pelas bancas no/com o tempo.

Ao confrontar as bancas enquanto caminhava pelo Hipercentro de Belo Horizonte, Cláudia Fonseca (2008) nos convida a praticar mobilidades e a abandonar a “superficialidade” com que espaços são figurados para, em complexidade, deixar ver a trama instável que os enreda. O chamado das ruas sentido pela pesquisadora durante o percurso do doutorado não só atravessa as discussões que ela propõe sobre ambiências comunicacionais, como nos é inspiração metodológica neste exercício. Ler a tese desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG e posicioná-la como parte de nosso percurso é, para além de retomar os debates acumulados sobre o tema no circuito acadêmico, um reconhecimento de seu caráter pioneiro para área de estudos em Comunicação e Informação ao posicionar as bancas como locus de saber da/com a cidade. Por isso, fragmentos destes escritos abrem nossas reflexões, sendo o *primeiro capítulo* desta publicação. Queremos, com este gesto, assumir as redes de diálogo que nos estimulam e as perspectivas que nos guiam para nos fazermos parte das derivas nas cidades.

Admitir diversos pontos de vista é um passo para elaborar percepções catastróficas sobre as bancas capazes de revelá-las como expressões textualizáveis dos encontros e dos contextos que as fundam e, nisto, são potentes enquanto ponderações sobre a imprevisibilidade e a amplitude incontrolável das catástrofes cotidianas. Estas relações são exploradas no *segundo capítulo*, que, idealizado por Bruno Leal, Felipe Borges e Igor Lage, discute como a adaptabilidade e a diversificação são necessárias para que as bancas permaneçam como elementos da paisagem urbana. O ‘*fim das bancas*’, anunciado pelas transições sociotécnicas, atravessa os postos comerciais e os posiciona como um lugar de articulação temporal. Nele, dão-se a ver tanto os sentidos de nostalgia que emergem ao retomar os papéis e funções tradicionalmente atribuídas ao comércio de publicações impressas quanto as inventividades desses estabelecimentos que já não se limitam à venda dos artigos que as nomeiam e que, com produtos diversos, tornaram-se figurações peculiares na paisagem urbana.

Com as bancas, caminhamos por Salvador, na Bahia; por Recife, em Pernambuco; por João Pessoa, na Paraíba; por São Luís, no Maranhão; por Iguatu e Fortaleza, no Ceará; por Belo Horizonte, Capitólio, Contagem, Itabira, Nova Lima e Ouro Preto, em Minas Gerais; e, por fim, em São Paulo. Entremeados pelas tensões destas cidades e com os agentes múltiplos que conosco interagem, tomando as bancas como âncoras principais, nos demos conta de que as catástrofes cotidianas tanto modulam as experiências nas andanças quanto demandam uma pesquisa em “movimento”, capaz de abrir margens para mutabilidade das relações e, assim, dos nossos modos de ler e de tecer vínculos, tal como discutem Bruno Leal, Poliana Sales e Daniel Macêdo (2022) ao proporem a pesquisa como deambular.

Voltar-se contra a rigidez de perguntas pré-definidas e deixar vir as catástrofes demanda, pois, um exercício de textualização que não se enclausura em respostas conclusivas ou que estão dadas a priori. Optamos por caminhar com dispositivos fotográficos, assumindo a escrita com imagens e a construção de curtos relatos das caminhadas como modo de textualizar a experiência e as catástrofes instáveis que surgiam em meio ao tráfego das cidades e às negociações com outros agentes. Refletindo sobre os marcadores teórico-metodológicos que amparam esta dinâmica, o *terceiro capítulo*, realizado por Daniel Macêdo, Igor Luís e Prussiana Fernandes, propõe a noção de “passadas catastróficas”, inspirada nos tensionamentos, na ampliação das miradas e na produção de outros nós que o ato de caminhar estabeleceu na tessitura cotidiana. Unindo relatos, testemunhos e registros, os autores convidam para um passeio por fluxos contínuos de reelaboração do que podem ser, foram e serão as bancas.

As fotografias, os relatos de caminhadas e de reuniões de pesquisa resultantes do percurso trilhado estão aqui dispostos, aliás, a partir de uma curadoria que entremeia os ensaios. Trata-se de uma organização possível do repertório de vivências que tivemos em nossos percursos, explorando as muitas camadas que as bancas carregam. A primeira sequência de fotos documenta os distintos contextos em que elas estão imersas, com ênfase nas estruturas e seus arredores. A segunda série salienta a variedade de itens disponíveis nos estabelecimentos. Como

é possível perceber, não só há diferentes tipos de artigos à venda, mas também várias opções para escolha do cliente dentro de um mesmo gênero de produtos. Na terceira, o foco são os jornais, que na maioria das vezes não chegam a ter grande destaque na disposição das mercadorias. Já o quarto conjunto aborda as bancas como entidades vivas, que dinamizam e são dinamizadas pela cidade. A quinta leva de fotografias traz algumas das pessoas que trabalham nesse tipo de empreendimento enquanto a sexta ressalta as vitrines dos pequenos comércios. A última coleção, por fim, se refere à adaptação das bancas diante de eventos ou acontecimentos sazonais, tomando como exemplo a Copa do Mundo de 2022.

Todas as séries são conectadas por aspectos levantados por membros do grupo durante as nossas discussões, de modo que, às vezes, eles aparecem como interrogação (“O que cada pequeno espaço da cidade pede para cada banca?”; “Onde estão os jornais?”), como observação (“Fiquei surpresa em ver uma pessoa jovem atendendo”; “É legal notar o que está exposto e o que está escondido em cada banca”), como efeito (“Conforme os produtos que estão disponíveis e a relação que se estabelece com a banca, há diferentes formas de sociabilidade”), como afirmação (A presença da banca em um determinado espaço tanto molda a banca quanto molda o espaço”; “A cidade é movimento e a banca se movimenta junto”) ou, ainda, como incerteza (“Talvez seja uma catástrofe em relação ao impresso”). Os mosaicos verbo-visuais aqui partilhados trazem inscrições de saberes que, para além da dicção acadêmica inerente aos capítulos, posicionam percepções sobre catástrofes cotidianas a partir de outros atos de leitura, buscando não centralizar o movimento de pesquisa desenvolvido e realizado apenas na forma escrita.

As passadas catastróficas, de banca em banca, e o registro delas permitiram, também, o devir de reflexões sobre as relações sociais e temporais que ali se instauram e que, compartilhadas entre nós em encontros nos quais pudemos dividir nossas experiências e compor colaborações entre pesquisadores a partir de interesses em comum. A partir disso, grupos menores desenvolveram propostas em textos curtos que apontavam o rumo inicial dos ensaios. Paralelamente, foram realizadas algumas leituras em conjunto a partir dos acionamentos que

emergiram dos percursos pelas cidades. As provocações preliminares foram abordadas e aprofundadas nos encontros do grupo, resultando em primeiras versões de textos. Em seguida, os trabalhos foram discutidos pelos componentes e por pesquisadores convidados — que se somam a esta obra por meio do prefácio e do posfácio. Os escritos, aprimorados após essa segunda etapa, constituem este livro. Tal processo é marcado por narrativas que valorizam as experiências durante as caminhadas ao mesmo tempo em que ressaltam a dinâmica coletiva da produção, de modo que as vozes, singulares e plurais, se cruzam na trama final.

Como dito, o diálogo amplo no grupo abriu margens para que os pesquisadores e pesquisadoras se aproximassem a partir de afinidades temáticas. No *quarto capítulo*, por exemplo, escrito por Felipe Gonzaga, Luciana Amormino e Paulo Vitor Souza, a reflexão sobre bancas volta-se para a cidade, suas dimensões, possibilidades e movimentos singulares. No ambiente urbano, as bancas são obstáculos? Apropriando-se da metáfora da “malha”, de Tim Ingold (2015), os autores pensam a cidade como instância formada por linhas e nós. As bancas, nesse contexto, são tomadas para além de um empreendimento comercial, de forma que elas alimentam e são alimentadas por certas formas de sociabilidades. E mais: sendo marco na dimensão e no fluxo urbanos, as bancas também articulam temporalidades e espacialidades. Trechos de canções, poesia e urbe se entrelaçam, introduzindo os tópicos deste capítulo que delinea reflexões sobre como a banca acompanha os movimentos dos lugares em que estão instaladas; afinal, se a cidade é a “grande malha”, os pequenos vínculos criados podem nos aproximar e proporcionar trocas. Seriam as bancas só obstáculos? Os autores mostram como o público e o contexto definem a configuração do que se compreende como banca.

No *quinto capítulo*, escrito por Alexandre Gouveia, Francielle de Souza e Thiago Pimentel, os autores discutem a experiência de ser “estrangeiro” vivendo em uma nova cidade — no caso, Belo Horizonte (MG). As relações com a cidade são problematizadas através de bancas específicas em um movimento exploratório que envolve perceber e se descobrir, no ir e vir, como *flâneur* em uma nova configuração urbana. No ensaio, os três autores abordam a condição de estrangeiro e descrevem relações pessoais com três bancas que fisgaram cada pesquisador(a), em

três áreas distintas da capital mineira — os “três encontros”. Seriam as bancas intrusas na paisagem? Ou seriam os próprios “estrangeiros” os intrusos? Como elas ajudam a nos posicionarmos nas cidades? Buscando desenvolver essas questões, noções como fronteira e resistência são foco do artigo cujo objetivo é investigar as relações que podemos desenvolver com o conhecido e com o desconhecido tendo as bancas como elemento de mediação.

Já *no sexto e último capítulo*, escrito por Lettícia Gabriella, Rafael Andrade, Poliana Sales e Tess Chamusca, a ideia de ambiência comunicacional, trabalhada por Claudia Fonseca, é retomada considerando as inscrições espaço-temporais das bancas, suas reverberações e particularidades. Para isso, dois movimentos são realizados em torno da noção central, tomando-a ora como construção teórica, ora como construção material. Esse gesto de pesquisa dá a tônica a uma reflexão mais detida sobre as transmutações e o permanente estado de crise que envolvem os pequenos comércios em contextos e configurações distintas. Mobilizando exemplos, os autores refletem e observam como determinadas bancas resistem e se adaptam ao aqui- agora em que se encontram. Ambos os movimentos se complementam, então, no sentido de entender as características desse espaço e de como os cotidianos influenciam a dinâmica das bancas ao mesmo tempo em que são por elas influenciadas.

Este livro não se fixa como uma síntese de um exercício de pesquisa. Ele aporta as tramas que construímos ao *caminhar* na cidade, ao *experienciar* cotidianos e ao *dialogar* como quem se aproxima e se abre às trocas, assumindo essas dimensões como prática investigativa. É assim que, antes do emergir de um fenômeno, os textos se conectam por meio de um olhar sobre o ordinário e do devir de sensibilidades que complexificam nossos modos de saber/viver com diferentes mundos e catástrofes. As bancas ainda existem, estão presentes e em movimento. Como as encontramos? E para quais encontros elas nos convocam? Não há respostas únicas e conclusivas para essas questões e, ante tal empreitada, estes textos são, ao fim, produto de miradas catastróficas engendradas neste período de reflexão, de amadurecimento e de escrita que vivemos em grupo. Queremos, com esta obra, convidar-lhe

a passear, *de banca em banca*, a partir das passadas catastróficas que demos, acompanhando nossos olhares intrusos que se revelam nas imagens deste livro e permitindo-se mergulhar nas muitas nuances de um fenômeno e seu suposto fim.

*“O que cada pequeno espaço  
da cidade pede para cada banca?”*

**Luciana Amormino**





**De cima para baixo:**

São Paulo (SP), Daniel Macêdo;  
Belo Horizonte (MG), Bruno Leal;  
Belo Horizonte (MG), Bruno Leal.





**De cima para baixo:**  
*Belo Horizonte (MG), Luciana Amormino;*  
*Itabira (MG), Igor Lage.*





De cima para baixo:  
Ouro Preto (MG), Felipe Gonzaga;  
Contagem (MG), Igor Luís







**De cima para baixo:**  
São Paulo (SP), Daniel Macêdo;  
João Pessoa (PB), Bruno Leal;  
São Luís (MA), Poliana Sales.







**De cima para baixo:**

*Fortaleza (CE), Daniel Macêdo;*

*Fortaleza (CE), Daniel Macêdo;*

*Fortaleza (CE), Daniel Macêdo;*

*Belo Horizonte (MG), Bruno Leal;*

*Salvador (BA), Tess Chamusca.*





## CAPÍTULO 1

# A cidade em comunicação: paisagens, conversas e derivas em Belo Horizonte

CLÁUDIA FONSECA

Participar deste livro significa muito para mim. Em primeiro lugar, significa revisitar — e reviver — um trabalho importante para a formação do meu olhar sobre a cidade. Significa também encarar as transformações que o tempo fez na experiência urbana e nas formas possíveis de pensá-la. O gesto que atualizo aqui foi o de construir um caminho de pesquisa para conhecer a experiência urbana da região central de uma grande cidade através das trocas comunicativas que se dão em um dado tempo — o cotidiano — e num dado espaço — as ruas da cidade. Esta publicação permitiu o encontro deste caminho escolhido para percorrer a cidade de Belo Horizonte nos anos 2000, com o olhar renovado de outros pesquisadores caminhantes, que ampliaram a pesquisa geograficamente ao percorrer outros espaços urbanos; e conceitualmente, ao trazer novas possibilidades de apreensão e discussão dos fenômenos. Trago para este encontro, como uma espécie de início de jornada, o capítulo da minha tese em que discuto as trocas comunicativas que aconteciam em torno das bancas de jornal e revista.

Neste sentido, a reflexão sobre as bancas na cidade e seus frequentadores diz de uma experiência que resiste no espaço urbano apesar de ter a sua

decadência e seu possível desaparecimento frequentemente anunciados. Frente ao também anunciado fim dos meios de comunicação impressos, as bancas de jornal e de revistas persistem, se transformam e reafirmam sua sobrevivência improvável no mundo em que os meios digitais dominam. Olhar para elas nos permite apreciar uma experiência urbana em seu declínio, nos chama para acompanhar formas de estar na cidade que desaparecem, outras que surgem e ainda aquelas que insistem.

### **A pesquisa**

Para realizar esta discussão, foram usadas as ideias de paisagem, ambiência e situação pensadas a partir de um viés comunicativo. A ideia de se pensar a paisagem por um viés comunicacional tem como objetivo analisar os aspectos relacionais que traduzem a experiência de sujeitos comuns em relação ao espaço. A paisagem comunicacional é vista, aqui, como resultante dos diversos significados circulantes nela e até fora dela. Nela se cruzam diversos processos que dizem respeito às regulações, aos acontecimentos, às memórias, às histórias de um lugar. Assim, uma paisagem do ponto de vista comunicacional é composta com edifícios, com ruas, com marcas e com signos impressos neles; além do material simbólico que circula nela e sobre ela. Uma paisagem é composta pela experiência das pessoas que a frequentam, que já frequentaram e daqueles que se relacionam com ela. Neste projeto, os usos cotidianos do espaço seriam a porta de entrada para o estudo das configurações do sentido de uma paisagem.

A ambiência pensada por um viés comunicacional engloba todos os estímulos que um determinado lugar da cidade oferece e recebe dos sujeitos que a frequentam. Ela se situa numa paisagem e, portanto, é marcada por este fator, ao mesmo tempo que pode influenciá-la. Em uma ambiência, o mobiliário urbano, os sons, as placas afetam os sujeitos que passam por ali, que podem ter consciência ou não desta afetação. Ao mesmo tempo, as ambiências são suscetíveis às marcas intencionais ou não que os sujeitos imprimem nelas. A ambiência urbana cria uma atmosfera própria, o que remete à etimologia da palavra — do francês *ambiance*, que significa ‘atmosfera que envolve pessoa ou coisa’. Na

arquitetura, a ambiência tem um sentido de intencionalidade em um espaço criado sob dimensões físicas e estéticas.

Na ambiência urbana, pensada a partir da comunicação, não existe uma intencionalidade, mas várias que se sobrepõem e que acabam resultando em processos complexos de produção de sentido sobre um espaço. Os usos cotidianos da calçada, da praça, dos objetos são múltiplos e são eles que criam a ambiência. Podem contribuir para produzir sentidos, também, elementos acidentais que afetam a ambiência indiretamente.

As ambiências urbanas tendem à estabilidade, mas podem ser intermitentes. São compostas de seres animados e inanimados que se comunicam o tempo todo. As ambiências são resultantes dos usos que se faz de um determinado espaço da cidade, nas diversas temporalidades. Elas tendem a conservar traços de memória do lugar, nas marcas da passagem do tempo nos objetos e nas falas das pessoas que a frequentam.

As ambiências têm uma dimensão acontecimental: o seu sentido resulta das interações entre homens e objetos que ela propicia. A ambiência está contida na paisagem e relaciona-se com ela. Uma banca de jornais situada na Praça Sete diferencia-se de outra que localiza-se perto da Rodoviária, dentre as que integram Belo Horizonte. No entanto, elas afetam o espaço em que estão situadas. Elas também se afetam mutuamente formando uma das várias redes locais que ligam as paisagens na cidade. As ambiências abrigam as situações que são interações entre sujeitos onde a comunicação acontece. As interações podem se dar em copresença ou com marcas deixadas pelos sujeitos em diferentes momentos. Cabe, aqui, uma aproximação com a ideia situacionista, não no sentido de revolucionar o cotidiano, mas de explorar possibilidades dos lugares. Nas situações, nas interações comunicativas estão os germes das possibilidades. Nelas esboçam-se a participação na construção de uma cidade comum, através das possibilidades de troca, de convivência com os outros com quem se compartilha o tempo e o espaço. As situações são acontecimentos na paisagem.

Dentro de cada uma das paisagens escolhidas, foram selecionadas duas bancas para observação, entrevistas com o jornalista e com as pessoas que paravam na banca para ler algum material. As entrevistas foram realizadas da seguinte forma:

*Paisagem 1* – Praça Sete de Setembro e arredores (A Praça)

- Banca Glória (especializada em quadrinhos) e Banca Amazonas

*Paisagem 2* – Praça Rio Branco e arredores (O Porto)

- Banca da Rua Caetés e Banca Tupinambás (material erótico é o carro-chefe de ambas)

*Paisagem 3* – O Centro Nobre

- Banca próxima ao Edifício Maletta e Banca da Rua Goiás (especializada em concursos e em games)

Todo o material foi analisado a partir das questões que já enumeramos anteriormente sobre a complexidade das relações espaço-temporais no contexto urbano. O objetivo foi perceber como se conforma aquilo que chamamos de comunicação urbana e como este processo participa ativamente da apropriação e da construção de sentidos sobre um lugar. A banca, ao se situar num determinado lugar e ao fazer-se sob fluxos temporais, estabelece relações comunicativas com seu ambiente, expressas na sua conformação física, no tipo de material que oferece e expõe com destaque, na forma como acolhe e trata seus fregueses. Ela abriga, também, o que estamos chamando de situações comunicativas.

As situações comunicativas são interações entre sujeitos, nas quais a comunicação acontece. Como já definimos anteriormente, estas interações não exigem a presença física dos interlocutores. Um sujeito lendo as manchetes na banca de revista é uma situação de comunicação tanto quanto a conversa com outro leitor ou com o jornalista. A escolha do termo situação comunicativa decorre de duas razões fundamentais para este trabalho. A primeira diz respeito à inspiração na Internacional Situacionista e ao uso que faziam do termo situação. A situação está sempre ligada à questão da participação e da mudança, mesmo que no material examinado esta participação e transformação sejam incipientes. A segunda diz respeito à importância que se dá aqui ao tempo e ao espaço de ocorrência do ato de comunicação. O que se buscou colocar em relevo foi o fato de uma interação comunicativa acontecer nas ruas de uma cidade contemporânea, ou seja, o fato de que interações comunicativas são situadas no tempo e no espaço de seu acontecimento. O espaço e o

tempo estimulam, constroem e marcam as ações que se dão nela. Assim como as ambiências, as situações comunicativas foram trabalhadas à luz das relações espaço-temporais na cidade contemporânea.

### **As bancas em Belo Horizonte**

As bancas de jornal e de revista espalhadas pelas calçadas compõem o cenário urbano de Belo Horizonte há muitas décadas. Os primórdios da comercialização de jornais na cidade estão nos anos 1920, década que segundo os estudiosos é marco do surgimento da imprensa moderna na capital, com a criação de alguns jornais que inauguram uma nova forma de jornalismo e de relação com a vida da cidade (CASTRO, 1995).

Nesta época, narra Nelson Teixeira, no informativo do sindicato da categoria, os jornaleiros andavam pela cidade levando os jornais num carrinho de mão. Paravam em algum lugar mais movimentado e tentavam atrair os fregueses. As primeiras bancas, propriamente ditas, surgiram na década de 40. De acordo com a mesma publicação, elas eram feitas de madeira e eram bem mais precárias. Nos anos 2000, elas eram mais de mil bancas feitas com estruturas metálicas, atulhadas de publicações e espalhadas pelas calçadas da cidade. Em Belo Horizonte, elas eram, junto com as bancas de flores, as atividades comerciais fixas permitidas nos logradouros públicos e reguladas pelo Código de Posturas do Município. A banca podia, naquele momento, vender jornal e revista; flâmula, álbum de figurinha, emblema e adesivo; cartão postal e comemorativo; mapa e livro; cartão telefônico e recarga de cartão magnético do sistema de transporte coletivo; talão de estacionamento; selo postal; periódico de qualquer natureza, inclusive audiovisual integrante do mesmo; ingresso para espetáculo público; impresso de utilidade pública; artigo para fumante, pilha, barbeador, preservativo; fita de áudio, CD encartado em publicação e filme fotográfico. Também podia comercializar *bombonière*; brindes diversos; serviço de revelação de filmes fotográficos; cópias de chaves; brinquedos; artesanatos; água mineral em embalagem descartável, sorvete e picolé embalados. Era facultado à banca de jornais e revistas fazer a distribuição de encarte, folheto e similar de cunho promocional.

O seu principal artigo, as publicações, eram vendidas sob consignação em sua grande maioria. Segundo os jornaleiros ouvidos, eram duas grandes distribuidoras que dominavam o mercado nacional e local. Elas disponibilizavam o material segundo a quantidade vendida no período anterior. Se determinada publicação vendeu pouco num período, o jornaleiro receberia um número menor de exemplares da edição seguinte. Cabia ao jornaleiro trabalhar para que as vendas se efetuem e que a banca possa se manter com uma boa variedade de material. Era comum também as bancas servirem como ponto de troca de publicações usadas ou venda de exemplares esgotados. Várias bancas no Hipercentro funcionavam com este tipo de material, junto com a venda de publicações atuais. No caso da troca, ela funcionava como um estoque de livros ou revistas usadas que o freguês pode trocar por uma ou mais que ele possua. Na maioria das vezes, nas bancas observadas, o material disponível para troca era constituído de publicações baratas de romances água com açúcar com nomes femininos (Júlia, Sabrina); de novelas policiais e de faroeste. Quanto à venda de exemplares antigos, a maioria na área observada era formada por revistas de cunho erótico, com fotos de pessoas famosas, mulheres, atrizes, cantoras e modelos. Uma das bancas observadas na região dedicava-se quase que exclusivamente a este tipo de comércio. Fala-se que seus exemplares antigos podem alcançar mais de 10 vezes o preço de capa, dependendo da celebridade da capa, mas o jornaleiro não confirma. Esta banca oferecia apenas um título de revista atual e dois de jornais populares. No resto, o movimento da banca se mantinha apenas com os exemplares antigos e a troca de usados.

O formato da banca deve obedecer aos modelos padronizados propostos pela gestão do Município, sendo que qualquer alteração sem a devida licença do Poder Executivo pode resultar em penalidades para o jornaleiro. As bancas do Hipercentro, na sua maioria, seguem o modelo mais comum. São de metal, pintadas de verde, e têm a forma de um paralelepípedo, com os cantos e coberturas arredondadas, “para combinar com as formas arquitetônicas de Belo Horizonte”. Em geral têm portas de duas folhas que ficam abertas quando a banca está em funcionamento e que podem ser usadas como suporte de publicações.

O interior é tomado por prateleiras, nas quais ficam expostos jornais, revistas, CDs, DVDs, livros. Há, em geral, na parte frontal um balcão que divide a banca do exterior, criando um espaço de dentro, ocupado pelo jornaleiro. Em várias bancas, este balcão ocupa apenas uma parte do espaço frontal, criando uma área no interior da banca onde os fregueses podem entrar e manusear as publicações. Em outras, este balcão fecha a entrada da banca e o consumidor deve perguntar ao jornaleiro por algum material de seu interesse.

No balcão, costumam ficar também os itens de tabacaria e *bombonière* que a banca comercializa. Todas as partes externas das bancas são intensamente aproveitadas com os usos mais variados. Apenas a parte superior da cobertura parece ter uma única utilidade, que é a de cobrir a banca. A parte de trás da maioria das bancas serve de espaço publicitário voltado para a rua. São anúncios grandes, que ocupam toda parte traseira da banca e dirigidos a quem trafega pelas ruas em carros ou ônibus ou mesmo para os pedestres do outro lado da rua.

As laterais podem ser usadas como uma espécie de vitrine na qual o jornaleiro expõe exemplares das publicações disponíveis na banca. Servem como suporte para a venda de outros produtos, o que muitas vezes é considerado pela fiscalização como um problema. O espaço lateral também é usado para publicidade da própria banca e de outros anunciantes. Na banca deve trabalhar apenas o jornaleiro que obteve a licença ou empregado seu. O comércio de produtos como bonés, capas de celulares do lado de fora da banca pode levantar a suspeita de que o jornaleiro estaria “sublocando” o seu espaço para outro comerciante.

Em situação inusitada, em uma banca do Hipercentro, o dono da banca usou a lateral como suporte de um monitor no qual se podia jogar videogames em plena calçada. A parte frontal da banca, além de ser usada para o contato do consumidor com o jornaleiro, é também intensamente usada para exposição de material das mais diversas maneiras. O balcão pode ter prateleiras frontais ou pequenas estantes podem ser colocadas para exposição do material que o jornaleiro quer exibir com destaque. Também era usual pendurar as publicações em destaque no alto e nos cantos desta parte frontal.

No Brasil, diferentemente do que acontece em muitos lugares, a primeira página dos jornais é exposta para que seja lida pelo freguês da banca, como uma espécie de chamariz para a compra da publicação. Há quem afirme que as primeiras páginas de nossos jornais são concebidas para esta finalidade. Além das fotografias e ilustrações, elas trazem manchetes, legendas e pequenos textos de chamadas que são um produto acabado e não um texto que se inicia na primeira página e segue em outra seção do jornal.

O local da instalação da banca é disciplinado pelo Código de Posturas que estabelece que a banca deve resguardar uma distância mínima de 10 metros em relação aos pontos de coletivos e de 100 metros em relação a outras bancas no Hipercentro e na Zona Central. Deve, ainda, preservar a distância de 50 metros em relação a lojas que comercializam os mesmos produtos que ela. Apesar destas disposições, as bancas já existentes mantiveram-se no seu local. No Hipercentro, é comum encontrarmos bancas muito mais próximas. A Praça Sete abriga pelo menos 10 bancas com distância menores de 100 metros entre elas. Segundo Eustáquio Gonçalves da Silva, Vice Presidente do Sindicato dos Vendedores de Jornais e Revistas no Estado de Minas Gerais na época da realização da pesquisa de campo, as bancas instaladas anteriormente à lei permaneceram no mesmo lugar, pois a legislação anterior permitia uma banca em cada esquina. A proximidade com outras bancas ou com lojas que vendem produtos similares é bastante comum no Hipercentro, a alta concentração não parece ser um problema para os jornalheiros.

Ainda segundo o Sindicato da categoria, a legislação previa também que as bancas deviam ocupar um espaço sempre inferior a 40% da calçada. Como a legislação anterior previa 50%, a categoria luta para voltar a este valor, pois vários jornalheiros já haviam realizado adaptações para este espaço e consideram que o valor de 40% reduz ainda o espaço para estoque e exposição das suas mercadorias e gera gastos para sua adaptação. Do carrinho de mão à sua forma atual, as bancas de jornal e de revista se inserem na paisagem urbana de Belo Horizonte de maneira mais ou menos conflituosa e criando aquilo que chamamos de ambiência comunicacional, espaço constituído para que se efetuem trocas simbólicas no espaço das ruas. Como tal é reconhecida por quem

exerce sua atividade profissional, o jornalista ou trabalhador em banca, e também pelos transeuntes que param ali para ler, comprar, conversar.

### **A banca como ambiência comunicacional**

Um dos primeiros aspectos que chama a atenção de quem observa uma banca de jornais e revistas na rua é que ela instaura e enseja possibilidades de se interromper o fluxo contínuo dos transeuntes sobre a calçada. Isto acontece não só porque ela ocupa parte da calçada, mas porque ela é uma espécie de vitrine das novidades, destes milhares de fragmentos de narrativas que, cotidianamente, garantem a nossa entrada no tempo presente. Em seu texto sobre a multidão e o público, Gabriel Tarde (2005) fala da paixão pela atualidade como um vínculo que une homens dispersos que leem um mesmo jornal. Segundo ele, “esse vínculo é, juntamente com a simultaneidade de sua convicção ou de sua paixão, a consciência que cada um deles possui de que essa ideia ou essa vontade é partilhada no mesmo momento por um grande número de homens” (TARDE, 2005, p. 8). O autor, no entanto, apresenta uma questão sobre o vínculo que a atualidade cria entre os homens. Ele se interroga sobre o súbito desgosto de que é tomado um leitor que se descobre lendo um jornal velho. “Os fatos relatados perderam seu interesse intrínseco?”, pergunta-se. Não, mas o fato de termos a consciência de sermos os únicos a lê-los naquele momento basta para diminuir o interesse. Para Tarde (2005, p. 7) “tal fato prova, pois, que a nossa viva curiosidade prendia-se à ilusão inconsciente de que nosso sentimento nos era comum a um grande número de espíritos”.

Para Tarde (2005), o que dá atualidade ao acontecimento não é ter acabado de acontecer, mas sim o fato de interessar a todos naquele momento, mesmo que se trate de algo passado há muito tempo. Segundo ele, a atualidade compartilhada torna-se mais importante à medida que progride um tipo de sociabilidade cujas origens estão na vida urbana; um tipo de experiência que advém da intensidade do contato social que a grande cidade proporciona. A atualidade ao ser capaz de criar vínculos entre homens dispersos no espaço é vital para a constituição da vida em comum numa metrópole.

Ao reunir no espaço urbano uma série de dispositivos que possibilitam o acesso à atualidade, a banca de jornais conforma-se como um objeto na rua que alia a presença no espaço e a partilha de um tempo com os outros homens. A banca reúne os homens presentes no espaço com outros que estão distantes, ao abrir a possibilidade de fazer chegar a eles simultaneamente os mesmos fragmentos da vida atual. No mundo contemporâneo, a banca não é a única a fazer este papel; outros dispositivos como a televisão e a Internet fazem esta ligação de maneira mais eficaz, ou pelo menos, mais veloz. A singularidade da banca está no fato dela se localizar na rua. Ao instituir-se como uma ambiência comunicacional na paisagem urbana, ela faz acontecer de forma peculiar uma articulação entre o tempo da atualidade e o espaço urbano. Ela faz com que os homens compartilhem o espaço e, simultaneamente, um tempo dos acontecimentos atuais.

A importância disto não é pequena. Nas ruas de uma grande metrópole, as relações com o espaço e com o tempo são sempre tensas. O espaço é fragmentado, instável, regulado e povoado pela diferença, e as relações de pertencimento ao território não estão dadas. O espaço público é simultaneamente comum, de todos e de ninguém. O pertencimento não está assegurado e os movimentos de apropriação tendem a se configurar em disputas. Participar da atualidade, participar de uma conversa que se renova cotidianamente é um dos caminhos para que se estabeleça laços, ainda que tênues, de pertencimento à urbe. Abre-se uma fresta para a participação nos acontecimentos da cidade.

Esta participação incipiente é fundamental para a vida urbana. Como já dissemos: num espaço como o Hipercentro, a diversidade dos atores, a multiplicidade de possibilidades, o encontro com o anônimo, a instabilidade do pertencimento ao território, o ritmo frenético das mudanças na paisagem — características de uma metrópole contemporânea — estão mais evidentes. Participar desta comunicação urbana é entrar na vida da cidade, é entrar nos movimentos que dão vida e significação aos lugares, e também nos movimentos que os desfazem logo em seguida, seja pela superposição de sentidos, pelo apagamento das memórias ou, simplesmente, pelo transcorrer dos turnos entre o dia e a noite. Os movimentos constantes de territorialização e

desterritorialização marcam o espaço urbano central de Belo Horizonte e criam fronteiras: aqui é o interior e lá o exterior.

Qualquer um pode se tornar um estranho. Para usar uma metáfora já conhecida no espaço urbano: qualquer um pode ser estrangeiro, mesmo quem nasceu na cidade. Em primeiro lugar, as coisas mudam vertiginosamente. O que está num lugar hoje e é referência para pessoas ou grupos pode desaparecer subitamente. A solidez dos edifícios, por exemplo, se provou enganosa. A paisagem pode mudar rapidamente. Na calçada, no asfalto, não se criam raízes. A duração não se mede em décadas: são regularidades e irregularidades, a cidade pulsa. Quem não é estrangeiro de dia, pode ser à noite. O espaço pode se tornar estranho e não reconhecível rapidamente. O transeunte ao se deslocar, ação que ele incansavelmente não deixa de praticar, tem sempre a sua condição de pertencimento ao lugar colocada em questão.

Isaac Joseph (1998) chama a atenção para o fato de que o estrangeiro é a figura do homem urbano não só porque as cidades recebem migrantes, mas porque a condição dele é a da mobilidade. Ele anda pela cidade, ele muda de residência ou de classe e ele mesmo é versátil. É um ser em constante adaptação ao seu meio, território que ele nunca domina inteiramente. A banca de jornal e revista ou os outros pontos capazes de criar as ambiências comunicacionais nas ruas instituem as possibilidades de relações diferenciadas com o espaço e com o tempo urbano. A calçada destinada ao trânsito de pedestres torna-se um lugar propício à parada, ao encontro com o outro. Uma parada na rua funciona como o núcleo de um átomo. Dela emana uma energia que atrai para si o que gravita em volta. O estranho para ao ler uma notícia, ao ouvir uma pregação, ao espiar o homem com uma cobra, ao ouvir um discurso político não é mais totalmente estranho. Torna-se alguém que passa com a mesma pressa e é rapidamente apanhado na mesma teia. O espaço da banca, do ponto de ônibus, da praça é um espaço em constante transformação, subitamente, nas paradas, torna-se um espaço reconhecível. A parada torna os homens lentos. Para Milton Santos (1996), nas grandes cidades existem espacialidades e temporalidades que são hegemônicas convivendo com outras formas de viver o tempo e o espaço que lhes impõem resistência. Em particular, sua abordagem das diferentes formas

do tempo e do espaço ordenados em cidades do chamado Terceiro Mundo nos abre perspectivas interessantes. Ele nos fala das cidades dos países tidos como subdesenvolvidas enquanto espaços derivados onde se associam lógicas externas e lógicas internas subordinadas. Essas são cidades críticas, arenas de conflitos. Se existe a tentativa de padronização tanto do tempo quanto do espaço urbano em função das atividades hegemônicas, existe também uma cidade que resiste à racionalidade funcional. Segundo Santos (1996), desenvolveu-se ao longo do tempo a segregação do espaço urbano: são os espaços destinados às atividades hegemônicas, com funções precisas. Mas a cidade como um todo resiste a esta racionalidade funcional graças ao meio ambiente construído, retrato das diferenças de classes, de renda, de modelos culturais. “À cidade informada e às vias de transporte e comunicação, aos espaços inteligentes que sustentam as atividades exigentes de infraestruturas e sequiosas de rápida mobilização, opõe-se a maior parte da aglomeração onde os tempos são lentos, adaptados às infraestruturas incompletas ou herdadas do passado, os espaços opacos que também aparecem como zona de resistência” (SANTOS, 1996, p. 79).

As paradas nas bancas, assim como outras paradas, são sempre o núcleo das possibilidades de comunicação. É a interrupção do fluxo, tão necessário para que a cidade capitalista funcione, que torna a cidade reconhecível e por isso mesmo habitável. A banca na calçada extrapola a função de colocar produtos em exposição para o consumo. Em torno dela, acontecem cotidianamente encontros com a cidade, seja pelo contato com as notícias do futebol, da política, da novela, dos crimes; seja pelo encontro com o jornaleiro e com os outros frequentadores; seja pela possibilidade de interromper o fluxo contínuo dos deslocamentos e fazer daquele um espaço diferenciado.

A banca como objeto que cria ambiência comunicacional tensiona as relações espaço-temporais que se dão na cidade. Além de forçar a interrupção do fluxo do deslocamento, ela exhibe as possibilidades de contato com os acontecimentos em outros lugares do mundo e em outros tempos. O material que ela abriga pode trazer um mundo distante espacial ou temporalmente para o cotidiano dos sujeitos que param ao seu redor para ler as manchetes dos jornais e das revistas

expostas. Cacos de outras realidades moldadas para o consumo aqui e agora. No fluxo da calçada, abre-se uma possibilidade de encontro que merece ser pensado em sua complexidade. Os sujeitos que transitam pelas ruas estão imersos na materialidade da cidade, aliados aos cheiros, aos sons, às barreiras, às passagens e à multidão que povoa as ruas. Ao mesmo tempo, chega até eles um mundo na forma das novidades que a banca oferece. Se isto permite um transporte, um encurtamento de distâncias, qualquer um pode saber o que se passa em Brasília, no Rio de Janeiro ou do outro lado do planeta: na rua existe a força do aqui e agora que tensiona esta experiência. Nas bancas entra-se em contato esta multiplicidade de fragmentos sobre realidades distantes com as quais só recebemos pequenos pedaços. Fica-se sabendo de acontecimentos cujas consequências no aqui e no agora muitas vezes estão por demais distantes para que se possa pensar ou interferir. Mas chega a moda, a música, o filme. Recebe-se estímulos de um mundo externo, por vezes inatingível. Porém, a novidade distante é apropriada e torna-se objeto da conversação da cidade.

No aqui e no agora eles penetram pela ambiência da banca e espalham-se pelas ruas. “A banca é de grande importância porque nem todo mundo tem acesso à Internet e a banca é um modelo de Internet. Se você olhar atentamente, a banca de jornal e revista é uma Internet. O que é a Internet hoje? É uma concentração de informação e serviço. É a mesma coisa da banca. O que é Internet? São diversos terminais, que estão pulverizados nas diversas residências e empresas. Igual as bancas que estão pulverizadas nas diversas esquinas da cidade”, disse-me o jornalista do sindicato em conversas durante a pesquisa. Potencialmente, a ligação seria feita pela imensa corrente humana que não cessa de circular pelas ruas da cidade. Porém, assim como acontece na rede mundial de computadores, o fato de existir ligações potenciais, não implica diretamente em comunicação. O espaço urbano em que as bancas se situam é fragmentado, não existe uma linha que conduza a um destino certo as conversações iniciadas em um ponto. Assim, a comunicação das ruas não pode ser seguida com exatidão. Não se pode medi-la como impulsos que entram e saem de um sistema. As ambiências comunicacionais tornam-se pontos onde ela pode ser observada, sem

que se tenha garantias da sua propagação. Alguns destes fragmentos vão flutuar ao longo do dia ou da semana, para depois cair no esquecimento.

A forma comunicacional instaurada pela ambiência da banca permanece como possibilidade para que uma imensa conversação tenha prosseguimento. Uma conversação entre anônimos, em permanente contato no cotidiano. Uma interlocução entre diferentes que se esbarram num espaço comum e que, nestes pontos do espaço, têm a possibilidade de estabelecer um diálogo com a cidade — neste composto de tempo-espaço — que compartilham. Nas ambiências pode-se dizer ou narrar a cidade, aí nasce o germe das possibilidades de interferir e participar da vida urbana. As ambiências tornam-se portas de entrada para a vida urbana na perspectiva destes sujeitos que circulam cotidianamente por suas ruas. Se a possibilidade de participar mostra-se ilusória, pois os centros onde as grandes decisões são tomadas estão afastados das ruas, as ambiências tornam possíveis as pequenas apropriações cotidianas, aquelas que em constante interação com as grandes transformações conformam os lugares da cidade, tornando-os reconhecíveis. Esta participação pode ser mínima, molecular, se formos usar um termo de Deleuze e Guattari (1997) e pensar em microtransformações dos lugares. A ambiência comunicacional da banca expõe as novidades. Ao colocá-las em circulação, possibilita as interlocuções, movimentos de desterritorialização e reterritorialização que exercitam e recriam o cotidiano. Estando na rua, a banca realiza o que outros dispositivos comunicacionais fazem no espaço privado. As trocas ali acontecem numa relação de copresença com os outros, conhecidos ou não, diferente por exemplo das relações de familiaridade e de privacidade proporcionada pela TV. Na rua, as informações são consumidas no burburinho da cidade, marcadas por seus ritmos e afetadas por suas tensões. As relações na rua participam do estranhamento, do anonimato e do sentido de coletivo que esta provoca. A comunicação da banca acontece na paisagem e é contaminada por seu entorno.

Os outros acontecimentos da paisagem afetam a ambiência, conferindo características especiais ao tipo de comunicação que acontece ali. Há bastante movimento e características diversas estão colocadas a uma distância bem menor que os 100 metros previsto no Código de

Posturas. A primeira banca percorrida na pesquisa doutoral localiza-se na esquina ao lado da avenida Afonso Pena. É a banca Glória que se anuncia como especializada em quadrinhos. No quarteirão fechado, a poucos metros dali, localiza-se a Banca 24 horas. Na mesma esquina, ao lado da avenida Amazonas, está a terceira. Quem passa por ali numa manhã de sol e tem tempo para se sentar nas estruturas compridas que lembram uma arquibancada, vai ter a companhia de pessoas que estão no percurso para o trabalho, para as compras, para a aula ou em quaisquer outras tarefas e que optaram por parar ali para descansar um pouco e apreciar o movimento. As pessoas se sentam sozinhas ou em pequenos grupos. Uma grande parte delas tem nas mãos o mesmo tablóide, um jornal do tipo “popular” que se tornou um campeão de vendas, desbancando o Estado de Minas, o grande jornal dos mineiros. O lugar convida à conversa e a atitude corporal adotada permite ou afasta a abordagem de um estranho próximo. Se a pessoa está sentada com um caderno tomando notas, ninguém se aproxima. Mas ao fechar o caderno e levantar o olhar, imediatamente ela é abordada por alguém, por exemplo, um *office-boy* que faz uma pausa na lida do dia-a-dia. O assunto pode ser qualquer: as eleições, o jogo de futebol, a história do bebê encontrado na Lagoa da Pampulha.

As bancas do local fornecem a matéria-prima para estes encontros. A pessoa pode comprar um jornal ou se aproximar de uma das bancas para ler as manchetes da primeira página dos jornais que estão pendurados nas portas abertas ou nas estantes cuidadosamente arrumadas para facilitar esta prática. Em todas as esquinas da Praça, estes leitores se aglomeram em torno das bancas. Sempre há pessoas conversando com o jornaleiro, outras aguardam a vez, algumas se colocam de lado e lêem as notícias. Na esquina do antigo Cine Brasil, as duas bancas, uma na Rua Carijós e outra na Afonso Pena, dividem a calçada com as cadeiras de engraxate, com o movimento do Café Nice e do ponto de táxi. É possível distinguir pequenos grupos de pessoas na calçada, em geral do sexo masculino e de meia-idade ou aposentados. Estes grupos de frequentadores anônimos revezam-se ali por todo o dia, renovando sempre a Praça como ponto de conversa e encontro.

As notícias do dia funcionam como fio tecendo e entrelaçando as conversas do dia. Todas as demais esquinas da Praça possuíam suas bancas. Ali elas são maiores, pois as calçadas largas e os quarteirões fechados o permitem. Uma delas, que se localiza entre o McDonalds e o Cine Brasil, tem um formato diferenciado. Tem duas laterais e a frente mais larga formando um triângulo — se vista de cima. A frente é aberta convidando o consumidor a entrar. Todas as bancas dali são muito movimentadas e apresentam uma grande variedade de títulos de publicações como seu principal atrativo. Duas delas se apresentam como diferentes: a banca Glória, com seus mangás; e a banca 24 horas. Porém mesmo a banca que se diz especializada exhibe uma grande variedade de títulos de publicações. Em uma placa externa, a banca Glória se anunciava como a 1ª em mangá e quadrinhos. No entanto, expõe em primeiro plano uma grande variedade de títulos de jornais diários e de apostilas de concursos. Os quadrinhos estão na parte interna da banca que pode ser acessada pelo leitor. O jornalista relata que expõe apenas uma pequena parte da mercadoria que tem. “Pra você ter uma idéia. Eu estou aqui lotado e devo ter isto aqui umas três vezes em estoque guardado”, conta o jornalista da Banca Glória.

A máxima de que aquilo que o cliente não vê ele não compra, não se aplica aqui. A tática aqui é expor aquilo que capta a atenção de quem passa; neste caso os jornais diários e o material de concurso. Aquilo que é o carro-chefe de vendas da banca não precisa estar a vista. O jornalista integra uma rede da qual fazem parte consumidores de quadrinhos, editoras e distribuidoras. Através destes relacionamentos ele se especializou a ponto de poder atender as expectativas daqueles que frequentam a sua banca. “O negócio ainda está na gráfica acabando de rodar e eles já estão me pedindo para comprar a mercadoria que eles querem. A maioria do material de mangá aqui no caso eu pego com antecedência. As outras bancas não têm e eu já tenho com três, quatro meses adiantado”, explica o jornalista da Banca Glória. Há 29 anos no ramo e há 23 na Praça Sete, ele se surpreende com a chegada da clientela dos quadrinhos: “Agora, no meu caso aqui, por exemplo, eu me dediquei há uns três anos aos quadrinhos. E isso me trouxe um outro tipo de cliente. Porque antes, eu me lembro, até uns três anos e pouco atrás, eu

me lembro que minha clientela era mais mulheres e pessoas adultas. Hoje tem o jovem, quer dizer o jovem de 15 até quarenta anos, entendeu? Isto até me surpreendeu, porque quando eu comecei, eu achava que era só o jovem de quinze ou dezesseis anos. E agora eu sei que não, sei que as pessoas de 30, 35 anos lêem mangá, entendeu. Isto realmente me surpreendeu”, partilha o jornaleiro da Banca Glória.

Um espaço interno é reservado para o consumidor especializado. Segundo o jornaleiro, chegam a ficar 10 ou 12 pessoas no interior da banca. Este fator não alterou o fluxo de pessoas à procura pelas outras publicações. O jornaleiro faz questão de manter os clientes antigos que procuram pelos jornais diários, revistas e outras publicações. Isto que faz com que a banca se assemelhe externamente às demais bancas do local. Assim como as outras, ela expõe os jornais diários e apostilas de concursos na parte frontal da banca. A exposição do jornal diário alimenta a presença dos leitores em volta, que é bem-vinda, mesmo que isto não signifique que este vá comprar o jornal. A mesma tática é utilizada pelo jornaleiro da banca localizada a poucos metros dali, na avenida Amazonas. “Os jornais chegam todos os dias e nós colocamos em exposição para o pessoal ler. Tem gente que vem na banca é só sapear mesmo”, explica o jornaleiro da Banca da Av. Amazonas.

O que se oferece nem sempre é o que se espera vender. Algumas publicações atuam como chamariz e fazem com que o espaço em torno da banca seja acolhedor. Os “bolinhos” de pessoas ou as rodas de conversa participam da criação desta ambiência urbana. A publicação exposta alimenta a conversação. As escolhas do jornaleiro passam por uma espécie de leitura do lugar, do tempo e do material que ele tem disponível, como detalha o jornaleiro da Banca da Av. Amazonas: “é porque a banca trabalha assim: tem materiais que são relançados diversas vezes. A gente pega o material mais novo. Esta revista de história por exemplo: todas que chegam a gente tem que colocar em exposição. É o material mais novo. Entendeu? Então a gente tem que estar sempre renovando a exposição para atingir o alvo, né? Como é época de concurso a gente dá foco maior pros concursos. Eles não são chefe de venda, mas sempre dá”.

Além disso, o jornaleiro lida com a pressão das distribuidoras para expor todo o material com destaque; e das legislações que regem o espaço público. No espaço limitado da banca e na interação com a rua ele vai elegendo as formas de fazê-lo. A forma como a banca oferece o material que ela expõe para a leitura compõe um conjunto de pequenas estratégias ou táticas se quisermos usar a distinção feita por Certeau (1994) através do qual os jornaleiros arranjam o material que vão comercializar em relação ao lugar no qual a banca se situa. A oferta da leitura gratuita, “para sapatar” a princípio contraria o marco do comércio e do lucro que assegura a sobrevivência deste pequeno negócio. Mas ao mesmo tempo esta é uma forma de comunicação que participa da natureza da experiência contemporânea da cidade. Ela capta a atenção e faz os sujeitos se deterem em meio ao fluxo contínuo do espaço urbano. Em meio ao desfilar incessante de signos e informações do espaço urbano, esta oferta chama para a leitura. Não se trata de uma leitura na qual os sujeitos possam apreender e elaborar reflexivamente, pois são rapidamente substituídas no fluxo incessante de novidades. No entanto, é um dos mecanismos que se formam e atualizam a todo momento as percepções que os indivíduos têm dos acontecimentos e do mundo em que vivem. A forma de interação dos sujeitos com o espaço e a ambiência conforma uma maneira de perceber o mundo que se aproxima da natureza de outras maneiras próprias para ver as técnicas presentes no mundo contemporâneo da comunicação.

Em Postbenjaminiana, Beatriz Sarlo (2000) fala do examinador distraído que recebe incessantemente o impacto das imagens do videoclipe e dos espectadores adestrados na velocidade das imagens da televisão e diz: “No mesmo momento em que estes espectadores consideram que a intensidade do impacto não é suficiente para manter o interesse desperto, apertam o botão e organizam uma nova sintaxe das imagens”. A nova edição de imagens realizada por este espectador da televisão assemelha-se ao processamento que o transeunte realiza diariamente com as imagens, sons e textos disponíveis nas ruas da cidade. Benjamin falava da semelhança entre a sucessão das imagens do cinema com a experiência dos transeuntes nos embates com a multidão na cidade. As paradas nas bancas podem ser lidas como este movimento

de edição. Não é possível assimilar a quantidade de estímulos que a cidade oferece, já dizia Simmel (1976).

Em ‘Metrópole e a Vida Mental’, Simmel nos fala da intensificação dos estímulos nervosos que a vida na metrópole impõe ao seu habitante. Segundo o autor, na metrópole “[...] a rápida convergência de imagens em mudanças, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos e o inesperado das impressões súbitas” (SIMMEL, 1976, p. 12) criam condições psicológicas especiais, diferentes daquelas criadas em pequenas cidades. Para ele, o homem metropolitano cria uma atitude defensiva que lhe permite suportar esta intensidade. Já Baudelaire citado por Benjamin (1994), falava de mergulhar na multidão como num tanque de energia permitindo a este descrever a experiência do choque. Não se trata aqui de escolher a imagem mais apropriada do homem urbano. Provavelmente ambas, em algum momento, refletem a nossa relação com a cidade. Estamos diante de homens que têm que lidar com o excesso de estímulos do qual não se pode fugir. Em diversos momentos nos distanciamos e em outros mergulhamos na cidade. O que se busca aqui é entender as várias táticas que os transeuntes usam para fazê-lo. Neste sentido, busca-se aquilo que Certeau (1994) aborda em *Invenção do Cotidiano*: um exercício, uma arte de experimentar a cidade através da qual se adquire um juízo prático, que depende tanto da imaginação como do entendimento. O autor fala de um sentido (senso) comum que reuniria uma liberdade (moral), uma criação (estética) e um ato (prática). O senso comum não divide a teoria e a prática, como se pensa normalmente, mas estaria presente numa arte de pensar necessária tanto às teorias quanto às práticas cotidianas. Este juízo permite pensar as diversas formas de viver a simultaneidade temporal e espacial em jogo no espaço metropolitano.

A banca como objeto e ambiência na paisagem urbana tem que lidar com este excesso próprio da vida urbana. Ela se constitui a partir de um jogo de intenções e necessidades de sujeitos diversos — jornalheiros e transeuntes, interpelados e estimulados pelo espaço-tempo da cidade. Ela disponibiliza cotidianamente os fragmentos daquilo que se considera uma mercadoria de grande valor na cidade atual: a informação. Ao fazê-lo, alimenta a conversa de todo dia e participa do

jogo de interações que vai tecendo a vida em comum no espaço em que se localiza. Assim os ritmos do tempo urbano podem ser medidos também pelo funcionamento destas ambiências. Na Praça, elas abrem também no fim de semana e nos feriados. De manhã, é a hora das rodas de conversa. Os acontecimentos que pontuam a vida social são postos na ordem do dia: “eles leem, discutem a notícia que tem, a mais grave, tentam debater”, expõe o jornaleiro da Banca Amazonas. Lá, todos os dias são movimentados. A Praça tem tradição em bancas, afirmam. Mas existem algumas marcações que diferenciam o ritmo deste movimento, como narra o jornaleiro da Banca Glória: “A gente poderia dizer que segunda e quinta são os dias que vendem mais jornais, por causa do esporte”. A regra é que o material novo é sempre exposto com destaque. E o jornaleiro tem que acompanhar o momento.

Durante a realização das entrevistas, quase todas as bancas próximas à Praça Rio Branco reservavam uma área especial para a exposição de apostilas de concursos e, em menor número do que na Praça Sete, reservam suas diferentes características. Dão uma impressão mais acanhada e ostentam outros itens, como bonés, óculos, capas de celular, e adesivos que dividem os lugares mais nobres de exposição com as publicações. Elas parecem menores em tamanho se comparadas com as bancas da Praça Sete. Uma delas, localizada na esquina da Rua dos Caetés, de frente para a Praça Rio Branco, parece um ponto de comércio que acoplou ao seu corpo bancas de diferentes camelôs que foram retirados das ruas desta região central após a implantação do Código de Posturas. Dos lados, quase se tem que adivinhar a forma da banca de jornais e revistas por baixo dos produtos diversos, como óculos bonés e capas para celulares. Na frente da banca forma-se algo como uma cortina de revistas penduradas umas nas outras, criando uma espécie de penumbra no interior da banca. No fundo, mal se enxerga o rosto de um jovem rapaz que atende na banca. As revistas penduradas são, na sua maioria, eróticas exibindo homens ou mulheres com pouca roupa, em poses sensuais em suas capas. Os cantos desta parte são arrematados, de um lado, por uma fileira de jornais que anunciam empregos e concursos públicos e, de outro, por diversas miudezas como chaveiros, isqueiros e afins em exposição.

Outra banca, na esquina da Avenida com a Rua Tupinambás, ainda que semelhante a anterior, diferencia-se ligeiramente pelo tamanho maior. As publicações não são o único material em destaque. Uma de suas laterais tem um monitor de vídeo game que pode ser usada e uma estante com diversos jogos em exibição. Uma placa anuncia Jogos e acessórios para computador. A outra lateral abriga um serviço de conserto e venda de acessórios para celulares. O carro-chefe das vendas, segundo a trabalhadora do local, são as bugigangas (sic) e adesivos para carro feitos sob encomenda. Eles são expostos na parte frontal da banca dividindo esta área mais nobre de exposição com revistas eróticas. “O que vende mais é pornô. Em geral, tanto de mulher, de ‘hétero’ quanto de ‘homo’”, argumenta a empregada da banca. As duas últimas bancas apresentadas estão localizadas em calçadas onde o fluxo é bastante intenso e, diferente do que acontece na Praça Sete, o movimento da banca parece não se comunicar tanto com o lugar onde as pessoas se deixam parar, que é a Praça Rio Branco.

O lugar não é tão convidativo. O movimento em torno da banca é menor e aparentemente mais voltado para ela. Os jornalheiros vão usar outras formas ligeiramente diferentes de se relacionar com o espaço em volta da banca e participar da criação da ambiência comunicacional. Numa paisagem como a da Praça Rio Branco a atitude é menos convidativa. Na banca da Tupinambás, a empregada diz que ali não se expõe o jornal, pois a fiscalização da Prefeitura é muito rigorosa e não permite que se exponha nada nas laterais pois isto atrapalha o fluxo dos transeuntes. Sobre a objeção de que na parte frente é permitido expor as publicações, ela responde: “pode expor, mais aí junta aquele tanto de gente na frente da banca fica lendo o jornal e aí atrapalha. Tem alguns meses que a gente não expõe mais”. Ela diz que isto não interfere com o movimento da banca, pois antes as pessoas folheavam o jornal, liam de graça e não compravam. A preocupação com a fiscalização se revela também no conteúdo do material exposto. As revistas ostentam tarjas que ocultam a nudez dos modelos fotografados nas capas ou não podem ser expostas, “está proibido pelo Juizado de Menores”, relata. O material mais novo nem sempre tem prioridade, pois algumas das revistas antigas são mais procuradas, explica o trabalhador da Banca da Rua dos Caetés:

“tem playboys antigas até novas. Tem a Viviane Araújo, uma artista famosa, é mais procurada do que uma que saiu neste mês”.

Nestas bancas, as interações com o consumidor em potencial são propostas de forma ligeiramente diferentes. Ao dizer que a banca oferece prioritariamente material erótico ou “pornô”, os trabalhadores manifestam esta diferença. O movimento de pessoas conversando, segundo os dois entrevistados, atrapalha. Ambos dizem que não conversam muito com os fregueses e dizem que a frequência das duas bancas é formada na sua maioria por homossexuais do sexo masculino que vem adquirir as revistas eróticas. É este consumidor que é esperado como o cliente da banca. Segundo os entrevistados, ele é atraído pela localização da banca. No caso da banca da rua Tupinambás, a trabalhadora associa a frequência também ao fato de serem mulheres a atender os consumidores: “Eu acho que é porque ali trabalham duas mulheres: eu e minha chefe. Pelo fato da gente ser mulher eles ficam mais a vontade. Aí eles chegam perguntam. Nunca falam que é pra eles, lógico. Ah, é para dar de presente!’. Quando era um rapaz que trabalhava lá, a gente não vendia tanto igual a gente vende hoje. Acho que eles têm mais liberdade com nós mulheres”.

Perto destas bancas não se encontram tantos grupos de conversa como aqueles encontrados na Praça Sete. Vez por outra um grupo de *office-boys* para perto dos produtos para celular do lado de fora da banca. Na rua Tupinambás, às vezes, se juntam duas ou três pessoas em volta de um jovem que joga videogame na lateral da banca. Nestas bancas, os trabalhadores percebem um movimento maior quando se aproxima o fim de semana e dizem que quinta, sexta e sábado são os dias de maior movimento de venda na banca. A segunda também é citada pelo trabalhador da banca da rua dos Caetés, que ressalta ainda que no início do mês o movimento é maior, pois as pessoas recebem seus salários.

Nas proximidades das Praças Afonso Arinos e Alberto Deodato, as duas bancas observadas são bem diversas entre si apesar da proximidade. O jornaleiro que trabalha na calçada próxima ao Edifício Maletta ostenta com orgulho a variedade como o principal atributo de sua banca. Já a banca situada na rua Goiás exibe na parte frontal uma placa com os dizeres “Banca Metrôpole — Só concursos e Games”. A banca da Av.

Augusto de Lima situa-se ao lado de um ponto de ônibus e ao lado de uma das entradas do Edifício Maletta, e de outro edifício residencial. A área é fortemente marcada pela frequência do Maletta, que reúne uma boêmia mais intelectual e pela concentração de livrarias do Edifício. O jornalista está no local desde 1964, se instalou lá pouco depois da construção do Maletta. Diz que não se dedica a nenhum tipo de material e possui material mais variado que as bancas da vizinhança. “Tudo que é exposto vende”, conta o jornalista da Banca na Av. Augusto de Lima.

O movimento em volta é grande e a banca parece integrar-se a ele a ponto de não ser possível distinguir claramente entre aqueles que esperam o ônibus, estão na porta da livraria, entram e saem dos edifícios residenciais. Soma-se a isto as mesas muito próximas da calçada de uma casa de chope com movimento diário. Na calçada, a banca coloca-se no caminho e acolhe aqueles que passam. Seu atendimento mistura uma certa familiaridade própria de área residencial. Não é incomum o jornalista chamar pelo nome um senhor de idade que sai do prédio residencial e entregar-lhe algo que guardou especialmente para o transeunte. Também pode chamar um outro passageiro e lhe comunicar que já chegou a revista de uma outra pessoa. O jornalista expressa sua maneira de lidar com a sua presença na rua frisando que está ali para atender a todos de forma igualitária: “De mendigo a juiz. Eu tenho dois fregueses que são juizes e atendo mendigos, os pivetes que moram na rua. Eles vêm aqui e compram um cigarro picado. Lido com pobre e com rico é a mesma coisa”, narra o jornalista da banca na Av. Augusto de Lima. A configuração da banca cria um lado de dentro e um de fora que o jornalista usa para proteger seus fregueses. Ele diz que não deixa idosos e crianças mostrarem seu dinheiro do lado de fora, ele os faz entrar para que não corram o risco de serem roubados.

A banca da rua Goiás era situada em um lugar onde o movimento de carros e transeuntes é bem menor do que a anterior, mas com características bem próprias. Neste quarteirão estão os fundos de edifícios públicos importantes como a Receita Federal, a Prefeitura e os Correios. Perto dali situam-se cartórios e sedes de tribunais. Neste trecho da rua não há pontos de coletivos e na extremidade oposta da banca está a pequena praça Alberto Deodato. A banca encontra-se de

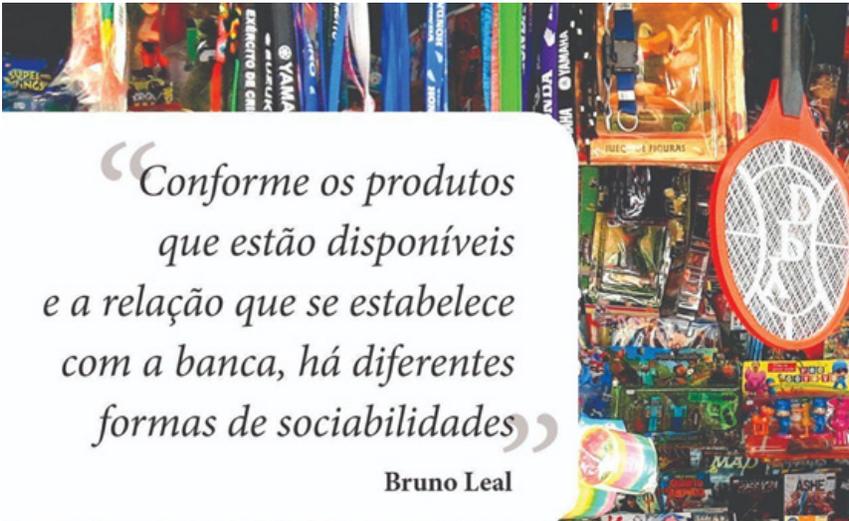
um lado não muito movimentado da rua e as pessoas que param por ali aparentemente se dirigem exclusivamente à banca. A banca não é grande e tem as laterais cobertas por exemplares de jornais especializados em concursos e empregos, poucos jornais diários, adesivos e anúncios de apostilas. A parte frontal é reservada para a exposição de jogos, de revistas variadas e de um jornal de concursos. Uma placa amarela, colocada no alto em uma das laterais, traz os dizeres “Aqui Inscrição p/ concursos pela Internet”. Mais no alto da banca, na mesma lateral uma faixa anuncia que a banca tem apostilas para todos os concursos e oferece serviço de *xerox* no local.

Situada num trecho da Goiás que já foi de grande efervescência, a banca Metrôpole deixou de ter como vizinhos o Cine Metrôpole e a redação principal do Estado de Minas. Anteriormente ela era um corredor estreito lotado pelos veículos dos trabalhadores do local com um trânsito local muito lento. Atualmente, seu movimento parece se constituir basicamente daqueles que procuram os serviços públicos do local e dos poucos que se deixam ficar na pracinha. A banca constitui um atrator de movimento, mas diferente do que acontece com a banca da Augusto de Lima, não parece misturar aos outros movimentos a sua volta. Ela se tornou um quiosque de serviços, cujos atrativos principais são as apostilas de concurso e inscrições pela internet e os jogos para videogame ou computador. Ela pode ser considerada um exemplo de uma situação temida pelos jornalistas. Segundo eles, a atividade de banca está ameaçada pela concorrência de outros pontos de venda de jornais e revistas como farmácias ou supermercados. Outra ameaça é representada pela venda de assinaturas e pela Internet. A banca pode até sobreviver, arriscam, mas como outra modalidade de comércio e de serviços.

Há 51 anos no ramo, o jornalista da avenida Augusto de Lima abria sua banca de domingo a domingo até na sexta-feira da Paixão e não se mostrava pessimista. Encarava sua atividade como uma missão e dizia que a procura por sua banca acontecia porque ela abria todos os dias e porque ele conhecia o seu ofício. Segundo ele, os acontecimentos marcavam o ritmo de sua banca. “Quando acontece alguma coisa, as pessoas se comunicam mais. Quando há alguma coisa, sempre aumenta a venda de jornais e sempre há críticas. As pessoas ficam criticando a

situação que está acontecendo. Alguma coisa como o caso da menininha, que o povo é contra. O mensalão”, conta o jornalista. A sua maneira, cada banca vai interpelando a paisagem na qual se situa e sendo interpelada pelo que acontece a sua volta.

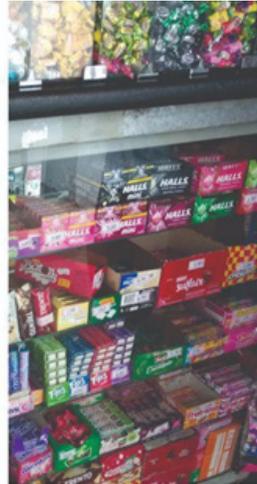
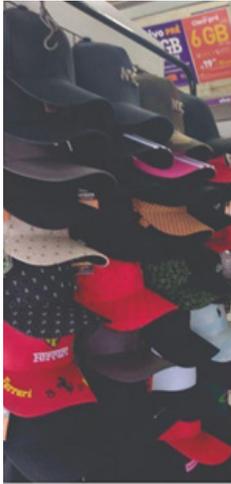
Entre as bancas do Hipercentro, as semelhanças eram muitas; o espaço urbano que as cercava era semelhante, na conformação, no movimento. Ao mesmo tempo elas iam assumindo pequenas diferenças ao se relacionarem com este espaço que era e é profundamente desigual. Também seu funcionamento ia sendo marcado por fatos que acontecem longe dali e que atravessam o espaço conectando a banca e seus frequentadores a outros lugares e a outras formas de viver o tempo presente. Ao fazer isto ela se constituía um objeto urbano em comunicação permanente. Um dos inúmeros nós de uma vasta rede social. Em torno dela aconteciam o que chamamos das situações de comunicação, minúsculos acontecimentos que, no cotidiano, animam e fazem parte do desenrolar da vida social.



*“Conforme os produtos  
que estão disponíveis  
e a relação que se estabelece  
com a banca, há diferentes  
formas de sociabilidades”*

**Bruno Leal**





**Da esquerda para a direita:**

*Itabira (MG), Igor Lage;*

*Belo Horizonte (MG), Thiago Pimentel*

*São Luís (MA), Poliana Sales;*

*Belo Horizonte (MG), Prussiana Fernandes*

*Fortaleza (CE), Daniel Macêdo;*

*Iguatu (CE), Daniel Macêdo;*

*São Paulo (SP), Daniel Macêdo;*

*Belo Horizonte (MG), Prussiana Fernandes*





## CAPÍTULO 2

# As bancas como “catástrofes cotidianas”: adaptabilidades e inconclusões

BRUNO LEAL

FELIPE BORGES

IGOR LAGE

### **Ainda assim: possibilidades concretas de viver (n)a catástrofe**

As bancas de jornal e revista fazem parte da vida de diferentes cidades, em vários países. Elas estão integradas à paisagem de calçadas, ruas, praças e avenidas, bem como ao ir e vir das pessoas. Elas são uma espécie de marco no tecido urbano, com o qual é possível estabelecer uma relação provisória ou ainda desenvolver um contato regular, habitual, ou mesmo ser indiferente. A sua integração às dinâmicas da vida urbana faz com que muitas pessoas não se atentem às transformações pelas quais as bancas passam cotidianamente. Como “lojas de varejo” (IQANI, 2012), que têm grande adaptabilidade aos ritmos e fluxos das cidades (FONSECA, 2008), as bancas convivem já há algum tempo com o impacto das fortes mudanças pelas quais a indústria editorial vem passando. Ainda que as “culturas do impresso” permaneçam, inclusive nos formatos e modos de ser de certos produtos digitais, as bancas cada vez menos vendem jornais e revistas — ou esses, no mínimo, deixam de ser seus produtos principais, em boa parte dos casos.

Se não são mais bancas “de jornal” e “de revista”, qual é, então, sua identidade? Essa pergunta, aparentemente instigante, leva a um equívoco,

pois supõe que havia, em tempos remotos, uma única identidade para as bancas e que ela dependia exclusivamente dos produtos impressos. Ainda que, como aponta Iqani (2012), fosse a profusão de encadernações de diferentes cores e formatos que fizessem das bancas uma espécie de “espetáculo semiótico”, elas já faziam, há bastante tempo, com que essa identidade convivesse com outras. A pesquisa conduzida por Cláudia Fonseca (2008), em Belo Horizonte, na metade dos anos 2000, já registrava uma diversidade de “modos de ser” banca, mesmo que muitos desses modos ainda estivessem fortemente vinculados aos produtos impressos. No chamado hipercentro da capital mineira, Fonseca encontrou bancas especializadas em material para concursos públicos, em mangás, em publicações pornográficas, em livros e revistas antigas, algumas delas vendendo também água mineral, balas, doces e uma diversidade grande de produtos.

O que uma banca pode ou não vender, assim como as regras gerais sobre seu funcionamento, sua propriedade e sua localização em ruas e calçadas, costuma ser estabelecido por legislações municipais específicas. No entanto, nem toda cidade possui esse regramento. Algumas grandes cidades brasileiras, como Fortaleza, por exemplo, não o tem, ao menos até o momento da escrita deste texto. Naquelas em que há regras para as bancas, elas podem ser mais ou menos genéricas ou restritivas. Em todos os casos, porém, as bancas materializam em si uma curiosa combinação de fixidez e maleabilidade, fundamental para sua sobrevivência. Em geral, elas são feitas de material rijo, resistente e de grande durabilidade, como o aço (na maioria dos casos), e também concreto e madeira. São, nessa ótica, esses corpos duros e imóveis na paisagem urbana. Por outro lado, as bancas também se fazem e se refazem de acordo com as mudanças dos tempos, se desdobram e se moldam ao seu entorno buscando formas de sobreviver.

Neste capítulo, gostaríamos de aproximar esses processos de existência das bancas de discussões acerca do termo *catástrofe*. Partindo do pressuposto de que a catástrofe não está associada somente à ideia de fim e destruição, uma vez que convoca diferentes movimentos temporais e interpretativos a depender dos modos como é articulada para pensar os fenômenos (BERTOL, MAIA, VALLE, MANNA, 2020; DUPUY,

2011; ROUSSO, 2016, entre outros), podemos pensar, numa primeira visada, as bancas e a catástrofe em uma relação com o ocaso de uma cultura da mídia jornalística impressa. Essa “decadência” é fortemente representada pela queda expressiva nas tiragens e vendas desses tipos de produtos, que, como lembramos, são tão associados à imagem da banca que até funcionam como um complemento corrente para o seu nome. Se, hoje, as bancas são lojas com diferentes produtos e serviços, variáveis conforme o local onde se inserem, enquanto bancas “de jornais e revistas” podemos compreendê-las como uma catástrofe em andamento, ainda inconclusa. No entanto, ao mesmo tempo que simbolizam a falência progressiva de um mercado editorial específico, também são respostas possíveis a essa mesma catástrofe, ou seja, são potenciais índices de sua superação, de um outro mundo já em construção.

Pensar a catástrofe como um processo em andamento aponta para uma temporalidade nem sempre associada a ela: o cotidiano. Nessa chave, a catástrofe afasta-se momentaneamente de sua forte filiação com a ideia de um “acontecimento-limite”, um evento que provoca uma ruptura súbita e violenta, para ser pensada como um *acontecer* (LEAL; GOMES, 2020, p. 33). Articulada a uma dimensão temporal do cotidiano e à presença imponente que ela convoca de uma experiência em curso, a catástrofe pode ser pensada, assim, como algo que integra o fluxo da vida — e não como algo que inevitavelmente o interrompe — e que nos permite perceber um caráter de inconclusão, indefinição e instabilidade em torno dos sujeitos e/ou dos fenômenos em questão.

Nesse sentido, tomamos as bancas neste trabalho como “catástrofes cotidianas”, edificações que materializam dia a dia, ao mesmo tempo, a sua própria desaparecimento (a sua identidade como “de jornal” e “de revista”) e também seu renascimento. Com isso, elas afastam a associação da catástrofe como um acontecimento único, temporalmente demarcado. Na direção contrária, as bancas se apresentam como acontecimentos em processo, em andamento, e como experiências múltiplas, atravessadas por distintas temporalidades e diversas articulações identitárias. Sendo ainda reconhecidas como bancas “de jornal” ou “de revista”, elas também já são *outras*, de lojas de produtos baratos a locais de prestação de serviço.

A associação das bancas à catástrofe, portanto, não diz respeito exclusivamente de um evento iminente, que irá irromper a qualquer momento, e pode ser esperado com medo ou esperança (“a banca irá morrer”); não se refere apenas também a um desastre já passado (“a banca morreu”), a partir do qual é preciso reorganizar outras formas de existência, renascer, reviver (“há uma outra banca por vir”). Ambos conjuntos de relações, que articulam a seu modo passados, presentes e futuros, estão contidos nessa catástrofe em andamento. Se, numa perspectiva mais ampla, a catástrofe das bancas ainda está acontecendo, em alguns lugares ela já é passado presente em ruas e calçadas, em que nos deparamos tanto com bancas “mortas”, reduzidas a seu esqueleto de aço ou concreto, ou ainda em que algo já é deixado para trás na adoção de um outro modo de ser. Há aquelas, ainda, para as quais o tempo de decadência e ocaso parece (ainda?) não ter chegado. Entre uma e outra realidade, há também as bancas que talvez estejam como que ainda em transição, em busca permanente de si mesmas, como mostram as figuras a seguir (Figuras 1, 2 e 3).



Figura 1 - Uma banca “morta” na Alameda Jaú, próxima à Rua Augusta, na capital São Paulo.  
Fonte: Bruno Leal/Tramas Comunicacionais (2021).



Figura 2 - Banca “reencarnada” na Rua Carijós, em Belo Horizonte, Minas Gerais.  
Fonte: Bruno Leal/Tramas Comunicacionais (2021).



Figura 3 - Banca “em transição” na Praça do Ferreira, em Fortaleza, Ceará.  
Fonte: Daniel Macêdo/Tramas Comunicacionais (2021).

## Permanências e mudanças

Uma banca, como se vê, é, antes de tudo, uma presença: ocupa um espaço na rua, institucionalmente regulado em boa parte das cidades brasileiras. A partir dessa presença, material e incontornável, estabelece-se

um circuito comunicativo, o qual desponta em meio ao fluxo cotidiano da cidade. Nesse sentido, a banca é parte do caminhar pelas ruas: ao andar pela cidade, o pedestre encontra esses pontos de ancoragem (LEAL; MACÊDO, 2022, p. 4). Mesmo o motorista, no trânsito impessoal por espaços indiferenciados, precisa descer do carro e tornar-se brevemente um pedestre para comprar algo na banca. Conforme Cláudia Fonseca, as bancas são “[...] possibilidades de se interromper o fluxo contínuo dos transeuntes sobre calçada” (FONSECA, 2008, p. 125). Como referência na paisagem urbana, as bancas possibilitam uma interrupção, convocam uma parada ou uma desaceleração e se apresentam como convite a uma gravitação ao seu redor: pessoas que param para ver as capas de jornais e revistas (onde ainda se fazem presentes), para comprar algo, para pedir informações, para conversar com o jornalista e/ou com outras pessoas que orbitam, cotidianamente, aquele local. Um momento de lentidão que altera a cadência do caminhar urbano.

Na comparação entre as fotografias acima (e também a seguir), podemos observar peculiaridades e também permanências. Todas as imagens são de estruturas reconhecidas como bancas, mas cada uma delas é única, singular, encravada e adaptada àquele ponto particular da *sua cidade*. Do ponto de vista do espaço físico, é possível que não tenha havido alteração alguma em sua estrutura. As bancas, porém, não são as mesmas. Em que consiste então sua permanência e, ao mesmo tempo, o que faz delas movimento?

Ao chamar o pedestre para uma pausa, as bancas instigam também uma experiência vertiginosa, seja pela miríade de cores e imagens do que ofertam (capas de celular, exemplares de revista ou bichos de pelúcia, entre vários outros), seja pela abundante variedade de produtos para venda, dispostos em prateleiras, pendurados no teto, posicionados na calçada. A depender da banca, parece caber um mundo ali dentro (Fig. 4). O vazio que sua suposta “decadência” expõe também pode, a seu modo, produzir vertigens e outras afetações. Muitas vezes, porém, a mirada em relação às bancas resiste à vertigem e opta pelo que é habitual: é ali onde se busca informação, onde é possível fazer uma fotocópia, onde se compra água, conserta-se telefone e *também* se pode adquirir, conforme o caso, uma revista de palavras cruzadas.



Figura 4 - Banca “faz tudo” na Rua José Cleto, Bairro Palmares, em Belo Horizonte.  
Fonte: Luciana Amormino/Tramas Comunicacionais (2021).

Em Capitólio, cidade turística do interior de Minas Gerais, com menos de 10 mil habitantes, uma banca de revista está presente na pequena rodoviária (Fig. 5). Passa boa parte do tempo fechada, mas abre próximo aos horários de partida e chegada dos ônibus. Nessa banca, quase não se vê nenhum produto impresso. Já em Itabira, a pouco mais de 400 km, também em Minas Gerais, a banca Joelbra, no centro da cidade, tem de “um tudo um pouco”, incluindo revistas, brinquedos, produtos sazonais e de utilidade diária (Fig. 6).

Se em Capitólio a pequena banca deixa o espectador e seu potencial consumidor do lado de fora, em Itabira é possível passear pelo interior da loja, ao sabor das suas diferentes e muitas vezes superpostas seções. Por sua vez, em Nova Lima, a 86 km de Itabira e a 330 km de Capitólio, uma de suas bancas, na Praça do Mineiro e perto da parada do ônibus urbano, oferece uma diversidade de conveniências, especialmente para quem sobe e desce dos coletivos (Fig. 7). Nessa banca, é possível entrar e comprar, exceto na seção de revistas que, isolada por uma corrente, é apenas observada a uma distância segura.



Figura 5 - Banca na Rodoviária de Capitólio, Minas Gerais.  
Fonte: Bruno Leal/Tramas Comunicacionais (2021).

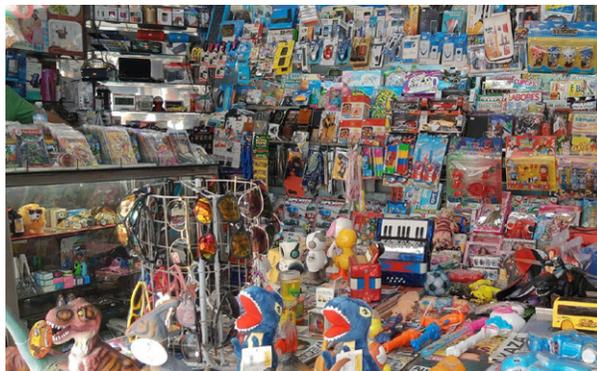


Figura 6 - Banca Joelbra, em Itabira, Minas Gerais.  
Fonte: Igor Lage/Tramas Comunicacionais (2021).



Figura 7 - Banca Praça do Mineiro, em Nova Lima, Minas Gerais.  
Fonte: Felipe Borges/Tramas Comunicacionais (2021).

O olhar que percorre o interior e o entorno de uma banca torna-se, inevitavelmente, fragmentário, pulando entre manchetes de jornais e embalagens de produtos, edifícios e equipamentos urbanos — tudo em meio à paisagem sonora da cidade. Como “espetáculos semióticos”, as bancas, como aponta Iqani (2012) “[...] operam como palcos em que se dá o consumo visual do espetáculo das mercadorias” (IQANI, 2012, p. 61, tradução nossa). Esse espetáculo, porém, projeta um participante que, a princípio, pode ser uma pessoa qualquer, mas é, antes de tudo, alguém que “passa por ali”, que é então um agente, mesmo que provisório, da paisagem peculiar do fragmento urbano no qual a banca habita e se faz ver.

As bancas, assim, não são meras lojas de varejo — mesmo quando passam a vender produtos típicos de estabelecimentos comerciais “de conveniência”. E isso não se deve apenas a uma questão legislativa / regulamentadora, distante e indiferente à maioria dos clientes: deve-se, isso sim, à experiência peculiar que a banca oferece. Diferentemente das lojas convencionais — as quais pedem que o transeunte deixe a rua e nelas entre —, as bancas fazem parte da calçada e atravessam o caminho de quem por elas passam. Quem se dispõe a parar ali para algo comprar ou com o objetivo de prostrar *permanece* em meio a outras pessoas que seguem seu caminho, aos barulhos do trânsito, ao sol e à chuva. As bancas fazem parte, assim, de rotas e lugares particulares que constituem as próprias entranhas da cidade.

### **Assim também: adaptabilidades e inconclusões**

É possível dizer, talvez melancolicamente, que as bancas ou já acabaram ou estão acabando — muitas, de fato, desapareceram. Sob esse ponto de vista, como bancas “de jornais e revistas”, elas seriam vestígios de um passado cada vez mais remoto. Porém, há aquelas que ainda assim estão aí, viventes, sobre calçadas. Naquelas que sobraram, onde foram parar as vistosas capas de revistas, os jornais vendidos aos montes pela manhã? A ideia da catástrofe cotidiana exige, por isso, um cuidado maior: não se trata de uma noção fatalista (guiada pela marca da decadência e do fim), mas de uma imagem que pode indicar também, entre outros destinos, a superação de certo estado de coisas —

estamos falando de algo que presentifica um processo em curso (LEAL; MACEDO, 2022). Segundo Bruno Leal e Itania Gomes (2020), uma catástrofe cotidiana pode ser

[...] ao mesmo tempo espacial e temporal, vinculada a um “murmúrio” do mundo, a um passado presente que promove um estranhamento insuportável, muito além de qualquer sentido de atualidade conformado por discursos institucionais, turísticos, comerciais, etc. (LEAL; GOMES, 2020, p. 37).

Por isso mesmo, conforme os autores, a imagem de uma “catástrofe cotidiana” é a de um “estranhamento”, um incômodo. No caso das bancas, particularmente, o estranhamento parece estar associado a uma memória afetiva que muitas pessoas têm em relação ao que esses estabelecimentos foram em outros tempos. Por serem parte da cidade e integrarem os fluxos transitórios de tanta gente, confiavelmente mantendo-se sempre “fixas” em um mesmo lugar, não é de se admirar que as bancas se tornem pontos referenciais de diferentes cotidianos, com os quais se pode estabelecer uma relação de familiaridade e até mesmo de carinho. Nesse aspecto, a proposta de pensar a catástrofe associada ao cotidiano e às bancas ganha ainda mais força, pois, em muitos de seus sentidos, a catástrofe representa justamente um rompimento da familiaridade, um golpe no cotidiano, seguido da conseqüente imposição de uma *outra* condição. Portanto, nesses casos, o estranhamento com o que a banca se tornou é fruto de um processo de nostalgização (LEAL, BORGES, LAGE; 2018) de uma identidade possível dessa banca, geralmente uma identidade de “banca de jornais e revistas” que em algum momento ela assumiu, mas que hoje não condiz mais com o que ela é. Trata-se de lançar à banca do presente a imagem de uma banca do passado, que sobrevive na memória do sujeito, mas não sobreviveu tal como era à passagem do tempo e aos novos arranjos socioculturais que se impuseram.

Com isso, ilumina-se uma outra característica fundamental da catástrofe: ela não afeta de maneira isonômica todos os sujeitos envolvidos. No universo das bancas, para algumas, a catástrofe representou efetivamente o fim; para outras, ela segue em curso, tensionando seus modos de ser e estimulando a construção de outras identidades.

As bancas resistem e existem não porque se tornaram antiquários, espaços de nostalgia por tempos outros, mas porque se transformaram e seguem em mutação. Nesse sentido, talvez seja possível afirmar que o estranhamento também se dá pelo contraste entre a materialidade concreta da banca — que permanece a mesma, com poucas e eventuais alterações ao longo do tempo — e as dinâmicas que ela enseja a partir dos novos tipos de comércio aos quais passa a se dedicar, que incluem produtos como capas de celular, perfumes, chaveiros, apostilas, guarda-chuvas e flores, além de serviços como fotocópia.

Se podem ser vistas como o rastro de um passado que já se foi, elas também se apresentam como o vestígio de presentes possíveis, conectado, por sua vez, a futuros que se anunciam “aqui e agora”. Tradicionalmente, o vestígio está conectado a esse estranhamento da ordem do espaço-tempo, ao guardar uma complexidade temporal: é algo do passado que ainda se faz presente. É a presença de uma ausência, conforme leitura de Paul Ricoeur (2010). Segundo o filósofo francês, o rastro indica uma dimensão espacial (aqui) e temporal (agora), uma “passagem passada”. No caso das bancas, essa passagem seria a existência de uma dinâmica que era, mas não é mais (pelo menos não da mesma forma que antes): a da venda maciça de jornais e revistas pelas bancas, que sustentavam e justificavam a existência de um aparato urbano específico. Mas a presença ausente do vestígio pode ser também um sinal de um fluxo atual, presente, que responde aos movimentos atuais que fazem parte da vida das cidades e que seguem em direção a futuros momentaneamente plausíveis. Ao se articularem a essas dinâmicas, as bancas parecem se tornar então respostas provisórias, talvez vestígios contemporâneos de imagens de futuro, do que poderão continuar a vir a ser. As bancas, assim, permanecem nos mesmos lugares por sua flexibilidade e sensibilidade aos fluxos temporais. Em sua dimensão intermediária — continuam onde sempre estiveram, mas não são as mesmas de antes —, tornam-se um incômodo — o qual pode ser traduzido no questionamento: “o que essas bancas *ainda* fazem aqui? ”.

As bancas podem ser encaradas, então, menos como parte de uma catástrofe já efetivada e mais como possível resposta a ela. Em sua adaptabilidade, permanecem como elemento fundamental da paisagem

urbana, ainda que de formas cada vez mais variadas (Fig. 8). Essa diversificação se intensifica nos últimos anos, e parece ser a chave para a sobrevivência de tais estabelecimentos. Nesse sentido, as bancas acompanham um processo mais amplo de flexibilização e diversificação que atinge diversos sujeitos, áreas e dispositivos na atualidade: o profissional que precisa dominar o conhecimento de seu campo, mas também técnicas de divulgação em redes sociais online; a literatura cujas fronteiras com a reportagem jornalística não é tão evidente; o estádio que abriga jogos de futebol, mas também concertos musicais; o celular que faz ligação, mas também filmagens, operações bancárias e monitoramento cardíaco. A adaptabilidade e a flexibilização surgem como signos fundamentais da contemporaneidade, com consequências as mais diversas. Nesse processo de multiplicidade — com exigência de versatilidade, diversidade e atendimento a variados públicos e interesses —, nos deparamos com produtos, serviços e pessoas que servem a mais de uma finalidade, a mais de um uso possível.



Figura 8 - Banca em João Pessoa, na Paraíba, que vende revistas, oferece serviços rápidos e é, também, lanchonete.

Fonte: Bruno Leal/Tramas Comunicacionais (2022).

Determina-se, desta feita, a incoerência de pensar as bancas em identidades planas e únicas — modulam-se várias delas, conforme o contexto e a necessidade do momento. Não são mais, afinal, bancas “de

jornais e revistas” — são bancas, apenas. Além disso, diante da facilidade de se acessar qualquer serviço ou produto a todo momento, a banca precisa se apresentar como polo de múltiplos interesses e possibilidades: se é isso que a/o consumidor/a (qualquer consumidor/a) precisa (naquele momento), ele/ela vai encontrar ali. Em sua adaptabilidade, as bancas se apresentam como respostas possíveis a certas catástrofes (a dos jornais e revistas impressas, a do circuito comunicativo ligado ao consumo desses produtos, a dos hábitos diários vinculados à leitura desses periódicos), configurando-se como potenciais sinais de sua superação, de outro mundo que já se encontra em construção.

Entretanto, sinais não são evidências, e a superação de um presente catastrófico não é da ordem das certezas, mas dos possíveis. Enquanto algumas bancas parecem se adaptar bem aos novos contextos, outras se mostram um tanto atordoadas, sem lugar, ou ainda em um processo desajeitado de aparente transição. No fim das contas, a emergência de novas identidades acontece de modo inegociavelmente processual; não se salta de uma identidade à outra. Então, o que essas bancas são agora? E o que serão no futuro?

É justamente esse estado de irresolução que nos leva à catástrofe cotidiana. Constatar uma catástrofe em andamento não significa saber o ponto final do percurso. A superação é um caminho possível, como muitos dos exemplos trazidos aqui nos indicam. Mas há que se considerar também, nos horizontes de uma experiência que se torna cotidiana, a janela de uma catástrofe que se assente como permanente. De acordo com David W. Bates (2015), a noção de uma “catástrofe permanente” nos permite um afastamento da ideia recorrente de ruptura radical e violenta para pensarmos a catástrofe como uma condição de ser que se reconhece na própria permanência da descontinuidade. Em suas palavras, “a catástrofe é ela mesma um signo da fragilidade onipresente” (BATES, 2015, p. 99). Logo, dentro dessa perspectiva, a catástrofe é uma constante, é algo que acontece regularmente e que, em sua visão otimista, sempre permite uma reorganização radical de certa ordem, sem ser somente uma mera força destrutiva devastadora.

Enquanto se insere num jogo temporal que caracteriza a catástrofe cotidiana (a qual envolve perda, mudança, adaptação, abertura), as

bancas são atravessadas por múltiplas temporalidades em seu processo de diversificação: um tempo específico para cada tipo de serviço oferecido; o tempo dos jornais e revistas (de ritmo cotidiano, semanal, mensal), o tempo dos cartórios e serviços públicos (a demanda por fotocópias), o tempo meteorológico (os guarda-chuvas que aparecem no período chuvoso, as garrafas de água que passam a ser vendidas nos dias de muito calor), os tempos das efemérides (eventos, festas e feriados); os tempos das colheitas, das flores, das frutas da estação; os tempos da sede, da fome, das guloseimas, dos mosquitos e dos brinquedos da moda; os tempos das obsolescências, programadas ou não, e da conservação, etc. etc. Mais do que baluarte de uma cultura do impresso, as bancas são eixos de experiências urbanas diversas. Nesse sentido, configuram-se como ponto nodal de circuitos comunicativos que não são “de revistas e jornais”, mas dos diferentes territórios, paisagens e ambiências que constituem cada cidade. Elas são espaços de encontro, lugares de conversa, pontos de referência em meio ao fluxo intenso de carros e pessoas. A banca assim, ainda assim, permanece, mas como fragmento de pequenos mundos cotidianos e suas transformações, para além de qualquer homogeneização, bailando imóveis aos fluxos e ritmos das cidades.





“Onde estão os jornais?  
A catástrofe é relacional.  
Talvez seja uma catástrofe  
em relação ao impresso,  
em relação a uma sociabilidade  
que pode ter desaparecido”

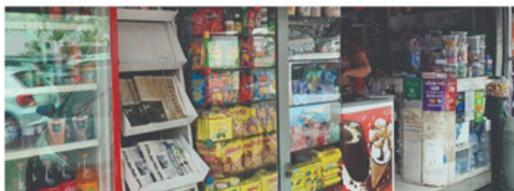
Bruno Leal





**Da esquerda para a direita:**

*João Pessoa (PB), Daniel Macêdo;  
Recife (PE), Thiago Pimentel;  
Recife (PE), Thiago Pimentel;  
Fortaleza (CE), Daniel Macêdo;  
Belo Horizonte (MG), Francielle de Souza;  
São Luís (MA), Poliana Sales;  
Recife (PE), Thiago Pimentel.*





## CAPÍTULO 3

# Passadas catastróficas: textualizações caminhando e fotografando bancas

DANIEL MACÊDO

IGOR LUÍS

PRUSSIANA FERNANDES

### **Caminhar fotografando como forma de leitura e escrita das bancas**

“Cheguei à Banca Ponte Nova por volta de 11h50, depois de fazer algumas compras no bairro. Já havia passado por ela várias vezes, mas nunca tinha parado para observá-la atentamente. Achei que seria uma banca interessante de conhecer pela sua localização privilegiada, bem na esquina da rua Ponte Nova com a rua Jacuí, no bairro Colégio Batista, em Belo Horizonte (Fig. 1). Além do grande fluxo de carros e de motocicletas, por esse cruzamento também passam muitas pessoas a pé em busca de ônibus ou dos comércios do entorno — padaria, supermercado, loja de roupa, restaurante, floricultura e outros empreendimentos que mobilizam andanças pelas ruas do bairro em práticas de consumo que muito nos dizem dos modos de viver por aqui. É também um ponto próximo a dois colégios — o Colégio Batista, que dá nome ao bairro, e o Colégio Santa Maria.



Figura 1 - Cruzamento das ruas Jacuí e Ponte Nova, com a banca Ponte Nova ao fundo.  
Fonte: Prussiana Fernandes/Tramas Comunicacionais (2021).

Aproximei-me da lateral e fiquei esperando minha vez para falar com o atendente, que eu podia adivinhar que estava ali, mas ainda não conseguia ver. Havia uma mulher dando a ele indicações para um serviço de impressão e, com isso, a estreita passagem em frente à banca ficava parcialmente ocupada, fazendo com que as pessoas em trânsito tivessem que se apertar um pouco para passar.

Enquanto reparava nos cartazes e objetos em exposição na lateral (Fig. 2), senti um cheiro gostoso de incenso. Daí a pouco, um senhor se aproximou, dirigiu-se aos jornais, apanhou um Super<sup>1</sup> e lançou duas moedas para o atendente. Uma terceira pessoa também se aproximou e comprou um objeto pequeno enquanto o vendedor terminava de atender a primeira, grampeando as folhas recém impressas.

---

1. O Super Notícia deixou de ser um jornal diário em abril de 2022 e, depois de duas décadas de existência, passou a ser publicado apenas às sextas-feiras. Até junho desse mesmo ano, ele havia colocado em circulação 70.570 exemplares, o que representa uma queda de 8,5% em relação a dezembro de 2021 e de 29% em relação a dezembro de 2020, segundo dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC). É produzido em formato tablóide e comercializado por R\$ 0,50 em Minas Gerais e por R\$ 1,00 em outros estados.



Figura 2 - Lateral da banca Ponte Nova.  
Fonte: Prussiana Fernandes/Tramas Comunicacionais (2021).



Figura 3 - Atendente João e parte interna da banca Ponte Nova.  
Fonte: Prussiana Fernandes/Tramas Comunicacionais (2021).

Quando chegou a minha vez, enfim consegui avistar o homem de cabelos pretos ondulados, óculos e máscara que estava ali atrás, parcialmente tampado pela vitrine e pelas barreiras de acrílico (Fig. 3). Ele aparentava ter seus 35 anos e se chamava João. Me apresentei, contei do meu propósito, perguntei se ele topava conversar por dois minutinhos, caso não fosse atrapalhar, e ele muito educadamente aceitou [...]"

\*\*\*

Esse pequeno relato narra o processo de aproximação a uma banca de uma das pessoas que assinam este ensaio. Pela leitura do trecho, podemos perceber que essa aproximação foi feita a pé e com uma câmera (de celular) em mãos, conjugação essa que influenciou na construção da narrativa apresentada, como tentaremos descrever a seguir.

Nas fotografias que compõem o relato, a banca é enquadrada a partir de três distâncias e três ângulos diferentes: um primeiro plano mais aberto em que vemos ruas, postes, fios elétricos, sinais de trânsito, transeuntes, carros, construções; um plano médio em que vemos uma das laterais da banca com revistas e avisos pendurados e a calçada por onde passam algumas pessoas; e um terceiro e último plano mais fechado em que vemos o interior da banca, com seus inúmeros produtos e o seu atendente.

Já no texto verbal do pequeno relato apresentado, é possível perceber que quem narra vai se aproximando da banca aos poucos, o que lhe permite perceber dinâmicas de circulação nos arredores, tipos de clientes, detalhes sobre os produtos à venda, mecânicas de atendimento. Nessa construção verbal, também o corpo, as sensações e as impressões de quem narra ficam mais em evidência: uma passagem apertada em frente à banca, um cheiro que funciona como chamariz, uma proliferação de objetos à vista e, ao mesmo tempo, a dificuldade de avistar o atendente.

Vale ressaltar que tanto o andar a pé influenciou na forma como as fotografias foram feitas, ao nível da rua e da calçada, próximo das pessoas e dos carros, quanto o ato fotográfico também influenciou a maneira de andar, sugerindo aproximações e distanciamentos a fim

de que fosse possível fazer enquadramentos e composições variados. Caminhar tanto cria quanto restringe possibilidades para a fotografia, e vice-versa.

É essa conjunção entre caminhar e fotografar que chamamos aqui de *passadas*, algo que reúne tanto um modo específico de se movimentar pela cidade quanto um modo específico de olhar para ela, sem esquecer que esses dois âmbitos se influenciam. Juntos, esses processos são, ao mesmo tempo, uma forma de perceber e ler o mundo e uma forma de narrar e escrever esse mundo. Em nosso caso, caminhar e fotografar foram modos de conhecer e dar forma a algumas bancas nas cidades em que percorremos, processo através do qual nós as textualizamos.

O historiador Michel de Certeau (2014) propõe que, tal como os sistemas linguísticos só se efetivam nos usos que são feitos deles, as regras de produção e funcionamento das cidades dependem dos seus habitantes para se realizarem. Partindo desse comentário, é possível pensar que, assim como um enunciado é a linguagem performada, o caminhar pode ser visto como a cidade posta em ação. Aqui, entendemos que a conjunção entre caminhar e fotografar, as *passadas*, são formas de performar não só as cidades, mas também, e mais especificamente, as bancas.

De Certeau (2014) insinua também que o caminhar pode ser uma enunciação que ora segue as regras oferecidas pela cidade, ora as quebra para criar percursos mais favoráveis a quem caminha. Segundo essa proposta, nossa motricidade não é só um modo de efetivação das lógicas urbanas, mas também de modalização dessas lógicas, de criação de novas possibilidades de funcionamento e também de subversão das já impostas. Assim, é possível supor que colocamos as bancas em ação não somente a partir das lógicas que as regulam, mas também por modo próprios e, até mesmo, transgressores de nos aproximarmos delas.

Em um percurso de reflexão parecido, o professor e arquiteto Francesco Careri (2013) nos diz que, ao caminhar, produzimos sentidos sobre os espaços que atravessamos e, com isso, transformamos esses espaços. Em nossas *passadas*, portanto, nós não somente lemos e compreendemos os

funcionamentos das bancas, mas também produzimos novos sentidos para elas, escrevendo-as.

\*\*\*

Pensar que as cidades e as bancas podem ser lidas e escritas é aqui um ponto de partida que se baseia nas reflexões sobre textos e textualidades de Gonzalo Abril (2007, 2013) e de Bruno Leal (2018). Abril (2013, p. 45-46; 2007, p. 82-84) define texto como uma unidade de comunicação multissemiótica imersa em uma rede textual a qual ele ajuda a compor e pela qual também é composto. Trata-se de uma estrutura porosa em imersão e emersão dentro de um contexto compartilhado com outras estruturas textuais. Segundo Leal (2018, p. 17-34), esse processo de emergência de algo que é tomado como texto, o seu desenrolar, é o que chamamos de textualidade e está ligado tanto a situações comunicativas específicas quanto a processos socioculturais mais amplos.

Para falar desses processos, podemos lançar mão das reflexões sobre cultura visual de Gonzalo Abril (2012), que ele entende como uma forma de organização e regulação da visão, das suas funções e de seus usos. Colocando suas noções de visualidade e mirada em prática, podemos dizer que aquilo se torna visível para nós enquanto caminhamos pela cidade, observando-a e fotografando-a, está ligado a uma série de coisas que não vemos.

Em primeiro lugar, aquilo que vemos na cidade nos faz querer ver outras coisas, imaginar outras coisas, como numa espécie de jogo entre aquilo que está em nosso campo de visão e aquilo que está fora, no extracampo. Esse extracampo pode ser fisicamente coextensivo ao visto, por exemplo, quando passo por uma padaria no fim da tarde e consigo imaginar os pães recém-saídos do forno lá dentro. Mas também pode ter uma conexão imaterial, como quando me pergunto sobre a senhora que tem uma banca de legumes e verduras na calçada. De onde ela vem? Ela mesma planta e colhe? Será que ela consegue tirar seu sustento dali? Quais são suas condições de vida?

Em segundo lugar, aquilo que se torna visível para nós na cidade tem uma relação forte com o que sabemos e com nossas crenças. Só consigo

imaginar fornadas de pães na padaria no fim da tarde porque comer pão de sal quentinho faz parte da nossa cultura, assim como as perguntas sobre a senhora que trabalha como vendedora informal partem de uma série de suposições sobre a sua situação social, suposições essas que faço tendo em mente a sociedade em que vivemos. De maneira semelhante, uma igreja de esquina me traz sentimentos de familiaridade, já que fui criada por pais católicos, mas certamente é vista de outra forma, com outros significados, por uma pessoa muçulmana.

Por último, ver algo na cidade também está relacionado ao que fazemos nela. Se caminho com pressa para realizar alguma tarefa, aquilo que se torna visível para mim pode ser fugaz aos olhos, ao conhecimento e à imaginação. No entanto, quando faço a sesta na praça logo após o almoço, uma gama de usos daquele local antes não percebidos se torna visível: ponto de espera dos entregadores de moto, lugar para ler e tomar sol, dormitório para quem está em situação de rua, espaço de encontro e conversa entre vizinhos, local de descanso para quem trabalha e estuda na região.

Ao investigar essas três dimensões “invisíveis” da visão, é possível notar a importância que nós, enquanto pessoas capazes de observar e compreender o mundo, temos na construção daquilo que se torna visível. Os nossos modos de olhar não são individuais, visto que vivemos a partir de conhecimentos, crenças, desejos, imaginários e práticas compartilhadas. Dizer isso é apontar para como nossa mirada é conformada também pelos contextos em que vivemos, que buscam controlá-la. E é dizer também que o modo como escolhemos olhar é um posicionamento diante desses ambientes de regulação (ABRIL, 2012). A mirada, portanto, emerge em meio a relações de poder e disputas pelo controle dos sentidos que produzimos no nosso dia a dia.

A partir dessas reflexões sobre aquilo que se faz visível para nós e que nós fazemos visível com nossas miradas, torna-se necessário perguntar quem é essa pessoa que mira. Mais especificamente, quem olha para a cidade? De onde ela vem? Como ela olha? Aquilo que ela traz reitera os modos dominantes de compreensão e produção da cidade? Ou ela contradiz esses lugares comuns, trazendo diferença no seu modo de olhar?

### **Entre passos e miradas: *passadas catastróficas***

Ao nos fazermos transeuntes com as cidades, somos por elas atravessados deixando devir sensações e percepções em razão das experiências ali urgentes; tal qual somos com ela atravessantes ao edificar urbes possíveis nas experiências partilhadas com as outras que também alocam e deslocam significações deveras movediças. Posicionar miradas com a cidade neste entremeio é reconhecer as instabilidades que posicionam as textualizações sobre as bancas como expressões das tensões criativas que as configuram.

As entramações de distintas agências para devir instabilizações com as cidades demandam, pois, aberturas epistêmicas que rompem com explicações que pretendem definir por vias totalizantes os sentidos das coisas, dos espaços e dos sujeitos; assim como nos convidam a ampliar vistas para conferir urgências ali possíveis que, por vezes, se fazem em situações efêmeras e em atos fugazes. Cláudia Fonseca (2008, p. 81), ao percorrer o Hipercentro de Belo Horizonte no exercício de pesquisa doutoral, lega-nos como ensinamento a potência em “se deixar afetar pelo burburinho das ruas” ao valer-se do corpo e das sensibilidades cadentes em caminhadas como via de leitura sobre as dinâmicas configuradoras dos espaços urbanos e em “registrar a experiência num caderno de campo e com a câmera fotográfica” como via de escrita dos estranhamentos.

Ao combinar as afetações decorrentes da caminhada como modos de leitura com as tomadas de posição que enredam elaborações fotográficas, Fonseca (2008) Tateia um exercício teórico-metodológico de textualização com os espaços urbanos permeado por instabilidades afloráveis em encontros. Afinal, tanto a caminhada quanto a fotografia não são atos circunscritos e isolados; são, contudo, possíveis a partir da tessitura particular com os outros que, em conjunto, conformam a vida das ruas em passos destoantes e condicionam vida às imagens com as interações que a fundamentam. Partimos desta inspiração para, neste percurso de pesquisa, trafegar em meio à urbe com pés no chão e munidos de câmeras, intencionando, assim, caminhar e fotografar como conjunção que permeia nossa agência com as cidades e com os demais sujeitos, coisas e lugares que conosco se dispõem a erguer sentidos.

“Caminhar” e “conversar” são atos articulados para Diana Taylor (2020, p. 4-5) que condicionam o “devir contínuo em oposição ao ser estático” e, nisso, margeiam o presente enquanto dimensão temporal que sedimenta nossas ações e como vocativa de presença em inter-relação com demais agentes. Ao se fazerem juntos, caminhar e conversar são vias metodológicas para saber com os encontros e tomam nossos corpos e os dispositivos fotográficos em uso como vias para inscrição dos afetos, das sensibilidades e do que nos salta à vista em meio ao transitório das tensões urbanas.

Ao nos propormos a caminhar e a conversar, não há uma frequência ou um código previsto metodologicamente. É possível caminhar em rastejos ou em marchas longas, o que condiciona a caminhada é a integração ao fazer-se presente no espaço urbano; tal qual é possível conversar sem palavras, escutar com os olhos, falar para além do corpo na medida em que a conversa diz sobre as trocas afetivas e simbólicas sem enrijecer-se em um dado formato. Os modos de fazer presentes se modulam ao “contexto” e, por isso, percursos metodológicos se delineiam de modos singulares em cada caso. Em nossas experiências de pesquisa, caminhar se faz em passos pedestres nas vias públicas tomando miradas em atos fotográficos como nosso modo de conversar com o entorno e com você que nos lê a partir das imagens que integram este trabalho.

Ao se praticarem juntas, caminhar e fotografar fazem-se correlacionais de modo que um ato prescinde do outro; bem como só é possível com os outros que conosco se abrem para textualizar sobre as bancas. Caminhar interpela o ato fotográfico ao condicionar o movimento dos agentes como um dado constituinte das inscrições com imagens; tal qual fotografar nos instiga a mudar as rotas a serem feitas, a desorientar a caminhada em meio ao ato narrativo que incita angulações éticas e estéticas com a cidade. É caminhando na Av. Afonso Pena, na capital mineira; e movendo-me em meio ao Abrigo Metálico de Iguatu, no sertão cearense, que os vínculos entre caminhar e fotografar configuram atos performáticos como forma de situar-se em meio às parciaisidades e com elas praticar tomadas de posição.

No passo em que é possível textualizar os movimentos que permitem o encontro entre agentes — nos incluindo, inclusive — e a vida nas/das

idades, nos parece justo refletir sobre os movimentos para textualizar que empenhamos ao nos relacionar com as bancas e ao narrá-las com imagens em atos performáticos e, nisso, nos mobilizamos a pensar esses percursos metodológicos em termos de *passadas catastróficas* para valorizar os esforços em conferir as imprecisões, as rachaduras que elaboram os espaços urbanos em fricções sempre possíveis de agitação em meio à inconstância e à interdependência dos atos. Pensar esta vinculação em termos de “catástrofe” não sugere uma ruptura incontornável sobre o existencial das bancas em razão de um evento; uma vez que nos aliamos a Bruno Leal e Itânia Gomes (2020, p. 44) ao pensar o catastrófico como um “movimento de estranhamento, de desfamiliarização” pelo qual diferentes elaborações de sentidos são possíveis, coexistem e tensionam modos de ver e de se relacionar.

Ao tomar as bancas como catástrofes cotidianas, há uma flexão do olhar pelo qual desnaturalizamos a relação historicamente ancorada com jornais e com revistas para mirar outras vidas possíveis em razão dos entornos e dos agentes que a mobilizam. A banca torna-se uma catástrofe cotidiana a partir dos jogos simbólicos que a deslocam de um lugar pacificado para, com isso, fazer ver uma miríade de formatações outras possíveis. Muitos são os atos performáticos possíveis de produzir tais deslocamentos e, ao optarmos pelas vinculações ao caminhar fotografando, empreendemos um experimento metodológico que é, neste texto, objeto de reflexão em torno da ideia de *passadas catastróficas*.

Fruto das aberturas epistêmicas para saber com as cidades, *passadas catastróficas* constituem-se em atos sujeitos ao devir das relações constituídas sob o ritmo dos passos no frenesi urbano e das miradas que deslocam os ritos cotidianos para visualizar outras dimensões ainda inexploradas. Tais atos são sempre no plural, na medida em que se transformam com os movimentos e modulações que permeiam os jogos entre agentes ao fotografar caminhando.

É o deslocamento pela cidade com a curiosidade defendida por Ingold (2018, p. 184) que atenua olhares passantes questionando as bancas e pelo qual as *passadas catastróficas*, por um lado, retomam dimensões inaugurais ao fazer dos atos sempre marcadores em experiências de novo tom ao valorar a peculiaridade dos encontros praticados e os trânsitos

contextuais; por outro, admite as parcialidades que dela se configuram e a multiplicidade de emergências que nela coexistem.

Pensar nosso exercício em termos de *passadas catastróficas* dialoga, assim, com as formulações de Ingold (2015, p. 229) ao propor que conhecemos o mundo na medida em que o experienciamos em itinerários, em que as ocorrências nos confrontam e, com elas, produzimos tópicos que não cabem em rotulações e que se delineiam em narrativas. Com isso, movimentos forjam percepções em “sensibilidades” que são encarnáveis; em arranjos de “significados” que são erguidos e pelos quais Ingold (2015, p. 238-239) nos convida a descobrirmos por nós mesmos um mundo porvir em nossos passos.

Caminhar fotografando em *passadas catastróficas* é um gesto para habitar no mundo valorando os rastros, as pegadas e as pistas da jornada que compreende nossa linha de vivências e pela qual erguemos nossas significações. A linha, aqui, são os trajetos, são as projeções que nos movem. Elas seguem de modo contínuo admitindo o que Ingold (2015, p. 221) atribui como “autorrenovação” ao mover de lugar as antigas certezas ao incorporar novas experiências. São, portanto, processuais e aprendemos com elas enquanto as empreendemos. Cada ator em meio às tensões do espaço urbano mobiliza uma linha que lhe é própria e que se faz em *passadas catastróficas* a partir dos movimentos de desnaturalização.

A conexão entre distintas linhas é, pois, constituída em movimentos que tensionam forças maleáveis para Ingold (2018, p. 48) e pela qual a interação produz nós de significação deveras instáveis e parciais. Afinal, o que diferencia distintos sujeitos nas ruas para Ingold (2018, p. 78) é a sensibilidade “aos sinais do entorno e uma maior capacidade para responder a esses sinais com juízos e precisão”. Praticar *passadas catastróficas* nos demandou, aqui, fluxos com o entorno flexionando posturas e derivas para fluir nós expressos no exercício de inscrição imagética ao dispor em fotografias o que nos é estranho a partir dos encontros.

\*\*\*

Ao circular em 2021 pelo centro de Fortaleza, capital do Ceará, lembrei-me que a poucas quadras existia uma banca que associava a

esquina de uma das sedes da Coelce em razão de uma experiência que vivi em 2012. As esquinas que nascem no encontro da rua do Barão do Rio Branco e da rua Pedro 1º estavam lá e, em uma delas, a banca que exhibe orgulhosamente ser de ‘revistas e cigarros desde 1978’ também seguia ali. Não eram, no entanto, as mesmas: adaptaram-se aos novos tempos e, nas cisões e nas transformações, permitem o devir de catástrofes com a percepção dos movimentos que tecem a cidade. Caminho pelo entorno angulando a câmera, aproximo-me da banca para fotografar a coleção de carrinhos expostos para comercialização em meio aos DVDs com filmes pornográficos e aos livros de filosofia (Fig. 4). Aquele conjunto de elementos me chamou a atenção e pareceu-me digno de tornar-se parte das fotografias que relatam o percurso.



Figura 4 - Carrinhos em meio a um conjunto de produções em comercialização.  
Fonte: Daniel Macêdo/Tramas Comunicacionais (2021).

Tomo os carrinhos como anzol para dialogar com Herivaldo sobre a banca que já não vende apenas os elementos anunciados no letreiro. O vendedor me diz que os carrinhos são muito vendidos porque ali perto, no outro lado do quarteirão, tem uma das maiores escolas do estado. Conta, também, que a rua Pedro 1 é conhecida por concentrar a venda de artigos escolares e que por ali circulam muitos adultos que compram para crianças, muitos estudantes que têm intenção de adquirir coisas. A banca, ali possível em razão do movimento errático daquela esquina, me convida a saltar para o outro lado da rua e compor uma fotografia que a mirasse de frente; me cobra a inscrevê-la como um agente pertencente ao caos urbano (Fig. 5).



Figura 5 - Banca do Herivaldo, em Fortaleza, Ceará.  
Fonte: Daniel Macêdo/Tramas Comunicacionais (2021).

\*\*\*

Ao caminhar com a câmera, ela assume agência para o ato fotográfico que complexifica a caminhada ao fazê-la conosco e amplia os sensíveis

urgentes com o entorno ao integrar as relações sociais que ali se erguem. Inscrever o presente é possível em *passadas catastróficas* na medida em que a presença de nosso corpo e da câmera nos interpelam por angulações que transpassam nossos modos de ver e os redimensionam sob a dicção da fotografia e sob a toada da caminhada sem intenção de homogeneizar os agentes e o espaço em respeito ao contexto e as mobilidades. Esta é uma percepção partilhada por Diana Taylor (2013, p. 333) que, ao perambular nas ruas de Nova York, identifica nas relações com a câmera a possibilidade de ampliar as percepções dos sensíveis que se fazem no campo visual na medida em que cada ato fotográfico conferia um gesto para “entrar no ritmo suspense do presente”.

Fotografar caminhando faz das imagens combinações de arquivos e de repertórios possíveis no presente movediço em que surgem as contradições, as alternâncias, os confrontos e outros gestos transitórios pelos quais Diana Taylor (2013, p. 336-337) assunta a possibilidade dos sentidos se modelarem de modos múltiplos. Assim, as *passadas catastróficas* em fotografias deixam ver os atos performáticos que as condicionam e, nisso, são “testemunhos” na medida em que abandonamos o lugar de espectador das tensões para alçar outros postos como participante ético do entorno do qual também somos agentes.

Trata-se de reconhecer, com as textualizações em imagens e em relatos, uma banca possível em um dado encontro; sem, no entanto, encerrá-la a um destino fadado à continuidade. A convocatória testemunhal realizada por Taylor (2013, p. 350-351) ao fotografar caminhando é uma incitação a narrar com imagens como gesto existencial do que emerge conosco ao nos fazermos volúveis nas vias urbanas e, nisso, uma rejeição às lógicas instrumentais que atribuem à fotografia o status de “prova”. Ao contrapor o estatuto de verdade atribuído às imagens pelos usos sociais da estética realista, o chamado busca reconhecer as imagens como circunscrições heterogêneas e incompletas.

As fotografias testemunham, assim, perspectivas possíveis em razão dos atos performáticos que envolvem agentes em meio às tensões em um centro urbano. Como demarcações afetivas e firmadas em encontros, as *passadas catastróficas* alocam a fotografia como uma expressão textual admitindo os movimentos impuros que a fundam e as mobilidades

em que os outros agentes não se fixam às promessas em palavras ou em visualidades contidas em uma dada textualização. Assim são as produções que se fazem em *passadas catastróficas*: não pretendem encerrar as espacialidades como dados imóveis, uma vez que com elas só são possíveis em movimentos para conferir sentidos e nelas se admite agentes em constante mutação.

As imagens resultantes de passadas não se fazem como documentos do real e, por sua vez, são afirmações das catástrofes cotidianas elaboradas em atravessamentos. A conformação testemunhal das fotografias em meio as *passadas catastróficas* nos convidam a ver, assim, mais das dicções e das tensões que emergem ao angular cenas cotidianas em meios aos deslocamentos em detrimento de um depoente conjuntural e atestatório sobre as bancas e os destinos a elas inerentes. São, ao fim, ficções das fricções que posicionam as bancas em meio a um conjunto textualizável de sentidos.

*Passadas catastróficas* possuem, deste modo, uma profunda relação com o tempo ao se fazerem como dados maleáveis do presente por onde praticamos leituras e inscrições ao praticar textualizações e ao radicar uma relação crítica com as pretensas estabilizações do passado e as intuitivas previsões do futuro. As *passadas catastróficas* são convites para (des)montar as bancas conjugando uma relação com as temporalidades que nelas se movimentam ao fazer do presente de um centro urbano nosso palco de elaborações sógnicas; e que com elas deslizam ao talhar experiências e expectativas sob as contradições de um dado momento e, com isso, devir relações temporais que destoam tempos lineares.

## **Considerações Finais**

*Passadas catastróficas* constituem, em nossa pesquisa, uma reflexão em torno do experimento teórico-metodológico por nós praticado ao nos abrirmos às relações com câmeras, com as bancas e com os agentes inumeráveis que fazem do entorno urbano uma malha potente de significações e fragmentária em instabilidades criativas. Praticar *passadas catastróficas* constitui-se, para nós, em percursos de textualização que valorizam as mobilidades de leitura e de escrita em

razão dos atos performáticos e das vinculações imprecisas constituídas entre diferentes sujeitos, coisas e lugares.

Nós, enquanto caminhantes e fotógrafos, tensionamos os diferentes sentidos acerca das bancas ao praticar as passadas; há tanto um exercício de leitura quanto de produção das textualidades urbanas quando somos por ela atravessados. Com a câmera em mãos, projetamos diferentes temporalidades, apontamos o que são as bancas em nossas miradas, hierarquizamos aquilo que julgamos importante de registrar. Esse movimento, particular a cada pessoa, corrobora com a noção de catástrofe trabalhada por Leal e Gomes (2020) como um evento de caráter múltiplo e desestabilizador — mas não permanente.

A narrativa visual disposta em fotografias das *passadas catastróficas* apreendem, para além da expressão de nós de sentidos configurados nos encontros, uma vida que lhe é própria ao circular e tensionar miradas catastróficas sobre as bancas figurando-se como um disposto indiciário e incompleto sobre as bancas. Aberta a interações e a produção de outros nós, estas fotografias não inscrevem um dado total sobre as bancas e são um chamado a vê-las por outros ângulos — incluso os que não são nossos e os que aqui não se contemplam.

Mais do que um registro, as imagens mobilizam nossas experiências e dinamizam formas de escrever sobre o mundo e de se inscrever no cotidiano das cidades possíveis a cada um de nós. As *passadas catastróficas* permitem aflorar o testemunho de cada um, que é, em fragmentos, reelaborado pelos outros em um fluxo contínuo de (des) montagem e de (re)composição daquilo que podem ser — que foram, e que serão — as bancas. O que há de catastrófico nas passadas é, por fim, o ímpeto de empreender leituras ao questionar lógicas e lugares habituais e, nisso, devir diferentes caminhos teóricos e metodológicos a serem percorridos em/com nossas cidades. Trata-se de um convite às experiências que não se encerram neste texto ou neste estudo com as bancas.





*“A presença da banca em um determinado espaço tanto molda a banca quanto molda o espaço.”*

**Igor Lage**





**De cima para baixo:**  
*São Paulo (SP), Bruno Leal;*  
*São Paulo (SP), Bruno Leal;*  
*São Paulo (SP), Daniel Macêdo;*  
*São Paulo (SP), Daniel Macêdo.*





**Da esquerda para a direita:**  
Belo Horizonte (MG), Bruno Leal;  
Belo Horizonte (MG), Prussiana Fernandes;  
Belo Horizonte (MG), Bruno Leal;  
Contagem (MG), Igor Luís;  
Fortaleza (CE), Daniel Macêdo;  
Iguatu (CE), Daniel Macêdo;  
Iguatu (CE), Daniel Macêdo;  
Belo Horizonte (MG), Bruno Leal;  
Iguatu (CE), Daniel Macêdo;  
Fortaleza (CE), Daniel Macêdo;  
Fortaleza (CE), Daniel Macêdo.







## CAPÍTULO 4

# As bancas como nós emaranhados da cidade

FELIPE GONZAGA

LUCIANA AMORMINO

PAULO VITOR SOUZA

*E a cidade se apresenta centro das ambições  
Para mendigos ou ricos e outras armações  
Coletivos, automóveis, motos e metrô  
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs  
A cidade não para, a cidade só cresce  
O de cima sobe e o de baixo desce.  
(A cidade - Chico Science)*

### **Introdução**

A cidade pode ser pensada como fluxo, dinâmica, movimento. Tomando-a nos termos de Ingold (2015; 2018), podemos considerá-la como composta por linhas que ora se cruzam, formando nós, encontros de forças heterogêneas; ora se afastam, deixando fluir as mesmas linhas em seus movimentos singulares.

Como metáfora a esse entendimento, o autor traz a ideia de “malha”, termo que recupera de Henri Lefebvre, segundo quem há algo em comum entre a forma como as palavras são inscritas em uma página e a maneira como movimentos e ritmos de atividades humanas e não humanas inscrevem-se no espaço vivido. No entanto, Ingold (2015) considera ser necessário pensar essa escrita não como uma composição verbal, mas como um tecido de linhas. Menos como um texto, mais como textura; menos uma tessitura homogênea, mais como um emaranhado em que os nós, dentro de sua duração específica, podem ser pensados como uma pausa em seu movimento.

Nesse sentido, compreender as existências das coisas no mundo e a relação entre elas como linhas, segundo Ingold (2015), seria uma forma

de incorporar movimento, além de não separar o ser e o ambiente, o que ele critica. Assim, a cidade seria uma malha, formada por linhas e seus nós, sempre em movimento, sempre em relação. Não necessariamente ordenados em uma trama harmônica, mas muitas vezes emaranhados — promovendo cruzamentos, intersecções, encontros de qualidades e naturezas diferentes.

Considerando a banca como um nó possível dentro do fluxo de linhas da cidade, que é composto e compõe outros nós espaço-temporais que se inscrevem no espaço urbano, entendemos que ela pode ser pensada como um nó que produz outros nós, de duração e qualidades singulares. Tais nós promovidos pelas bancas, dos quais ela também é parte, sugerem uma dimensão de sociabilidade, fazendo com que ela seja vista para além de uma figura convencional na paisagem urbana, de seu papel comercial na produção jornalística ou de produtos de naturezas diversas. Sendo, portanto, um nó que produz outros nós, consideramos que a banca materializa relações temporais na espacialidade urbana, a despeito de suas mais variadas identidades, inaugurando novas confluências e ramificações de suas linhas.

Ademais, simples relações cotidianas que ocorrem nas bancas, como o ato de perguntar a rota de um ônibus, ou mesmo as mais específicas, como a troca de figurinhas entre colecionadores, estão ligadas à formação de nós próprios entre as linhas que compõem a cidade, em seus diferentes fluxos. Sendo assim, ao estabelecer um nó, a banca acaba por promover sociabilidade, que, por sua vez, se mostra como a materialização de um nó naquele espaço, que ela instaura e do qual participa.

Com esse panorama em vista, vale pontuar que a interpretação sobre as bancas como nós na malha emaranhada da cidade deriva-se de uma outra discussão que interpretava as bancas como um hiato. Um hiato é entendido como uma interrupção de continuidade, um intervalo. Desse modo, nessa perspectiva, a banca era percebida como um corpo que gerava uma pausa nos fluxos presentes na cidade, partindo do pressuposto de que as relações estabelecidas naquele ambiente surgiam a partir da interrupção de uma outra atividade. Todavia, foi preciso enxergar as bancas para além de seu espaço físico e função comercial, mas sim a partir do seu caráter informacional e de suas contribuições

no âmbito da sociabilidade. Em suma, a banca, aos nossos olhos, não pode ser interpretada como um “obstáculo” que interrompe o fluxo de outras linhas, isso porque ela também possui seu próprio fluxo, que ora se choca, ora se complementa com os demais no grande emaranhado da cidade. Os nós que ela forma e dos quais participa não nos parecem ter a pretensão de serem fixos ou se colocarem como um obstáculo no ir e vir da cidade. Pelo contrário: ao conectar linhas diversas de movimento no espaço urbano, a banca parece configurar nós temporários e instáveis, de durações e qualidades distintas, de modo que a banca movimenta-se junto com o movimento da cidade.

Materializando relações temporais na espacialidade urbana, a banca nos parece promover nós no fluxo citadino, mas também se afetar em função das linhas que a atravessam. Tendo isso em vista, a proposta deste artigo é compreender a banca como um dos nós que compõem a cidade e refletir sobre tal condição, levando em consideração o fato de ela inaugurar outras temporalidades, espacialidades e sociabilidades do espaço urbano.

***A cidade vinha vindo, a cidade vinha andando:***  
**o espaço urbano e a banca entre nós e movimentos**

“Esse ruído  
São os séculos pingando...  
E as cidades crescendo e se cruzando  
Como círculos na água da lagoa.  
E eu vi nuvens de poeira  
E vi uma tribo inteira  
Fugindo em toda carreira  
Pisando em roça e fogueira  
Ganhando uma ribanceira...  
E a cidade vinha vindo,  
A cidade vinha andando,  
A cidade intumescendo:  
Crescendo... se aproximando ”.

(Lá vem a cidade - Lenine e Bráulio Tavares)

Para analisarmos a relação entre a cidade e as bancas, partimos de uma reflexão sobre a articulação entre tempo e espaço, especialmente no entendimento de território. Pensar a cidade como território nos ajuda a compreendê-la em sua dimensão de movimento, de fluxo, de coexistência de forças de naturezas singulares e, por vezes, contraditórias. Como nos mostra a música “Lá vem a cidade”, de Lenine e Bráulio Tavares, a cidade vem andando e, em certos momentos, vem crescendo e se cruzando. Incorpora, portanto, a dimensão de movimento, sendo, pois, formada por linhas que se animam em feixes de sociabilidade, tensionamentos, confrontos e disputas. Tendo em vista essa reflexão, consideramos a banca como uma das linhas que animam o fluxo da cidade, na esteira do que propõe Ingold (2015; 2018), um nó que é composto e compõe outros nós.

Partindo do pensamento de Lefebvre (2006) sobre espaço, entendemos que espaço e tempo não são conceitos puros *a priori*, mas resultado e pré-condição da sociedade. Em sua perspectiva marxista, importa compreender espaço como produto e produtor da sociedade, numa proposta de pensamento dialético segundo a qual a realidade social é “marcada por contradições e que somente pode ser entendida por meio da compreensão dessas contradições” (SCHMID, 2012, p. 04). No que diz respeito ao espaço, Schmid (2012) argumenta, na esteira do pensamento de Lefebvre, que a sociedade o produz lenta e seguramente, dominando-o e dele se apropriando. Nesse sentido, notamos a incorporação da relação dialética em que a sociedade produz e é produzida pelo espaço, de modo que caberia uma leitura de processo, de um contínuo e inacabado modo de constituição do espaço.

Esse pensamento também ressoa na conceituação de território que, por mais que se vincule de modo mais imediato à noção de espaço, também agrega o simbólico e o cultural, ou seja, os modos de viver e atribuir sentido socialmente constituídos. Para Haesbaert (2020), território pode ser entendido a partir da concepção de espaço como um híbrido

(...) entre a sociedade e a natureza, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e ‘idealidade’, numa complexa interação tempo-espaço, como nos induzem a pensar geógrafos como Jean Gottman

e Milton Santos, na indissociação entre movimento e (relativa) estabilidade - recebam estes os nomes de fixos e fluxos, circulação e 'iconografias', ou o que melhor nos aprouber. Tendo como pano de fundo esta noção 'híbrida' (e, portanto, múltipla, nunca indiferenciada) de espaço geográfico, o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural (HAESBAERT, 2020, p. 79).

Desse modo, a cidade enquanto território incorpora a dimensão de movimento, de fluidez, de articulações espaço-temporais e rearranjos realizados pela sociedade, mas que, ao mesmo tempo, produz esta própria sociedade. Assim, as cidades, dentro dessa lógica, também se constituem de fluxos heterogêneos que Ingold (2015; 2018) chama de "linhas" — juntas, elas dão origem à malha, ou emaranhados de vida, crescimento e movimento. "Este é o mundo que habitamos" (INGOLD, 2015, p. 111), pois, como considera Haesbaert (2020, p. 82), "justamente por ser relacional, o território é também movimento, fluidez, interconexão - em síntese e num sentido mais amplo, temporalidade".

O termo "malha", usado por Ingold, foi emprestado da filosofia de Lefebvre, segundo quem há algo em comum entre as palavras em uma página escrita e o modo como os movimentos e ritmos de atividades humanas e não humanas são registrados no espaço vivido. Trata-se, conforme Ingold (2015), não de uma composição verbal, mas um tecido de linhas. Não de um texto, mas de textura. Desse modo, todos os seres, vivos ou não, constituem linhas nesta malha maior, o que, para o autor, se contrapõe à ideia de rede, uma vez que não há separação entre as coisas e seus movimentos, pois, para Ingold (2015, p. 119), "as coisas são as suas relações".

Nesse sentido, tanto pessoas quanto bancas e demais componentes da cidade seriam linhas dessa malha, "cujos fios constitutivos, conforme se amarram a outros fios, em outros nós, compreendem a malha" (INGOLD, 2015, p. 120). Uma malha não harmônica, mas formada por um emaranhado de linhas, que ora se distanciam, ora se aproximam, ora se atam, ora se desatam, num contínuo fluxo emaranhado de trilhas entrelaçadas. Linhas que conformam territórios em contínuo processo

de formação e transformação em que coisas e pessoas não tanto existem quanto acontecem, pensamento que Ingold partilha com Massey:

Ambos [Ingold e Massey] imaginamos um mundo de incessante movimento e devir, que nunca está completo, mas continuamente em construção, tecido a partir das inúmeras linhas vitais dos seus múltiplos componentes humanos e não humanos enquanto costuram seus caminhos através do emaranhado de relações nas quais estão enredados de maneira abrangente. Em um mundo assim, pessoas e coisas não tanto existem quanto acontecem, e são identificadas não por algum atributo essencial fixo estabelecido previamente ou transmitido pronto do passado, mas pelos próprios caminhos (ou trajetórias, ou histórias) pelos quais anteriormente vieram e atualmente estão indo (INGOLD, 2015, p. 211).

Trata-se, portanto, de um mundo em movimento, em constante “(...) produção do perpétuo devir” (INGOLD, 2015, p. 37). Tal perspectiva Ingold retoma de Hagerstrand, segundo quem tudo o que existe tem uma trajetória de devir e o entrelaçamento dessas trajetórias compõe a textura do mundo. Dessa forma, como podemos pensar a banca no fluxo da cidade? Entendemos que é importante olhar a banca como mais uma linha que anima o fluxo da cidade, mais um ser em devir, que está em contínuo movimento e transformação, haja vista seus diferentes usos e funções ao longo de sua existência no espaço urbano. Nos parece ser a banca mais um exemplo dessa contínua transformação, pois, conforme Ingold (2015), “onde quer que a vida esteja acontecendo, eles estão incansavelmente em movimento — fluindo, se deteriorando, se misturando e se transformando” (INGOLD, 2015, p. 61).

A partir dessa noção, evidencia-se a movimentação que vêm ocorrendo nos últimos anos para que as bancas sobrevivam dentro do espaço urbano. Diferentemente de estabelecimentos comerciais como locadoras de vídeo, *lan houses* ou fliperamas, as bancas têm caminhado em direção oposta à sua extinção, isso em razão do seu fenômeno de adaptabilidade. Ao olharmos para diferentes bancas em diferentes cidades e ambientes, nos deparamos com bancas em que o foco comercial não eram os jornais e revistas, mas sim utilidades contemporâneas, como acessórios para celular. Outra transformação notável foi a delimitação de público ou de nicho. Trata-se de bancas que optaram por focar suas

vendas em públicos específicos, como é o caso da banca “Ler é Viver”, no Ceará, que trabalha majoritariamente com produtos voltados para crianças e pré-adolescentes (Fig. 1).



Figura 1 - Banca “Ler É Viver” em Fortaleza, Ceará.  
Fonte: Daniel Macêdo/Tramas Comunicacionais (2021).

Assim, olhando para a banca como mais uma linha em contínuo movimento, podemos inferir que ela constitui e é parte de alguns nós da cidade, o que caracterizaria justamente a vida dessas linhas. Se estão vivas, possibilitam torções, flexões e vivacidade, manifestando um princípio da desterritorialização (INGOLD, 2018). Nesses movimentos, entre torções e encontros de linhas, são feitos nós que, na perspectiva de Ingold (2018), não são blocos de construção, não são uma cadeia, não são containers, uma vez que não tem interior ou exterior, mas interstícios. Dizem respeito ao modo como forças opostas estão em tensão e fricção gerando novas formas e, ao mesmo tempo, aos modos como essas formas se mantêm em seu lugar, ou seja, como as coisas aderem entre si.

Atar ou criar nós, na perspectiva de Ingold (2018), implica a formação de um laço, um gesto circular e arqueado que cria um espaço pelo qual pode ser impulsionado mais à frente, em uma alternância rítmica. Para o autor, o nó se recorda do todo e tem o todo para esquecer. Ao ser desatado, ele não se quebra em pedaços, mas as linhas que antes estavam juntas vão seguir por caminhos separados.

Dessa forma, se pensarmos a banca como mais uma linha da cidade, ela também pode ser tomada como um nó, um ponto onde outras linhas se convergem e ao qual também ela integra. Possui uma predisposição a fomentar novos nós, de qualidades e durações diferentes. Há nós mais duradouros e outros mais pontuais, conforme apontaremos adiante. Nesse sentido, Fonseca (2008) vem nos mostrar que a banca tem um papel fundamental na circulação de sentidos no e sobre o espaço urbano:

A banca como objeto que cria ambiência comunicacional tensiona as relações espaço-temporais que se dão na cidade. Além de forçar a interrupção do fluxo do deslocamento, ela exhibe as possibilidades de contato com os acontecimentos em outros lugares do mundo e em outros tempos. O material que ela abriga pode trazer um mundo distante espacial ou temporalmente para o cotidiano dos sujeitos que param ao seu redor para ler as manchetes dos jornais e das revistas expostas. Cacos de outras realidades moldadas para o consumo aqui e agora (FONSECA, 2008, p. 129).

Por estar localizada na rua, Fonseca (2008) considera que ela pode ser considerada uma ambiência comunicacional na paisagem urbana, articulando de modo peculiar o tempo da atualidade e o espaço urbano. Isso, para a autora, é de grande importância, pois nas ruas de uma grande metrópole, as relações com o espaço e o tempo são complexas.

O espaço, segundo ela, é fragmentado, instável, sendo que as relações de pertencimento ao território não estão dadas, sendo que os movimentos de apropriação se configuram em disputa. É um espaço ao mesmo tempo comum, mas de ninguém. Assim, a banca pode contribuir para o estabelecimento de uma ambiência comunicativa, que permite "(...) participar da atualidade, participar de uma conversação que se renova cotidianamente é um dos caminhos para que se estabeleça laços, ainda que tênues, de pertencimento à metrópole. Abre-se uma fresta para a participação nos acontecimentos da cidade" (FONSECA, 2008, p. 126). Nesse sentido, uma das qualidades dos nós que a banca, como ambiência comunicativa, estabelece, diz respeito à sociabilidade, à possibilidade de promover interação no espaço urbano, sendo essas de qualidades distintas.

Ao contribuir para o estabelecimento de diversas relações dentro do espaço urbano, a banca parece, então, nos aproximar também da ideia de um emaranhado de fluxos cotidianos. Graças à mistura e heterogeneidade destes fluxos — e suas forças — é que chegamos então a uma condição de embaraço, de entrelaço. Em nossa leitura, a ideia de malha proposta por Lefebvre (2006), e adotada por Ingold (2015; 2018) para entender a cidade, em absoluto não contradiz a nossa ideia da cidade enquanto fluxos emaranhados. Nossa percepção não parte de uma malha retilínea ou uniforme, mas de uma textura atravessada por forças heterogêneas diversas, que, no seu interior, carrega distinções em fluxos e temporalidades. Pensar, portanto, a cidade nesta proposta é reconhecê-la como espaço potente de vínculos, (in)dependências, tendo a banca como um de seus elementos mais representativos. Uma linha que proporciona nós de sociabilidade na grande trama que compõe a cidade em seus fluxos.

### ***O sol nas bancas de revista: lugares de sociabilidade***

*Em caras de presidentes  
Em grandes beijos de amor  
Em dentes, pernas, bandeiras,  
bomba e Brigitte Bardot.  
O sol nas bancas de revista  
me enche de alegria e preguiça.  
Quem lê tanta notícia, eu vou.  
Por entre fotos e nomes  
Os olhos cheios de cores.  
O peito cheio de amores vãos.  
Eu vou por que não, por que não.  
(Alegria, alegria - Caetano Veloso)*

O andar apressado do eu-lírico de Caetano Veloso na canção *Alegria, alegria*, em meio à banalidade da cena cotidiana, parece revelar um cansaço acerca de tantas informações disponíveis nas bancas. Parece também apegar-se apenas às manchetes penduradas e possíveis à sua vista, revelando a dúvida de quem consumiria tamanho material

informacional disposto ali. A experiência do eu-lírico com a banca, embora revele mais de sua função social reduzida a um espaço de compra de informações, mostra também a afetação que os rostos expostos nas capas e as manchetes diárias operam sobre o sujeito que passa. Apesar da baixa disposição em encarar as notícias do dia, o caminhar do personagem reforça a ideia dos fluxos urbanos que ora se cruzam, ora se distanciam; ele não parou para adquirir exemplar de jornal ou revista, mas a banca é colocada como uma referência dentro da paisagem a que ele está acostumado dentro da cidade.

Além de ser um estabelecimento convencional na paisagem urbana, e mais que um estabelecimento abrigador de notícias e variedades diversas, a banca (ou quiosque, para algumas regiões) medeia sociabilidade. Como defende Chagas (2013, p. 19) as bancas constituem verdadeiros fóruns a céu aberto, com a presença de leitores e comentadores das capas e manchetes do dia. Trata-se, segundo ele, de um ambiente propício para a conversação civil, lugar de fofoca e falatório. É também ponto de referência dentro da fotografia urbana, não só por sua presença em logradouros públicos, mas também pela “função que se evidencia quando jornalheiros são tidos como capazes de orientar transeuntes em dúvida sobre a localização exata de ruas nos arredores” (CHAGAS, 2013, p. 19).

Pensar as bancas como sociabilidade é remontar o papel que elas exerceram nas décadas de 1970 e 1980, quando se evidenciaram como espaços fundamentais para a discussão de questões de ordem pública.

Nas décadas de 1970 e 1980, principalmente, era nas bancas que pessoas das mais variadas classes sociais tinham acesso à informação de um modo mais fácil e barato do que nas livrarias. Dos gibis e figurinhas às revistas sobre carros e costura, havia opções para a família inteira. Muitas vezes, o jornalheiro era visto como uma extensão do círculo familiar, um personagem do cotidiano (CARVALHO, 2018, p. 2).

O aspecto da pessoalidade, muito embasado na figura do jornalheiro, nos permite entender melhor a rede de sociabilidade que as bancas ajudam a compor. Ele é figura marcada, conhecido por aqueles que frequentam o espaço, explicitando assim inúmeros tipos de relação que seu estabelecimento acaba por mediar. Resgatando a ideia de Chagas

(2013), que associa a banca a um fórum aberto, é possível apreender que, com o fluxo da cidade, as relações ali inauguradas não dizem apenas a um laço de amizade entre consumidores e jornalheiros. Considerando o fato de, no cenário contemporâneo, a banca adquirir identidades diversas, muitas vezes deixando de vender produtos informativos ou dedicar-se exclusivamente a eles, existem relações menos pessoais e mais efêmeras, como as de quem pede uma orientação de rota, ou de quem deseja apenas adquirir algum produto, de natureza jornalística ou não, sem discutir previamente. A ambiência comunicativa (FONSECA, 2008, p. 126) propiciada por esses espaços opera também pela informalidade que não se vê nas notícias. Chagas (2013) chama a atenção para o fato das bancas ocuparem o lugar oposto da produção jornalística, ao mesmo tempo em que se constituem como “a principal interface entre jornalista e leitor nos meios de comunicação impressos” (CHAGAS, 2013, p. 19). Com estas questões, explicitamos mais ainda o caráter de *media* da banca, responsável não só por abrigar relações mais ou menos intensas entre frequentadores e jornalheiros, mas também de favorecer a ambiência comunicativa entre o jornal e seu leitor. Diante das variadas funções que a banca vem assumindo, sem perder sua natureza comercial, ainda assim nos parece que ela preserva este papel de mediadora entre relações no espaço urbano.

Atualmente, embora exista o exercício apressado de compreendê-las como espécie em extinção, elas continuam por operar em aspecto semelhante ao de décadas anteriores. Jornais, revistas, catálogos e figurinhas muitas vezes ainda estão lá, mesmo que em menor variedade, dividindo espaço, ou cedendo-o, com máquinas de *xerox*, objetos de naturezas diversas, *souvenires*, capinhas de celular, importados, sombrinhas, entre outros. No entanto, sua dimensão histórica de lugar de encontro, de diálogo parece não ter se perdido, pelo contrário, é afirmada por Chagas (2013):

Assim, é possível enxergar nelas [as bancas] um disputado espaço de visibilidade e memória em torno da notícia, e, sobretudo, um fórum de discussão aberta, em que leitores se aglomeram ao redor dos expositores externos (os chamados displays) para comentar as notícias do dia nos intervalos do trabalho ou da escola. Para o público, “A

ideia é tirar uma casquinha das manchetes, comentar o escândalo do momento com o desconhecido ao lado e seguir em frente” [LESSA, 2005:18] (CHAGAS, 2013, p.19).

As interações sociais proporcionadas pela banca não acontecem apenas em função de leitores de jornais que a ela recorrem para adquirir um exemplar diário de jornal ou comprar um item específico. Em anos de Copa do Mundo, essas relações modificam-se inclusive em função da diversidade de público. Adolescentes e crianças, por exemplo, passam a frequentar esse ambiente com o objetivo de completar o álbum de figurinhas do maior torneio esportivo do mundo. Em épocas que antecedem o grande torneio mundial de futebol, por exemplo, a adaptabilidade da banca faz com que ela ganhe novos contornos de utilidade, pois é, historicamente, o espaço em que esse tipo de material é encontrado em maior facilidade e menor preço.

Esse movimento de adaptação nos parece deslocar em grande medida o imaginário de tradição que a envolve. Isso não só representa uma lógica comercial de operação visando ao lucro, mas também se apresenta como uma questão temporal, uma vez que as relações contidas ali se dão em diferentes tempos e processos. A banca se coloca então como uma versão daquilo que um dia já foi e representou. Suas tentativas de sobrevivência no espaço urbano — ao introduzir novos tipos de mercadoria, nem sempre de ordem jornalística — dizem de uma instituição exposta às derivas e demandas do tempo atual. Nesse sentido, nos parece um tanto ingênuo atrelar a ideia de uma suposta extinção das bancas à crise do jornalismo impresso, dado o fato de que as bancas atualmente não operam apenas na venda de produtos da informação. Ao refletir sobre os jornaleiros, suas bancas e os laços materializados a partir delas, Chagas (2013) ressalta que estas relações estão necessariamente circunscritas a questões geográficas, às particularidades das cidades, como podemos perceber em relação à banca abaixo (Fig. 2).



Figura 2 - “Livraria São José”, em Ouro Preto, Minas Gerais.  
Fonte: Felipe Gonzaga/Tramas Comunicacionais (2021).

Trata-se de uma banca localizada na cidade de Ouro Preto (MG), município conhecido por preservar mais de 300 anos de história em sua arquitetura e cultura compartilhada entre diversos públicos que se complementam dentro da cidade. A partir de pesquisas de campo, analisar o único estabelecimento comercial que se enquadra no imaginário social como “banca” pela população ouropretana faz-se um exercício metodológico sobre adaptabilidade. Trata-se de um espaço físico convencional em uma das ruas históricas da cidade patrimônio mundial que, durante os anos, passou por diversas mudanças objetivando sua sobrevivência. Um exemplo de adequação da banca em questão é sua própria estrutura, uma vez que é previsto no código de postura do município que esse tipo de estabelecimento não pode interferir na estética do conjunto arquitetônico do centro histórico. Hoje, a banca se ajusta, entre as demais ambiências comerciais, como uma livraria, que também vende jornais e revistas, mas não perde de vista sua dimensão de sociabilidade, de promoção e participação em nós do espaço urbano. Movimenta-se junto com o movimento da cidade, embora permita entrelaçamento de suas linhas em relações de sociabilidade de natureza e qualidades diferentes.

## Considerações finais

Podemos considerar que a banca, em suas várias identidades, acompanha o movimento da cidade e se movimenta com ela. Pode ser entendida como uma das linhas que compõem o fluxo da cidade, num processo de movimento contínuo, que a ela se adapta e junto a ela se transforma, haja vista a dificuldade de pensar a banca no singular, uma vez que ela se configura de modo responsivo à dinâmica do espaço onde está incorporada.

A banca não rompe o fluxo da cidade, como o entendimento de hiato sugere, mas é parte dele. Constitui e é constituinte de nós que ela participa entre as demais linhas desta malha que é a cidade, nós de qualidades diferentes, mas que sempre se referem ao cruzamento dessas linhas, aos vínculos, à sociabilidade que proporciona e da qual participa. Nós simultâneos, cujas durações são variáveis e implicam uma questão temporal em relação à presença da banca no espaço urbano.

Ao mesmo tempo em que alguém pode passar despercebido pela banca, buscando dela se desviar em seu trajeto no espaço urbano, podemos considerar que essas duas linhas talvez não tenham se cruzado de modo a termos um nó. Por outro lado, alguém que pare na banca para comprar um isqueiro para acender seu cigarro estabeleceu um nó de qualidade um pouco mais duradoura, um momento fortuito de troca, mas ainda assim, temporário e ordinário. Há, ainda, aqueles que encontram na banca um momento de troca, conversa, um comentário sobre as principais manchetes, a compra de um artigo para presente, o conserto de um celular. Ou seja, nós que podem congregam outras linhas, nós de sociabilidade que a banca constitui e da qual faz parte. Mais um dos nós que animam a vida social dos espaços urbanos, estes que vem “crescendo... se aproximando”, como nos sugere Lenine, que congrega “(...) mendigos ou ricos e outras armações, coletivos, automóveis, motos e metrô, trabalhadores, patrões, policiais, camelôs” e que não só cresce, como descreveu Chico Science, e que, com o emblemático Sol ou não, jornal eternizado nas palavras de Caetano Veloso, entediando olhares furtivos nas ruas pelo excesso de notícias, ainda podem ser lugares de trocas, de nós nesta grande malha em movimento que é a cidade.





“Fiquei surpresa em ver uma  
pessoa jovem atendendo.  
A partir daí, passei a observar  
quem toma conta das bancas  
e vi gente de todo tipo”

Prussiana Fernandes





**Da esquerda para a direita:**  
Iguatu (CE), Daniel Macêdo;  
São Luís (MA), Poliana Sales;  
Belo Horizonte (MG), Luciana Amormino;  
Fortaleza (CE), Daniel Macêdo;  
Belo Horizonte (MG), Prussiana Fernandes;  
Fortaleza (CE), Daniel Macêdo;  
Belo Horizonte (MG), Prussiana Fernandes;





## CAPÍTULO 5

# Do olhar estrangeiro às bancas intrusas: fronteira e resistência na malha urbana de Belo Horizonte

ALEXANDRE GOUVEIA

FRANCIELLE DE SOUZA

THIAGO PIMENTEL

### Introdução

*Ei, erga a vista! Vais aonde? Sabes onde está?  
Pois bem, ficamos felizes que se perca pelo caminho!  
Somos de fora, estrangeiros.  
O que podemos te oferecer além de uma tartaruga que te guie?  
Quem te proibiu de estacionar os pensamentos e desacelerar os  
passos?*

A interlocução acima introduz nossa tentativa de discutir alguns aspectos da relação do sujeito com a espacialidade urbana a partir do gesto de situar as bancas de revistas/jornais como pontos de atenção do olhar. Partimos de nossas experiências em Belo Horizonte (MG), cidade assombrada pelo rastro da modernidade, nunca satisfeita como está, sempre no adiantar do futuro, na perseguição do horizonte, do moderno. Contudo, falamos a partir da condição de estrangeiro/a, daquele que, diante do desconhecido, busca maneiras de se posicionar. Essa discussão, portanto, parte de três observações, três percepções de mundo, três pessoas que vieram de lugares diferentes, mas, que,

em Belo Horizonte, compartilham projetos comuns. Falamos a partir da posição de três pessoas que não nasceram e nem foram criadas em Belo Horizonte — viemos de São Luís (MA), Ouro Preto (MG) e Recife (PE). Nosso encontro com a cidade é pontual: possui dinâmicas e tempos diferentes. Somos de lugares distintos do Brasil, mas nossa empreitada de fitar as bancas se concentra em uma cidade em comum, a capital mineira.

Nesse movimento exploratório, as bancas marcam, então, nossos encontros (e desencontros) com a cidade, sob o ponto de vista do estrangeiro. De modo similar ao gesto do flâneur (BENJAMIN, 1994), caminhamos pelas ruas do bairro em que moramos/morávamos, pelas ruas adjacentes e, em alguns casos, por outros bairros. Aqui, retomamos os passos do nosso próprio movimento, enfatizando o olhar atento que o estrangeiro evoca diante da condição de ser andarilho entre ir e vir. Cada um de nós fez emergir, neste texto, uma materialidade viva: uma banca de revista que compõe a malha (INGOLD, 2015) espacial de Belo Horizonte. Das mais diferentes formas, elas aparecem: quando a banca está no caminho rotineiramente percorrido pelo estrangeiro até à sua casa, como é o caso da que está localizada no bairro Ouro Preto; ou quando o encontro é inesperado, numa emergência cotidiana, caso da banca do bairro Lourdes, distante da morada dos três estrangeiros e que, mesmo localizada em área de intenso fluxo e comércio, ainda privilegia artigos de leitura; ou mesmo quando camuflada entre estabelecimentos comerciais entre os bairros Jaraguá, Santa Rosa, Indaiá e Liberdade. A partir das relações que estabelecemos com elas, desenvolvemos uma reflexão que leva em conta as reverberações do olhar estrangeiro nos modos de habitar Belo Horizonte.

Assim, nossas experiências com a cidade serão vistas sob lentes teóricas e analíticas, com as bancas assumindo a centralidade de nossa observação, de forma a se concentrar em três movimentos principais: 1) naquilo que emerge de nosso encontro com as três bancas específicas; 2) na reflexão acerca do que significa ser estrangeiro/a; 3) na maneira como tais bancas irrompem como intrusas na paisagem marcada pela condição de estrangeiridade. Como discutimos ao final, as ideias de fronteira e resistência são eixos importantes para compreender o lugar que as bancas de revista/jornais passaram a ocupar não só nas dinâmicas

da cidade, mas especialmente nas nossas experiências pessoais, isto é, nas vivências cotidianas daqueles que se perceberam estrangeiros/as.

### **Três bancas, três encontros**

Foi enquanto sujeitos oriundos de diferentes localidades que fitamos as bancas de Belo Horizonte. Embora a condição estivesse mais ou menos evidente, o sentido de ser estrangeiro/a não estava dado explicitamente a priori, mas foi se delineando e tomando força na medida em que nos lançamos na cidade percebendo as bancas de jornais/revistas. *Flanamos* individualmente por diferentes bairros, diferentes ruas, deixando as afetações e afinidades despontarem no percurso. Nesse caminhar tecido por linhas e nós, cada um dos autores deste texto foi capturado por uma banca específica que, por diferentes razões, nos marcou. Aqui, descrevemos nossos encontros para melhor situar o leitor em relação às singularidades do estabelecimento e do seu entorno, bem como àquilo que eles nos provocaram. Em nosso exercício, tomamos essas três bancas não como simples ‘objetos’, mas, seguindo Ingold, como materiais ativos: “[...] aprenderíamos mais se nos envolvêssemos com os materiais, seguindo o que acontece com eles enquanto circulam, misturam-se uns aos outros, solidificando-se e se dissolvendo, formando coisas” (p. 45). Nosso envolvimento com elas se deu, portanto, por meio de uma relação instável e flexível, aberta ao que a interação poderia nos oferecer. Apresentamos a seguir as sensações que nos tomaram ao nos relacionarmos mais detidamente com elas.

### ***De uma Ouro Preto a outra***

A primeira banca que destacamos fica no bairro Ouro Preto, na região da Pampulha. Trata-se de um local com grande população universitária (o bairro é de fácil acesso à UFMG) e bastante residencial. A banca que chamou atenção está localizada na esquina da rua Agenor Goulart Filho. A vitrine está disposta para a rua Conceição do Mato Dentro, uma das agitadas do bairro por causa da grande demanda comercial que comporta (Fig. 1). Ao redor, há farmácias, bancos, lanchonetes, restaurantes, um posto de gasolina, um pet shop, uma papelaria e uma floricultura.

Próximo dali, do outro lado da rua, também há um ponto de ônibus que dá acesso tanto ao interior do Ouro Preto quanto a localidades vizinhas. De alguma maneira, o estabelecimento está em uma zona ambígua: parte dele está direcionado para um ponto fervoroso do bairro enquanto outra parte, à frente da banca, marca uma das entradas para a região mais calma e com presença menos acentuada do comércio.



Figura 1 - Vitrine da banca no bairro Ouro Preto, em Belo Horizonte, Minas Gerais.  
Fonte: Francielle de Souza/Tramas Comunicacionais (2021).

Como é comum em outros empreendimentos do mesmo tipo espalhados pela cidade, há uma diversidade de mercadorias à venda: brinquedos, como ursinhos e bolas; tiras para chinelos; fones de ouvido; máscaras faciais; bolsas; diferentes marcas de cigarros; jogos infantis e chaveiros, além de produtos do ramo alimentício como pipocas, balas, chicletes e pirulitos. Há poucos jornais e eles ficam, em geral, na parte mais baixa da banca, quase próximo ao chão. As revistas, habitam boa

parte do espaço e contornam a estrutura de aço da loja. No lugar mais alto, há exemplares da Piauí, *Le Monde Diplomatique*, Turma da Mônica e Super, além de impressos ligados à temática futebol. Na lateral, há algumas edições da Isto é. Embaixo, entre as muitas alternativas, temos títulos como Forbes, Tititi, Veja e Caras (Fig. 2). Na vitrine, encontra-se mais uma gama de produções, conforme se pode ver na figura anterior. No momento em que as fotografias foram feitas, havia um homem de aproximadamente 50 anos atrás do balcão, organizando mercadorias nas prateleiras internas.



Figura 2 - Fachada da banca no bairro Ouro Preto, em Belo Horizonte, Minas Gerais.  
Fonte: Francielle de Souza/Tramas Comunicacionais (2021).

Antes mesmo de me aproximar do pequeno negócio, houve um período de estranhamento. Quando a proposta de realizar um exercício metodológico que tinha as bancas de jornais/revistas como fenômeno foi levantada pelo grupo de pesquisa, não consegui pensar de imediato em qualquer estabelecimento do tipo no Ouro Preto, bairro em que moro desde que me mudei para Belo Horizonte, em 2019. Mesmo que tivessem me alertado para o fato de que havia algumas bancas na rua Conceição do Mato Dentro, nenhuma referência me veio à memória naquele momento. Foi somente quando caminhei pelo bairro disposta a vê-las

que me dei conta da existência delas. A banca aqui descrita foi a primeira que encontrei. Por meio dela, compreendi a razão de não ter percebido as pequenas lojinhas antes, ainda que caminhasse cotidianamente nos arredores: a estrutura de aço nas calçadas da cidade não funcionava para mim como elemento de identificação do que é uma banca. Ainda que seja algo comum nos estabelecimentos de Belo Horizonte e de outros lugares do país, ela não fazia parte das minhas experiências, visto que, em meu lugar de origem (Ouro Preto - MG), o local em que impressos jornalísticos eram vendidos se tratava de uma casa de estilo colonial, totalmente adaptada ao centro histórico da cidade.

Abrindo-me para uma nova e mais ampla percepção a respeito do que chamamos de banca, pude, então, me aproximar e interagir com o que antes não me era familiar. Nesse movimento, as diferenças continuaram a saltar, especialmente em relação à diversidade de produtos comercializados, algo que não esperava encontrar. Contudo, outros aspectos eram mais reconhecíveis. O espaço significativo dedicado às revistas, por exemplo, me fez lembrar a prateleira da banca da minha cidade que eu visitava com frequência. Quando era adolescente, costumava comprar a *Capricho*, já que minhas amigas mais próximas também eram leitoras assíduas do periódico. Quando adulta, procurava as edições da revista *Piauí*, leitura quase obrigatória para a estudante de jornalismo que me tornei. Os jornais, que na banca aqui descrita têm pouca ou nenhuma atenção, nunca foram objeto de compra da minha parte, uma vez que o Estado de Minas chegava aos domingos em minha casa em função da assinatura feita pelo meu pai e o jornal local, chamado *O Liberal*, era distribuído gratuitamente de porta em porta. A disposição espacial dos impressos me remeteu a situações mais habituais. O gesto de aproximação, então, ficou marcado pela possibilidade de alargar minha noção de “banca” (tanto em relação àquela que me era familiar quanto à que passei a conhecer), de modo até mesmo que, hoje, as estruturas de aço, antes completamente ausentes na minha experiência da cidade, não passam mais despercebidas por mim e me ajudam a me localizar no meu próprio bairro.

### *Uma banca de recordações*

O encontro com a segunda banca — Banca de Revista da Clara, localizada na Avenida Timbiras, de trânsito intenso, no bairro Lourdes, centro de Belo Horizonte — foi inesperado. Acompanhado de um amigo, procurei o local indicado pelo guardador de carros para retirar o *ticket* de estacionamento. Foi, então, quando me deparei com a banca. De estrutura metálica e cor verde e cinza, possui na distribuição interna estantes com livros antigos e mais novos à venda (estilo sebo), poucas revistas e jornais do dia — o único que restara, prestes a cair da alça que o firmava, era o exemplar da Folha de São Paulo (Fig. 3). A distribuição ainda é muito similar às bancas mais tradicionais de revistas e jornais. De imediato, o encontro me projetou uma lembrança da infância, em São Luís do Maranhão, em que, principalmente aos sábados, quando acompanhava meu pai no trabalho, passava horas entre as diversas bancas que ali se instalavam.

Naquele instante, compartilhei a inquietação de um estrangeiro encontrando outro. Antes de pedir a validação do *ticket*, indaguei sobre a banca e a quanto tempo ali estava. Surpreso com a longevidade de 30 anos, ao mesmo tempo me senti à vontade para relatar que recordei da minha experiência com as bancas de revistas na infância, e que, em Belo Horizonte — como em São Luís — tem sido difícil encontrar bancas que se dediquem ainda a ter livros, jornais e revistas. Sem pedir licença, folheei uma revista que estava disposta próxima da bancada. Enquanto folheava, lembrei de, na infância, ler as revistas enquanto aguardava a hora de voltar para casa junto do meu pai. Ainda pedia emprestado para levar e devolver no dia seguinte.

A banca começava a se dispor para mim com força de *storytelling* do cotidiano. Comecei, então, de cabeça baixa entre as páginas da revista que folheava, a imaginar como durante 30 anos aquela banca se reorganizou diante das transformações típicas de um centro urbano de uma grande cidade como Belo Horizonte. Afastei um tanto o olhar e percebi o gari que se aproximava lentamente limpando o meio fio, recolhendo as folhas das árvores. O tráfego de pedestres era intenso; dos que paravam, alguns só perguntavam uma informação, creditavam o celular ou mesmo compravam um fracionado de cigarro; ainda assim,

este fluxo permite encontros mais generosos. Na ocasião, houve um encontro fraterno entre a dona da banca e uma amiga da vizinhança. Entre um reclamar e outro, as senhoras cobravam mais visitas e um certo bolo de fubá. Comentaram sobre uma terceira amiga que andava em falta com elas e que deveriam cobrar um encontro já firmado entre elas.



Figura 3 - O último jornal à venda na banca do bairro Lourdes, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Fonte: Alexandre Gouveia/Tramas Comunicacionais (2022).

A banca do bairro Lourdes (BH) é beneficiada pela sombra constante de duas grandes árvores, no entanto, a sensação é de estar espremida por um prédio onde funciona uma repartição pública e o meio-fio da calçada. Ocupando uma calçada relativamente estreita para o suporte da banca, parecia que de certa forma, a banca já estava no limite do que conseguiria resistir. A entrada dá para dentro da calçada. No lado que fica virado para a avenida, a banca se reveste de anunciantes, na ocasião, havia o anúncio do lançamento do filme “A sogra que te pariu”, revelando a dupla função (publicidade e consumo) que ocupa na espacialidade (Fig. 4).



Figura 4 - Publicidade e consumo na banca do bairro Lourdes, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Fonte: Alexandre Gouveia/Tramas Comunicacionais (2022).

A fachada de exposição é margeada por uma geladeira com refrigerantes, água e energéticos. No balcão, vende-se cigarros, bombons e paçocas. Um pouco escondido, por detrás de anúncios de concursos e apostilas, há um conjunto de livros de cordéis. A estrutura da banca parece se beneficiar com a tentativa de o bairro ser comercial e, ao mesmo tempo, se preservar como referência histórica. A pichação em uma das laterais da estrutura não parece causar incômodo a ninguém e funciona como uma marca que reforça a pertença ao espaço urbano (Fig. 5).

Como *flâneur*, estrangeiro, andarilho, só consegui enxergar a banca de revista como fenômeno, para além da utilidade, quando recordei experiências com bancas na minha cidade natal e quando, por meio deste gesto de olhar, tomei a condição de estrangeiro que a banca ali invoca. Neste caso, a banca só é, de fato, quando a enxergamos como sendo, quando a experienciamos para além de uma fantasmagoria mercadológica; quando, mesmo atendendo a uma lógica de mercado, é algo que só minha atenção pode dizer.



Figura 5 - Banca como lugar de encontros. Bairro Lourdes, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Fonte: Alexandre Gouveia/Tramas Comunicacionais (2022).

### ***Uma pausa no caminho, um estrangeiro e uma fronteira***

Por fim, apresentamos a terceira banca. Disputando seu espaço em um entorno comercial e repleto de alternativas, a banca Jonathan está localizada no final da Rua Conselheiro Galvão, relativamente próxima de um ponto de ônibus, o que facilita seu acesso. Não há grandes destaques visuais externos no estabelecimento, exceto eventuais propagandas que, dependendo da localização de quem observa, acabam chamando mais atenção que a própria banca. Além da propaganda da Claro, atualmente, o destaque é pôster que indica a venda do álbum de figurinhas da Copa do Mundo e seus cromos — segundo o vendedor, um grande sucesso no momento (Fig. 6).



Figura 6 - Uma banca no caminho. Bairro Jaraguá, em Belo Horizonte, Minas Gerais.  
Fonte: Thiago Pimentel/Tramas Comunicacionais (2022).

E é na conexão com a movimentada Rua Izabel Bueno — responsável por cortar (e ligar) bairros como Jaraguá, Santa Rosa, Indaiá e Liberdade — que faz do seu ponto um possível “alvo”, principalmente, para pedestres que caminham na região. Trata-se de uma pequena banca, de estrutura metálica simples, com foco na venda de diversos artigos (brinquedos, mochilas, sombrinhas etc.) e, também, o material tradicional impresso, mas sem muita ênfase visual na exposição desses itens: no geral, o grande ‘mosaico’ (uma miscelânea de produtos) se destaca em um primeiro encontro (Fig. 7 e Fig. 8)

Em uma caminhada sem rumo definido, sob os ares de uma cidade ainda nova, o meu primeiro encontro com esta banca ocorreu em meio a múltiplos cruzamentos — literais e simbólicos. Neste contexto, a banca

é um elemento de passagem: presente na paisagem, mas sem apontar um objetivo. Ela marca espaços e, no geral, me ajudou a mapear trechos de uma cidade nova (longe do Nordeste, longe de Recife — minha cidade natal) e do meu trânsito, especificamente, nessa área. Parando para comprar uma garrafa de água durante o caminho, foi naquela banca que eu passei a entender, na minha primeira semana em Belo Horizonte, a dinâmica de alguns bairros e, também, como eu faria para acessar a universidade. Em uma cidade típica, uma banca pode representar um pequeno espaço de organização comum e de respiro em meio a um forte fluxo. Tão ordinárias, mas ao mesmo tempo também intrusa. Aos poucos, paramos e observamos ela, a banca.

Localizado na parte interna do estabelecimento, o material impresso é dividido em algumas seções. Há, por exemplo, uma fileira com mangás (quadrinhos japoneses e que estão tendo boa saída, logo soube), uma seção de revistas periódicas, jornais e outra com HQs diversas. Destaca-se, também, uma boa quantidade de revistas do tipo “passatempo” (cruzadinhas, caça-palavras e afins) dispostas em número proporcionalmente maior aos outros. Além disso, os itens da geladeira (líquidos, em sua maioria) podem, também, garantir a parada do pedestre para tomar uma água ou refrigerante (Fig. 7).

Curiosamente, a geladeira é colocada estrategicamente próxima das fileiras do material impresso. Caso deseje algo, inclusive, o cliente é encorajado a buscar por si mesmo e abrir a geladeira. Nesse ínterim, quem sabe, ele pode visualizar algo que goste? Apesar das tensões atribuídas ao contexto político nacional, no momento da visita para as fotos, as vendas de camisetas da seleção brasileira de futebol também se destacaram, uma preparação (e ressignificação da camiseta enquanto símbolo) para a Copa do Mundo no Qatar cujo início aconteceria depois de algumas semanas.



Figura 7 - Geladeira, revistas e mochilas na Banca Jonathan. Bairro Jaraguá, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Fonte: Thiago Pimentel/Tramas Comunicacionais (2022)



Figura 8 - Parte interna da banca. Bairro Jaraguá, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Fonte: Thiago Pimentel/Tramas Comunicacionais (2022).

Com mais de 15 anos de atividade, a Banca Jhonatan possui uma alta rotatividade de donos (o atual está há um ano, de acordo com o vendedor), mas isso não é um indicador de negócios ruins: muitos fregueses param no local para consumir. E, ainda de acordo com o vendedor local, a banca atrai sempre muitos clientes e não sente que o negócio vem perdendo seu protagonismo — algo que foi atribuído, na visita, às múltiplas opções de consumo do da banca. Apesar de estar numa área comercial, o fato de disputar espaço com outros estabelecimentos (padaria MixPão, Supermercado BH, Banco Santander, diversos restaurantes etc.), no seu entorno, faz a pequena banca não se destacar visualmente nesse recorte urbano.

### **Nós, estrangeiros/as**

Como os relatos acima indicam, a condição de estrangeiro é marcada pelo desejo de conhecer. Ao chegar em um ambiente novo, o sujeito, despido de certa sensação de pertencimento costumeira, percebe e tateia a atmosfera no sentido de buscar um esteio para suas ações. As interações que ele estabelece com o meio e o grupo social que encontra, fundadas num exercício constante de proximidade e distanciamento, se dão, então, por meio de um processo de reconhecimento que se articula em diferentes níveis, mas de maneira relacional: reconhecer os outros e as coisas para que seja possível reconhecer a si mesmo (e vice-versa). O estrangeiro como viajante potencial, como aquele que não tem pressa de partir mesmo não tendo superado o deslocamento primeiro (SIMMEL, 1983), é movido por uma busca por modos de sondar e explorar o desconhecido, ainda que sem considerar inicial e conscientemente a natureza da relação que se instala no contato. A ânsia por reconhecer traduz-se, portanto, numa forma de o indivíduo inscrever-se e habituar-se diante da incógnita.

Logo é possível afirmar que conhecer é um imperativo para o estrangeiro. Ele precisa continuamente responder à realidade que o interroga, seja distanciando-se ou afastando-se dela. Contudo, ele só tem condições de fazê-lo porque experiências anteriores lhe permitem. Aquilo que foi vivido, sentido, confrontado serve de ancoragem para o próprio gesto de experienciar. Aqui, neste exercício, só o fazemos

como estrangeiros, pois reconhecemos que as bancas nos colocam nessa condição, evocando memórias, pertencimentos e ausências. Embora cada encontro com o novo seja sempre singular e produza afetações únicas, experimentamos o mundo de forma culturalmente situada. Isto é, recorremos ao repertório adquirido, às nossas memórias e tradições, e o mobilizamos para ler e compreender a realidade que se instaura diante de nós. Assim, conhecer, no caso do estrangeiro, é entremear diferentes espacialidades e temporalidades, articular vestígios de suas origens com os arranjos do novo lugar, abrir o jogo da negociação com as próprias crenças e condutas. E, nesse sentido, importa o que se quer conhecer, aonde se quer chegar, mas importa ainda mais o processo que se inaugura no desejo de tal. É a postura aberta para a possibilidade do encontro que aqui sobressai.

Em nossa tarefa de caminhar pela cidade tomando as bancas como pontos de atenção do olhar, estão implicadas imagens e definições pré-concebidas do que seria uma banca de revista ou jornal. Elas derivam de experiências particulares, muitas vezes ligadas às lembranças de nossas próprias cidades de origem. Em alguns momentos, tais recordações se aproximam do que encontramos em Belo Horizonte. Em São Luís (MA), por exemplo, elas também são caracterizadas pela estrutura metálica, similar à estética vista na capital mineira. Recife (PE) segue o mesmo padrão, mas possui uma maior concentração de bancas no centro da cidade, além de muitas não terem mais foco na venda de material impresso. Em outros momentos, elas se distanciam um pouco mais do que conhecemos em BH. Em Ouro Preto (MG), o estabelecimento que é chamado tradicionalmente de banca de jornal é, hoje, uma livraria e perdeu boa parte do foco nos impressos jornalísticos. Além disso, ela está incorporada à arquitetura barroca, sendo mais um dos comércios alocados nos antigos casarões da rua São José, no centro histórico da cidade.

O exercício de observarmos e nos relacionarmos com as bancas de Belo Horizonte nos permitiu descobrir similaridades com o que já conhecíamos, mas também desconfiar delas, reler nossas próprias concepções, desconhecê-las em certa medida. Como chama atenção Didi-Huberman ao refletir sobre o exilado, “para saber é preciso saber

o que se quer; porém, é preciso, também, saber onde se situa o nosso não saber, nossos medos latentes, nossos desejos inconscientes” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 15). Nesse sentido, conhecido/desconhecido não são simplesmente categorias de cooptação do mundo, que operam como meras classificações daquilo com o qual se encontra. Na experiência do estrangeiro, elas são sintomas de uma operação cognitiva e afetiva que se desfaz e se refaz no instante do confronto com as coisas, quando algo é identificado como intruso, na relação de instabilidade que aí se delinea. Nessa direção, é possível afirmar que:

Para saber é preciso, então, contar com duas resistências pelo menos, duas significações da palavra “resistência”: a que afirma nossa vontade filosófica ou política de quebrar as barreiras da opinião (é a resistência que diz “não” a isso, “sim” àquilo), mas também a que afirma nossa propensão psíquica em erguer outras barreiras no acesso sempre perigoso ao sentido profundo de nosso desejo de saber (é a resistência que não sabe mais muito bem em que ela consente nem a que quer renunciar) (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 15-16).

A resistência é, então, a parte do processo de conhecimento que revela as tensões entre saber e não saber. E essa fricção entre o conhecido e o desconhecido, o que é sabido e o que não é, deriva do ato de estranhar, que é condição da experiência do estrangeiro. É no estranhamento, guiado por um olhar crítico e investigativo do sujeito, que as diferenças emergem e que o heterogêneo pode ser desvelado. O imprevisível ilumina, portanto, o que está além do habitual, desorganizando a ordem e desmantelando a unidade das coisas. Na medida em que o mundo se apresenta, novos posicionamentos, novas tomadas de decisões, novas formas de abertura para o possível são mobilizadas, pois “o estrangeiro, assim como a estranheza, tem como efeito lançar uma dúvida sobre toda realidade familiar” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 67), o que pede maleabilidade e disponibilidade daquele que observa, daquele que se distancia e se aproxima continuamente.

Tomar as bancas como pontos de atenção permite perceber a heterogeneidade que elas amarram. No geral, as bancas cruzam territórios, atravessam espaços e precisam se adaptar aos contextos (sociais, econômicos e políticos) em seu entorno. Mas, ainda assim, uma

banca no caminho é, ora, apenas mais um elemento na composição da rua. Ao assumir este exercício de observação, notar as bancas na cidade ganha outros ares: há um “alvo fixo” a ser encontrado na imensidão das ruas. Ao mesmo tempo, elas não deixam de pertencer a um mundo em ebulição, a uma cidade que se movimenta, a um cotidiano que se desdobra. Relacionar-se com elas, portanto, não é deslocá-las de seu universo corriqueiro, pinçá-las e isolá-las do entorno que as constituem, mas considerá-las ancoragem para perceber e sentir a própria vida acontecendo.

Trata-se, portanto, de não só ir ao encontro do mundo, mas de deixar que ele emergja e signifique no momento da interação, que ele também encontre o sujeito. Para isso, é preciso, antes de tudo, olhar ao redor sem ter a ambição de apreendê-lo totalmente, uma vez que admitir que as coisas nos escapam é abrir-se para o processo que compõe o saber. Como Tim Ingold sugere, o mundo é descoberto à medida que direcionamos a atenção, e as vidas são vividas não dentro, mas por meio dos lugares, em torno deles, para eles e com eles. A existência humana se desdobra, então, ao longo de caminhos, e tomá-los demanda se apegar menos às formas fixas e mais às linhas, às trilhas e ao próprio ato de caminhar.

Para obter sucesso – ou seja, retomar o labirinto e se perder nele – “os nomes de ruas devem falar ao andarilho urbano como o estalar de galhos secos, e as pequenas ruas no coração da cidade devem refletir as horas do dia... tão claramente quanto um vale entre as montanhas” (BENJAMIN apud INGOLD, 2015, p. 5).

A qualidade do encontro está intimamente conectada à capacidade do indivíduo de não antever o sentido do que está lá fora, de abdicar das miradas totalizantes. “Em outras palavras, seguir o caminho é menos intencional do que atencional (INGOLD, 2015, p. 8). Permitir-se vagar pela cidade, entre ruas e prédios, é produzir um gesto de atenção ao redor da multidão sem o objetivo de fabricar incertezas, sem busca pela completude. Como lembra Ingold, existem muitas maneiras de caminhar, mas nem todas nos levam para fora. Flanar a partir da condição de estrangeiro, em nossa concepção, aponta para uma prática que nos leva para fora, pois, ao recusar o discurso linear e tomar o caminho indireto,

observar, parar e tomar fôlego, recuar e avançar em relação ao objeto de atenção, permitir-se que as incertezas apareçam, que tanto o não saber delinieie o processo do saber quanto o instante da interação com o estranho sobressaia, desnaturalizando, assim, o encontro.

### **Bancas como intrusas**

Conforme explicitamos anteriormente, nossos encontros com as bancas foram mediados pela condição de estrangeiro/a que, a partir do olhar sobre elas, nos atravessou. Tal relação, porém, não foi unilateral: as bancas nos olharam de volta, acionando, criando e recriando, muitas vezes, certas memórias. Esse aspecto mnemônico, que diz do fluxo entre passado e presente desdobrado no instante do encontro, se tornou mais explícito conforme fomos nos deparando com o conhecido e o desconhecido, o que fez emergir as bancas, intrusas em nossas paisagens cotidianas, ora como elementos que nos ambientavam na cidade, ora como aquilo que nos distanciava dela. A partir da articulação entre essas memórias e a abertura para o novo, nossa interação com os estabelecimentos dos bairros Ouro Preto, Lourdes e Santa Rosa, passou a ganhar sentido, principalmente, de duas maneiras: às vezes, as bancas irromperam para nós como fronteira, como um lugar de fricção, demarcação e contradição; outras vezes, elas se destacaram pelo sentido de resistência que imprimem na relação com os entornos, com aquilo que as rodeia.

Enquanto fronteira, a banca atua não na condição de limite ou de fim, mas potencial de fluxo, de trânsito e de ressignificação. No espaço das bancas, estão os signos da permanência e da mudança, e são vividos os ritos da ordem e do caos, da disciplinarização e dos desregramentos. As bancas podem ser para o olhar estrangeiro e a experiência de flunar pelas ruas, portanto, fronteira. Viver um período em Belo Horizonte, tendo as bancas como forma de marcar a urbe, pode trazer um entendimento específico, dos bairros da capital mineira, em torno desses estabelecimentos. As bancas, portanto, podem se tornar referências espaciais, de trânsito, de fronteira. Por exemplo, na Rua Conselheiro Galvão, a banca Jonathan passou a significar (para um dos autores do artigo) que, ao cruzar seu entorno, ele chegara na região fronteira —

difícil de ser detectada por olhares externos — responsável por demarcar os bairros Jaraguá e Santa Rosa.

Trata-se de um caminho marcado por diversos estabelecimentos e com rotas que cruzam o percurso à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, também, permitem o acesso ao centro da cidade partindo daquela região. Portanto, um labirinto definido e bem estabelecido para muitos transeuntes. Aquela banca que resistia aglomerada em meio a tanta informação, no fim da Rua Conselheiro Galvão, passou a remeter, também, o amontoado de bairros, a fronteira delimitada, acionando uma dimensão outra. De um estabelecimento “invisível”, do contato de primeiras caminhadas, a banca passou a remeter, justamente, o momento de conexão de uma pessoa externa (estrangeira) com a cidade. A banca marcou tal experiência não apenas enquanto banca, local de venda de artigos diversos, mas como fronteira.

De modo similar, a banca do Ouro Preto, como mencionamos, marca uma linha imaginária entre a parte mais agitada e a parte mais tranquila do bairro. Há uma delimitação invisível entre o comercial e o residencial. A banca se situa nesse entremeio e, de alguma forma, o reflete. Nela, estão à venda tanto produtos que podem ser rapidamente comprados por um transeunte no caminho para o trabalho, como um chiclete ou um cigarro, quanto objetos que remetem a uma outra temporalidade, como as tiras para chinelo que são vendidas avulsas no local. Em alguma medida, as esferas do público e do privado se misturam no estabelecimento e configuram o modo como ela se apresenta como banca. Ao chegar naquela esquina, o/a estrangeira/a entra em uma zona de fricção do bairro, em que os contraditórios ganham destaque.

Por outro lado, a banca como resistência na cidade estabelece outras malhas e nós, especialmente quando a vemos como algo que ora rejeita ora se adequa ao fluxo intenso da cidade. Dentro de uma lógica de consumo, nessa disputa por atenção, alguns movimentos se transformam em resistência. O conjunto de revistas, jornais, livros e outros impressos marcam a memória das bancas como um espaço de parada e imersão. Por mais que ali, ocasionalmente, possa haver uma interação que tenha como resultado a aquisição de um bem, um negócio, é necessário algum movimento mais lento. Um dos aspectos de resistência das bancas se

dá justamente ao perceber que a lógica de consumo mudou. Hoje, elas são pontos de apoio para que você não pare: os espaços são pontos de venda de recarga de celular e outros acessórios para que você não fique desprevenido; são cigarros, bombons, água e outras bebidas que te permite continuar caminhando, consumir sem parar.

A demanda pela pausa e pela rapidez coexistem nas bancas. Elas podem manter-se como referência para vendas de revistas, livros antigos, jornais e, principalmente, uma troca de conversa; mas saber incorporar as duas ambivalências (ser ponto de recarga e ponto de parada). Na banca localizada no bairro Lourdes, por exemplo, há um conjunto de livros usados que se dispõe conjuntamente com jornais, revistas e livros de cordéis para quem desejar parar e direcionar o olhar para as publicações; da mesma forma, que na banca você pode adquirir seu bilhete de estacionamento ou a apostila do concurso que se aproxima, e até a recarga do celular. Estabelecemos, portanto, a dimensão de resistência como mais um potencial articulador na espacialidade dos centros urbanos. Para quem chega de fora, as bancas, nesse sentido, são espaços em que se pode se aproximar dos ritmos que compõem a dinâmica da cidade. Nesse movimento de existir e resistir; ir e vir, a atenção para essa materialidade significativa da malha urbana pode dar a ver as peculiaridades daquele lugar. Ali, ocorrem deslocamentos capazes de estabilizar e desestabilizar situações cotidianas, daí que a constante necessidade de ‘re-existir’, implicada na atual condição da banca de revista, tanto podem permitir ir na contramão do fluxo imersivo da cidade quanto apenas incorporá-lo.

Nesse movimento inicial, esses dois aspectos das bancas, como fronteira e como resistência, desnudam para nós, enquanto estrangeiros, novas paisagens. Fitar as bancas e permitir nos arrebatarmos por elas fez com que as imagens com as quais estávamos acostumados a lidar corriqueiramente fossem reorganizadas, reconstruídas. Ainda que, pelo olhar estrangeiro, já tivéssemos um posicionamento marcado pela constante dinâmica de aproximação e distanciamento, a relação com elas nos convoca a desmantelar a unidade dos nossos percursos e desvelar diferenças a partir de novos pontos de vista. Tomar as bancas de jornais/revistas como pontos de atenção, portanto, adiciona complexidade às

nossas relações com a cidade, possibilitando identificar as malhas em que as bancas estão inseridas e, na condição de intrusas, tensionar nossas formas de conhecer, habitar e visualizar a cidade e suas espacialidades. Este movimento faz ver o estrangeiro, enfim, não somente como aquele que é recém-chegado, mas como aquele que, para se situar, é provocado a realizar constantes retornos e desvios em torno de si e de suas crenças.



“É legal notar  
o que está exposto e  
o que está escondido  
em cada banca”

Rafael Andrade





**Da esquerda para a direita:**

*Belo Horizonte (MG), Prussiana Fernandes;*

*Belo Horizonte (MG), Prussiana Fernandes;*

*Belo Horizonte (MG), Tess Chamusca;*

*Belo Horizonte (MG), Bruno Leal;*

*Contagem (MG), Igor Luís;*

*Recife (PE), Thiago Pimentel;*

*Iguatu (CE), Daniel Macêdo.*





## Capítulo 6

# A banca resiste, insiste, existe ou persiste? transformações, influências e produção de ambiências

LETTÍCIA GABRIELLA

POLIANA SALES

RAFAEL ANDRADE

TESS CHAMUSCA

### **Introdução**

No Brasil, como explica Viktor Chagas (2013), o que hoje entendemos como banca de jornais surge no final do século XIX. Antes disso, periódicos eram comercializados diretamente a partir das redações ou de livrarias de luxo, por livreiros e editores que mantinham suas próprias lojas e por ambulantes. Nesse sentido, a ideia de um ponto fixo de venda nas ruas das cidades se inicia com os vendedores utilizando caixotes para apoiar as pilhas de jornais. Os caixotes deram lugar a quiosques de madeira que, na década de 1950, foram substituídos pela estrutura metálica que se tornou um padrão nas cidades brasileiras.

Desde o seu surgimento, as bancas de jornal ou revistas brasileiras tornaram-se importantes fontes de informação. Sua capacidade de se relacionarem com e nos ambientes, transmutando-os e por eles sendo transformadas, vem produzindo, desde então, ambiências, conjuntos de condições, relações e interações sociais, econômicas e culturais que as rodeiam e influenciam a partir de suas inscrições espaço-temporais. Com o passar dos anos, tanto as mudanças das cidades, bairros e ruas que ocupam, quanto as inovações tecnológicas dos meios de comunicação,

fazem com que elas precisem se metamorfosear a fim de manter-se ativas. Compondo uma espécie de catástrofe cotidiana, as bancas não acabam, mas constantemente se reinventam, habitando assim um limiar.

É intenção deste trabalho observar como os entornos geográficos das bancas produzem ambiências e estreitam uma relação bilateral e circular: por estarem em determinados espaços das cidades, as bancas oferecem certos produtos e serviços; e por oferecerem tais produtos e serviços, ajudam a produzir e são produzidas pelo ambiente em que estão. Para isso, noções teóricas que circundam a ideia de “ambiência” podem nos ajudar a articular teoricamente essa relação. É o caso de noções mais gerais relacionadas à geografia como “espaço”, “paisagem” e “meio ambiente”, além de ideias mais específicas como “cenário”, “*umwelt*” e “atmosfera”. Temos a intenção de cruzar noções teóricas sobre o espaço com outro elemento fundamental na resistência, insistência, existência e persistência das bancas: a noção temporal. As bancas não são, elas estão. Estão localizadas e aterradas em determinados espaços e inscritas de maneira temporalmente particulares. Por isso, acreditamos, são vetores interessantes para pensarmos a produção de ambiências (espaço-temporais) na sua relação com os corpos que passam, as ruas das cidades e o que acontece no entorno.

Pretendemos observar dois movimentos de “construção de ambiência”. Uma primeira construção seria teórica: como construir a ideia de “ambiência”? A partir da articulação de quais conceitos e noções gerais podemos pensar o que seria essa “ambiência” que temos tentado perceber? Uma segunda construção de ambiência seria empírica ou, digamos, “material”. Essa ambiência seria construída a partir de nosso olhar para as situações particulares em que determinadas bancas estão inseridas. Com isso, observamos as relações singulares que essas bancas estabelecem com suas vizinhanças, seus entornos.

A ideia de observar o contexto espaço-temporal das bancas, os ambientes que elas fazem e são feitas, esse “cenário”, talvez, também é um exercício metodológico que pretende ser não cartesiano. Isso porque o “olhar” para algum “objeto” de pesquisa, como o próprio nome diz, objetiva-o. A ideia de perceber o contexto, o cenário, o ambiente e a atmosfera que é produzida a partir da relação entre banca, seus produtos

/ serviços e seu entorno é um olhar que, simultaneamente, é direcionado para dentro da banca e para fora da banca.

### **Conviver com o problema**

Gostaríamos de pensar a necessidade de adaptação das bancas de jornais e revistas ao longo das últimas décadas no Brasil como um “problema” ou uma “catástrofe”. Essa “catástrofe” — entendida aqui como uma situação que desorganiza o modo como as coisas estavam instituídas e obriga que sejam pensadas novas soluções para essas tensas relações que estão sendo estabelecidas — é encarada por nós, no caso das bancas de revista, como uma catástrofe cotidiana. Ou seja, essa situação-problema imposta pela modificação do contexto sociocultural, econômico e espaço-temporal que escancara, por exemplo, uma crise do mercado editorial impresso gera, para as bancas, uma necessidade de modificação e transformação de sua “identidade” comercial, ou seja, uma modificação dos produtos que comercializa. Portanto, esse rearranjo contextual pede uma resposta das bancas que nos faz questionar: a banca resiste, insiste, existe ou persiste?

A partir dessa questão, gostaríamos de observar o problema, a “crise” e a “catástrofe” cotidiana das bancas de jornal e revista no Brasil de um modo produtivo, uma vez que, segundo a boliviana Silvia Rivera Cusicanqui, “Se o mal existe e não pode-se escapar dele, temos que nos tornar amigas dele” (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 65). O “mal” das bancas de revistas e jornais está dado: com a modificação no consumo do mercado editorial, a materialidade física dos jornais e revistas dá lugar, em boa parte, ao consumo virtual. Como, então, nos tornar amigas desse mal? Como responder, de maneira, produtiva e resiliente a essa mudança de contexto?

Esse “problema” vivido pelas bancas é conduzido de maneiras diferentes por cada gestor de banca, em cada cidade, bairro e rua particulares. As bancas se modificam. Elas precisam “conviver” com esse “problema” e encontrar soluções para sobreviverem, se adaptando. E o movimento de conviver com o problema é uma resposta produtiva sugerida por Donna Haraway (2016) logo no título de seu livro, *Staying with the trouble*. Para a autora, “ficar”, “permanecer” ou “conviver”

com o problema é conseguir se adaptar aos movimentos do ambiente, do contexto e do mundo no qual estamos inseridos e o qual também produzimos. Pensando aqui os “problemas” como as dificuldades de permanência na lógica anterior, como uma lógica de consumo físico de jornais e revistas, a permanência das bancas de revista em transmutações, ou seja, comercializando outros produtos, diz de uma resposta produtiva ao problema posto.

“Conviver” com o problema é aceitar ser atravessado pelas forças externas e se abrir a esse atravessamento tentando articular uma relação produtiva com as possibilidades, probabilidades e oportunidades. Na teoria da evolução, não foram os mais fortes que sobreviveram, mas os que melhor se adaptaram. E é exatamente sobre essa adaptação espaço-temporal que objetivamos refletir aqui. Como conviver com o problema? Quais as estratégias utilizadas pelas bancas? Como se adaptar? Acreditamos que todas essas perguntas pedem respostas espaço-temporais. A adaptação, o convívio e as respostas e proposições de mudança, acreditamos, passam pela atenção ao contexto espaço-temporal, ao ambiente, ao cenário, ao espaço e ao tempo.

### **Construção da “ambiência”**

Cada banca, cada espaço físico e material que um dia foi destinado a uma banca que vendia jornais e revistas cria relações com seu entorno, com elementos vivos do seu entorno, humanos ou não. E esse fazer e ser feito é o que nos interessa aqui. As bancas fazem-se com essas relações e, simultaneamente, também são feitas com essas relações. E cada relação é ímpar, pois cada banca ocupa um espaço físico singular na cidade, o que faz com que essas interações sejam únicas.

Conforme Lefebvre (2006, p. 7), “o espaço não pode mais ser concebido como passivo, vazio, ou então, como os “produtos”, não tendo outro sentido senão o de ser trocado, o de ser consumido, o de desaparecer”. Para o autor, o espaço é vivido, não é uma realidade material independente, não existe em si mesmo. O tempo, por sua vez, se distingue, mas não se separa do espaço, tempo e espaço se manifestam “como diferentes e inseparáveis”.

Os círculos concêntricos no tronco de uma árvore dizem sua idade; assim como as espirais dos moluscos, “maravilhosamente” concretas no espaço, segundo leis que só operações matemáticas complexas podem “traduzir” na linguagem da abstração. Os tempos, necessariamente, são locais; o que inclui relações entre os lugares e seus tempos. Os fenômenos atribuídos pela análise à única “temporalidade”, a saber o crescimento, o amadurecimento, o envelhecimento, não se separam da “espacialidade”, em si mesma abstração (LEFEBVRE, 2006, p. 244).

Por isso, para nós, a ideia de “ambiência” pode ser interessante, pois articula elos que cruzam os elementos espaciais e temporais a partir de uma relação. Um ambiente se produz a partir de um certo intervalo temporal e de uma demarcação espacial. E não se faz exclusivamente com essa característica “externa”. Ambiências se formam na relação social, na interação de pessoas, na comunicação, no jogo que é jogado entre quem oferece serviços e quem adquire esses serviços. Entre comerciantes e consumidores, entre ruas e praças, entre carros e lojas. Entre pedestres velozes e transeuntes vagarosos. Entre moradores, passantes, turistas. Crianças e idosos.

De acordo com Thibaud, a ambiência é espaço-tempo experimentado pelos sentidos (THIBAUD, 2012, p. 9). Para ele, “a ambiência restitui o lugar dos sentidos na experiência dos espaços vividos; [...], a ambiência é que dá vida a um ambiente, produzindo um efeito de conjunto e conferindo seu tom único, singular” (THIBAUD, 2012, p. 10).

Christine Greiner (2005) também apresenta uma noção interessante que nos pode ser útil. Segundo a pesquisadora, o termo alemão “Umwelt” é usado para dizer de

[...] uma propriedade que diz respeito ao modo como uma referida espécie constrói o seu mundo na relação com o ambiente onde vive. Ou seja, as espécies vivas, da bactéria ao homem, não são corpos-máquinas, mas sujeitos aptos a construir um mundo singular a partir das complexas relações que estabelecem com o ambiente onde vivem” (GREINER, 2005, p. 38).

Gostaríamos de tomar emprestado essa noção das espécies vivas para pensarmos as bancas como organismos vivos também: que são dotados de vidas a partir das relações que estabelecem e promovem

entre pessoas, ruas, cidades e as materialidades que são oferecidas para compra e venda em suas dependências. A noção de Umwelt, segundo Greiner (2005), nos ajuda a pensar na construção de relações a partir de relações bilaterais, de co-produções:

Falar em co-evolução significa dizer que não é apenas o ambiente que constrói o corpo, nem tampouco o corpo que constrói o ambiente. Ambos são ativos o tempo todo. (...) O organismo e o ambiente não são realmente determinados de maneira separada. O ambiente não é uma estrutura imposta do exterior aos seres vivos, mas, de fato, uma criação co-evolutiva com eles. Não há organismo sem ambiente (GREINER, 2005, p. 43).

Outro teórico que nos ajuda a pensar a relação de experiência vivida como inscrita em intervalos espaço-temporais é John Dewey (2010). Segundo Dewey (2010, p. 74), “A primeira grande consideração é que a vida se dá em um meio ambiente; não apenas nele, mas por causa dele, pela interação com ele. Nenhuma criatura vive meramente sob sua pele”. Interessante pensar na ideia de “ambiência” e “meio ambiente”. Essas noções biológicas estão circundando nossas proposições aqui. E parecem não ser à toa. O ambiente é criado, acreditamos, nesse “meio”, nessa interação intermediária entre o espaço-tempo e as bancas.

A metáfora emprestada do reino animal aqui para nós é interessante. Segundo Dewey (2010, p. 75), a pele e os órgãos das criaturas que vivem em um meio ambiente “são meios de ligação com o que está para além de sua estrutura corporal, e ao qual, para viver, ela precisa adaptar-se, através da acomodação e da defesa, mas também da conquista”.

Claudia Fonseca (2008) argumenta que, mesmo com a urbanidade cada vez mais reprimida pela redução dos espaços comuns, a rua continua sendo um lugar de encontro e de expressão da vida social de uma cidade. Para analisar a cidade em comunicação, ela recorre à noção de ambiência, como um “espaço constituído para que se efetuem trocas simbólicas no espaço das ruas” (FONSECA, 2008, p. 125). Ela explica que a ambiência está contida em uma paisagem, conceito que se refere ao conjunto de elementos que constituem o espaço urbano, tais como as ruas, edifícios, mobiliário e elementos naturais. Sendo um recorte

no espaço da cidade, “a paisagem exige um ponto de vista que relaciona tudo que a compõe” (FONSECA, 2008, p. 85).

A ambiência abriga os estímulos que um determinado lugar da cidade oferece e recebe dos sujeitos que a frequentam. De modo que se originam do uso cotidiano dos espaços, abrigam situações de interação entre pessoas e objetos que podem ser marcadas pela estabilidade ou intermitência. “Elas tendem a conservar traços de memória do lugar, nas marcas da passagem do tempo nos objetos e nas falas das pessoas que a frequentam” (FONSECA, 2008, p. 88).

De acordo com a autora, se no contexto da arquitetura a criação de uma ambiência é algo intencional, ao pensarmos na comunicação no cenário urbano, várias intenções se sobrepõem num processo complexo que resulta na produção de sentido sobre um espaço. “Estes sentidos não são expressões das individualidades, mas produtos de interações comunicativas que vão conformando temporal e espacialmente o mundo, sentidos que constroem uma cidade instável, em constante mutação” (FONSECA, 2008, p. 7). Justamente por serem constituídas a partir de interações, as ambiências têm uma dimensão acontecimental. A partir da possibilidade do convívio, da partilha de um tempo e um espaço, vão sendo produzidos acontecimentos na paisagem.

Uma relação que também é articulada pela autora é a partir da aproximação das noções de “ambiência” e “atmosfera”. Segundo Fonseca (2002, p. 87), “A ambiência urbana cria uma atmosfera própria o que remete à etimologia da palavra (*ambiance*, em francês, é atmosfera que envolve pessoa ou coisa)”. A atmosfera, para o britânico Tim Ingold (2018), é “um fenômeno tipicamente intermediário, algo que estaria ‘entre’ o sujeito e o objeto” (INGOLD, 2018, p.210). Ele nos alerta, no entanto, sobre a necessidade de pensar o conceito de “atmosfera” para além da abordagem de geógrafos e arquitetos, por um lado, e dos estetas, por outro:

Geógrafos y arquitectos han escrito extensamente sobre la atmósfera de los espacios que estudian o crean. Están interesados en las cosas y las personas que se encuentran ahí, en sus disposiciones relativas y en los sentimientos que evocan. Tal vez están interesados en las cualidades visuales, acústicas, y táctiles de estos espacios. Pero en su mayor

parte no parecen tener ningún interés en el tiempo. (...) Así, mientras la meteorología nos entrega una noción de la atmósfera como un dominio lleno de gas vacío de cualquier huella de estados de ánimo y afecto, los estetas nos dan lo que parece ser el opuesto complementario, un sistema de afectos que aparentemente existe en un vacío (INGOLD, 2018, p. 112).

Destacamos, desta crítica de Ingold (2018), o convite do autor para pensarmos a atmosfera tanto a partir dos elementos espaciais, quanto a partir, também do tempo. Isso seria importante para observarmos, para além do espaço físico que envolve alguma coisa, o intervalo temporal, que dota esse espaço de afeto. No entanto, alerta Ingold (2018), que outro cuidado que deve ser tomado é não pensar na atmosfera como, segundo ele, os estetas pensariam: apenas como um sistema de afetos cheio de espaços “vazios”.

### **Elos de ambiência e transformação**

A banca vive um tempo de transição, com situações comunicativas que perdem expressão, algumas que se refazem e o surgimento de novas. Assim, por exemplo, ela cada vez mais deixa de ser o lugar da novidade, de se manter atualizado por meio dos jornais e revistas que informam o que está na ordem do dia, característica que, como ressalta Fonseca (2008, p. 129), torna a banca um lugar de partilha do espaço urbano e de um tempo atual, uma vez que “o material que ela abriga pode trazer um mundo distante espacial ou temporalmente para o cotidiano dos sujeitos que param ao seu redor para ler as manchetes dos jornais e das revistas expostas”. Por outro lado, mantém resquícios do que já foi um grande vínculo com os adeptos do colecionismo. Assim, pessoas iam até a banca em busca de periódicos que vinham acompanhados de bonecos, mapas, miniaturas de instrumentos musicais e de carros e também de uma grande variedade de revistas em quadrinhos e álbuns de figurinhas sobre diversas temáticas, disponíveis em qualquer período do ano.

Hoje, publicações sazonais, como o álbum da Copa do Mundo, permanecem atraindo clientes para este espaço. Em outros anos, a presença de bandeiras do Brasil e cartazes pendurados nas paredes das bancas poderia ser interpretada pelos colecionadores como um sinal de

que ali encontrariam figurinhas dos jogadores das seleções. Em 2022, em um contexto de acirrada disputa eleitoral e de apropriação deste símbolo por parte dos bolsonaristas, este cenário, presente em várias bancas de Belo Horizonte e que em tese seria um fator de agregação dos aficionados por futebol, pode gerar dúvida e desconforto.

Em meio às transformações vivenciadas pelas bancas, em que os impressos deixam de assumir um protagonismo nesses espaços, alguns aspectos contribuem para que persista uma lógica de familiaridade em torno delas. Isso pode ocorrer quando a banca se torna um local de prestação de serviço, sobretudo quando o serviço em questão não tem muita oferta naquela região. É o caso de uma banca estrategicamente instalada em frente a um supermercado em Santa Amélia, em Belo Horizonte, na qual é possível fazer cópias de chave, amolar alicates e tirar *xerox* (Fig. 1).



Figura 1 - Banca na Avenida Portugal, Bairro Santa Amélia, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Fonte: Tess Chamusca/Tramas Comunicacionais (2022).

No espaço da banca, ganham destaque, além dos serviços, fones de ouvido, chaveiros, cabos de celular, cigarros, cadarços e tiras de sandália. Com exceção das palavras-cruzadas, publicações impressas, como livros

e módulos de concursos, ficam escondidas em um canto. Também é o caso das bancas instaladas na frente do Shopping Tropical, em São Luís. De frente ao estacionamento do shopping, as bancas vendem produtos comuns a uma loja de conveniência: bebidas, doces, sorvetes, jornais e chinelas havaianas.

A experiência das pessoas que fumam é um exemplo interessante. A segurança de encontrar ali o que se procura (cigarro, seda, isqueiro) faz com que a banca se mantenha como um ponto de ancoragem, constitui sociabilidades. No caso de fumantes que moram ou trabalham perto de uma banca, podem ser construídos vínculos tão próximos e cotidianos quanto os que havia em razão da compra periódica de jornais e revistas. Por outro lado, também se estabelece uma comunicação mais pontual que se relaciona com o ritmo das cidades (restrições legais ao fumo em locais fechados, por exemplo) e pode durar o tempo do cigarro. Nesse sentido, é muito comum por volta das 8 horas da manhã em uma banca próxima à Estação MOVE Pampulha, em Belo Horizonte, ver alguém comprando, acendendo ou fumando um cigarro.

Outro caso singular é o bairro Liberdade, em São Paulo, onde os visitantes, motivados pelo turismo, podem experienciar uma imersão nas tradições de imigrantes japoneses. Sendo o Brasil sede da maior colônia nipônica fora do Japão e São Paulo a cidade com o maior número de brasileiros de origem japonesa, tal cultura transformou e fez florescer inúmeros negócios da região, como feiras, mercados, restaurantes e lojas com uma ampla variedade de artigos (roupas, peças de decoração, produtos de beleza, papelaria). Sendo também reduto dos públicos nerd, geek e otaku — perfis que referem-se, respectivamente, a fãs de histórias em quadrinhos, ficção científica, fantasia, entre outros; fãs de tecnologia; e fãs de produções inerentes à cultura oriental, como mangás e animes — o bairro possui bancas onde se podem encontrar livros, revistas, mangás, jogos eletrônicos e peças colecionáveis (Fig. 2).



Figura 2 - Banca na Praça da Liberdade, Bairro Liberdade, na capital São Paulo.  
Fonte: Lettícia Gabriella/Tramas Comunicacionais (2022).

No bairro da Liberdade, a ambiência faz com que as bancas se disponham quase como livrarias especializadas, voltadas à cultura nipônica e a títulos e séries inerentes à cultura popular. Ao embarcar na linha azul do metrô e descer na estação de mesmo nome, a primeira coisa que se vê ao subir as escadas é uma banca. Entre bonecos de ação, mangás, miniaturas e outros colecionáveis, alguns jornais, revistas de atualidades, refrigerantes e cigarros ainda disputam espaço, fazendo com que seja ponto de encontro não só de turistas e jovens fãs, mas também parada de trabalhadores, ao fim do expediente, antes de embarcarem na estação logo abaixo. Assim, não apenas as implicações do comércio virtual de itens antes comuns às bancas faz com que elas sejam transformadas, mas também o turismo pautado na cultura japonesa é responsável por sua metamorfose.

No Centro de São Luís, Maranhão, região de comércio, as bancas de revistas foram retiradas das praças pela prefeitura municipal durante a obra de revitalização concluída em 2020, e instaladas nas ruas transversais ao Centro (Fig. 3). Após a conclusão da obra, que não previu instalações para as bancas, elas se amontoam nas calçadas. A ambiência faz com que essas bancas pareçam “clandestinas”, elas não

possuem identificação de nome, nem placa, e seus produtos parecem expostos com certo “improviso”.



Figura 3 - Banca de revista instalada na calçada, Bairro Centro, em São Luís, Maranhão.  
Fonte: Poliana Sales/Tramas Comunicacionais (2021).



Figura 4 - Banca de revista em frente ao Liceu, Bairro Centro, em São Luís, Maranhão  
Fonte: Poliana Sales/Tramas Comunicacionais (2021).

Em outro ponto do Centro de São Luís, as bancas ocuparam as calçadas das duas maiores escolas públicas da região, o Iema e o Liceu (Fig. 4). Nesta ambiência, as bancas são sebos, vendem gibis, apostilas, livros didáticos e técnicos, além de máscaras, acessórios e chip de celular. É possível observar também a persistência dos impressos como principal produto ofertado na banca instalada em outra instituição de ensino, na Avenida Antônio Carlos, na cidade de Belo Horizonte: a UFMG (Fig. 5).



Figura 5 - Banca do Campus Pampulha da UFMG, em Belo Horizonte, Minas Gerais.  
Fonte: Tess Chamusca/Tramas Comunicacionais (2022).

O próprio modo como a estrutura da banca está instalada na rua também diz das ambiências que podem ser construídas em torno dela, das situações comunicativas que ela estabelece. Uma banca voltada para a rua, configuração comum nas ruas de Salvador, por exemplo, faz parte das experiências cotidianas dos pedestres e também de quem transita pela cidade de automóvel ou de transporte público. Se em outros tempos, no instante em que um ônibus parava ao lado de uma banca, uma pessoa que estivesse sentada dentro dele poderia conferir as manchetes de revistas em destaque nas bancas, hoje ela pode situar-se sobre o que está à venda naquele espaço no momento.

Existem legislações municipais que indicam uma distância de 10 metros entre as bancas e os pontos de ônibus, a exemplo do Código de Posturas do município de Belo Horizonte e do Decreto que dispõe sobre a localização e funcionamento do comércio e serviços informais em equipamento do tipo banca de chapa em logradouros públicos do município de Salvador. No entanto, ilustrando que as possibilidades comunicativas nos espaços públicos “são expressões da tensão entre os usos cotidianos e as regulações e constrangimentos que regem os

espaços” (FONSECA, 2008, p. 81), é possível identificar nas duas cidades bancas e pontos que compartilham o mesmo espaço.

Como ressalta Fonseca (2008), ao longo do caminho que percorrem pelas ruas, as pessoas encontram em ambos possibilidades de parada. Nesse sentido, a articulação entre eles pode complexificar as ambiências. O tempo da espera, que poderia ser ocupado pela interação com outras pessoas ou, por exemplo, com a leitura de mosaicos de cartazes superpostos nas estruturas dos pontos, ganha outros significados ao abarcar o contato com novos objetos e pessoas presentes nas bancas. A possibilidade de beber, comer algo comercializado ou de contratar algum serviço disponível no local — como uma impressão ou *xerox*, uma colocação de película de celular — pode fazer com que o momento se estenda. Assim, o ônibus, por distração ou intencionalmente, pode deixar de ser o objetivo primordial da parada. Para aquelas, cuja presença no ponto é cotidiana, podem ser gerados vínculos de distintas naturezas: a exemplo de um *happy hour*, após o fim de expediente de uma sexta-feira, enquanto o trânsito vai diminuindo a intensidade. Ou mesmo, no caso de pontos de fim de linha, uma rede de suporte entre motoristas de ônibus e as pessoas que trabalham na banca.

Por sua vez, a pessoa que transita de carro pela cidade pode estacionar por alguns minutos em frente a uma banca quando está buscando um objeto específico, ainda que isso implique burlar alguma lei de trânsito, ou, em situações em que já possui intimidade com quem cuida da banca, nem sequer sair do carro para obter o que procura — algo que ocorria com frequência em uma banca com décadas de existência, localizada no bairro Matatu, em Salvador (Fig. 6).



Figura 6 - Banca na Rua Rio Amazonas, Bairro Matatu, em Salvador, Bahia.  
Fonte: Tess Chamusca/Tramas Comunicacionais (2022).

Para além da comunicação que se estabelece em virtude da venda de produtos ou da prestação de serviço, situada em cidades capitalistas em que o espaço se torna uma mercadoria (FONSECA, 2008), mesmo a banca posicionada “de costas” para a rua convoca quem está no trânsito quando apresenta painéis de publicidade na sua parte de trás. Em seu blog, a empresa NoAlvo, que produz esse tipo de mídia em diferentes cidades do país, fala do potencial publicitário da banca de jornal: elas se fazem presentes de maneira natural nos trajetos dos consumidores, a proximidade com pontos de venda, hipersegmentação por localização e público-alvo, a exposição constante (CRESPIM, 2019).

Inserida nessa lógica de máximo aproveitamento do seu espaço, uma banca localizada em frente ao supermercado SuperNosso, em Santa Amélia, Belo Horizonte, ostenta o painel de LED, que ilumina as peças e garante a exposição também durante a noite (Fig. 7). Bastante presente nas ruas de Belo Horizonte e na Avenida Paulista, em São Paulo, essa integração das bancas às práticas publicitárias ainda não é tão comum em Salvador.



Figura 7 - Painel com anúncio publicitário em banca na Avenida Portugal, Bairro Santa Amélia, em Belo Horizonte, Minas Gerais.  
Fonte: Tess Chamusca/Tramas Comunicacionais (2022).

## Considerações finais

Neste estudo buscamos analisar, a partir da noção de ambiência, como as bancas de revistas se relacionam com seu entorno, ajudam a produzir e são produzidas pelo ambiente em que estão. Para isso, observamos dois movimentos de “construção de ambiência”, um teórico, no qual buscamos entender o conceito de ambiência na relação espaço-temporal, e outro mais empírico, no qual descrevemos as ambiências mais notáveis das bancas de revistas localizadas nas cidades de Salvador, São Luís, São Paulo e Belo Horizonte. Como as das bancas do Centro de São Luís instaladas no estacionamento do Shopping Tropical, que são lojas de conveniências; as do bairro da Liberdade, em São Paulo, quase livrarias especializadas da cultura nipônica; e as próximas à Estação MOVE Pampulha, em Belo Horizonte, que comumente vendem cigarros.

Ao realizar um exercício de observação e refletir sobre as experiências, percepções e ações presentes nos contextos das bancas, notamos que a compreensão das ambiências se dá na articulação de ambos os movimentos, uma vez que podemos tanto entendê-las a partir das características dos espaços, circunscritos em uma dimensão temporal,

quanto através dos atravessamentos inerentes a uma percepção sensível através de nosso reconhecimento, pelo cotidiano e seus movimentos de transformação e conformação. Daí a importância de um olhar empírico.

Seja como consequência das mudanças no mercado editorial e das formas de consumo, seja pela alteração das leis e decretos que dispõem sobre a localização e uso dos espaços urbanos das cidades pelo comércio informal, seja pelos projetos de planejamento e obras públicas que, conforme Thibaud (2012, p. 13), visam “redistribuir os lugares e as identidades” e criar “espaços públicos excessivamente neutralizados, formatados e pacíficos”, as bancas vivenciam um processo de crise permanente.

As bancas estão em todo o lugar, e em cada um deles assumem distintas configurações. Mudança após mudança elas resistem, adicionando produtos e serviços e descartando outros. Exploram possibilidades, insistindo em manter-se nas ruas, persistindo em permanecerem ativas nas diferentes cidades brasileiras. Próximas a pontos de transporte público, escolas ou fóruns, em avenidas lotadas ou bairros tranquilos, naquela pracinha ali da esquina, onde todo domingo ainda é possível encontrar alguém lendo o jornal. Entre eles de ambiência e transformação, elas existem. Não são, estão. Sempre se refazendo, adaptando-se num estado infindável de catástrofe cotidiana.



“A cidade é movimento e a banca se movimenta junto”

Luciana Amormino





**De cima para baixo:**

- Belo Horizonte (MG), Daniel Macêdo;*
- Belo Horizonte (MG), Thiago Pimentel;*
- Belo Horizonte (MG), Thiago Pimentel;*
- Recife (PE), Thiago Pimentel.*





POSFÁCIO

## Revistas, música e catástrofe: a sobrevivência das bancas

RAFAEL JOSÉ AZEVEDO<sup>1</sup>

O que proponho neste encerramento provavelmente trará poucas novidades em relação aos textos antes apresentados nesse rico conjunto de ensaios. Mas eu estaria traindo meu estilo se não começasse assim esse posfácio:

Houve um tempo em que Campos Gerais, a cerca de 300km de Belo Horizonte, tinha duas ou três bancas, nem sempre num mesmo período. Salvo engano, uma delas ocupava a pracinha do Cruzeiro na sua principal avenida, outras duas se situavam nos bairros do Rosário (o Baixão) e Vila Nova e, por fim, em frente ao “mercadão” (uma miniatura de mercados como o São José recifense ou o Mercado Central belo-horizontino), bem ao lado da rodoviária da cidade, estava a última. Coloco-a nessa posição justamente por ser a que comento aqui neste texto.

---

1. Rafael José Azevedo é jornalista na Diretoria de Comunicação Social (Comuns) da Uerj. Doutor e mestre em Comunicação Social pelo PPGCOM-UFMG. Professor e pesquisador dedicado ao som e aos fenômenos musicais populares (rafaeljoseazevedo@gmail.com). Autor dos livros *Tom Zé em Ensaio: performances, canções, televisão* (Selo PPGCOM-UFMG, 2016) e *O brega paraense em deriva: emaranhados espaços-temporais da tradição* (Selo PPGCOM-UFMG, 2021). É também cantor-instrumentista, compositor e produtor musical.

Mas há uma pequena diferença em relação aos esforços descritivos-experimentais oferecidos nos capítulos deste livro: essa banca, a do Hamilton, não se colocava como algum tipo de obstáculo para o trânsito ou caminhantes da cidade. Sua posição naturalmente favorecia essa característica: ficava no canto de uma praça, onde estava o mercadão. Estar logo em frente a esse estabelecimento e ao lado da rodoviária só podia ser um privilégio em termos econômicos.

Mas isso tudo ganha aqui registro baseado em minha memória, sempre atravessada pelo esquecimento. Sei pouco ou quase nada sobre quanto tempo a banca durou... Na verdade, eu sequer me lembro se ela já estava ali quando acompanhava, ainda criança, minha mãe ou meu pai no mercadão. Mas tenho algumas recordações cristalizadas: já adolescente, com alguma autonomia para zanzar pela cidade, criei uma rotina aos sábados. Acordava cedo, bem cedo, subia 4 quadras até chegar na av. Getúlio Vargas. Virava à direita, andava um quarteirão e quebrava para a esquerda, ainda subindo o morro bem leve daquelas ruas. Passava em frente à casa da minha avó, por vezes ia lá pedir a bênção, subia mais um pouco e pronto, lá estava meu objetivo: me deparava com o mercadão e sua banca defronte.

Não fossem as datas das publicações que eu adquiri na banca do Hamilton e que ainda guardo em minha biblioteca, não saberia precisar minha idade nessa época. Esse costume se deu entre 1996 e 1997 e eu, pré-adolescente, começava a buscar tudo o que pudesse me ajudar a saber sobre música. Ali encontrei meios para tal. Encontrei publicações como a *Showbizz*<sup>2</sup>, que me guiaram nas descobertas possíveis das coisas que não tocavam na rádio ou na tevê (pelo menos até então, porque depois vieram a *MTV*, o *Multishow*, o *VH1*...). Não vem ao caso relatar o que aprendi ao devorar, ainda caminhando de volta para casa, as edições mensais da revista citada, mas apenas trazer uma figura talvez pouco explorada nas páginas anteriores - até porque os experimentos não se pretendiam a ir por esse caminho. Aquela banca, para mim, era

---

2. A *Bizz* foi lançada pela Editora Abril no mercado brasileiro em 1985 e passou por um projeto de readequação em meados da década seguinte ganhando a alcunha *Showbizz*. Há um site que vem cuidando de catalogar todas as suas edições: <<https://revistabizz.blogspot.com>> (Acesso no dia 04 de abril de 2023).

um portal, uma passagem, uma espécie de meio para conseguir acessar outras possibilidades do conhecimento.

E aqui me aproximo um pouco dos exercícios registrados. A banca do Hamilton me colocou em seguidas situações catastróficas conforme propõem Leal e Gomes (2020) quando fui me tornando um certo tipo de consumidor: mudança de rumo acompanhada de crises; sobreposição de temporalidades e acesso a espacialidades difusas; estranhamento e afeição. Ali eu parava, folheava, buscava o novo, perguntava e, diante de uma infinidade de possibilidades, escolhia o que a mesada alcançava. Depois me perdia entre as páginas, lendo sobre músicas que eu sequer sabia se ia escutar um dia. Instituiu-se uma espécie de preparação para experiências musicais.

Aquele portal, entre a rodoviária e o mercado de cidade interiorana, também me ajudou a ser músico por meio das famosas revistinhas de cifras. E outra dimensão da catástrofe que atravessa as bancas pode aqui ser mencionada. Falo das publicações que eu também comprava ali e cujos títulos merecem menção: *Toque Violão*, *MPB Fácil*, *Toque Musical*, *Violão & Guitarra*, *Violão +*, *Cifras e Letras*, entre outros. Algumas dessas revistinhas sequer tinham um nome: por vezes vinha grafado na capa um gênero musical, a alcunha de um artista ou mesmo de um fenômeno (tal como tropicália, grunge, etc.). Anúncios de instrumentos musicais e outros equipamentos, como pedais e amplificadores de lojas situadas na rua Teodoro Sampaio na capital paulista, pareciam ser o que sustentava as edições. Havia também a *Guitar Player* e similares com suas tablaturas e partituras, mas isso estava bem além do que eu conseguia absorver à época.

Como sabemos a partir das mudanças tecnológicas ligadas à música popular, e como relatam historiadores diversos (TATIT, 2004; TINHORÃO; 1998; SEVERIANO, 2014), até o final do século XIX, tivemos no Brasil e em outros países mercados editoriais-musicais baseados na produção, distribuição e consumo de partituras. Não deixa de ser curioso que, um século depois, tivéssemos ainda um resquício disso, carregando até mesmo um caráter residual nos termos de Williams (1979). Quando tive acesso às revistinhas desse mesmo tipo ainda dos anos 1970 (e que traziam anúncios muito similares), fica claro que a

catástrofe que “o fim das bancas de revistas tal como eram” anuncia crises de mercados editoriais que transcendem o jornalístico e também o fim do século XX. Hoje, as cifras musicais seguem guiando o aprendizado autodidata de muita gente, vide os casos de portais brasileiros muito bem sucedidos: *Cifra Club* (onde eu trabalhei por um tempo) e *Cifras.com*. Com a diferença que esses sites — que se sustentam a partir de outro modelo de negócios — contam, por exemplo, com plataformas audiovisuais para hospedar videoaulas e tutoriais (saudosos diriam que está muito mais fácil aprender instrumentos hoje em dia).

A banca do Hamilton deve ter encerrado as atividades no início dos anos 2000. Eu nem notei: já assinava algumas revistas que me interessavam ao passo que pude ter um aprendizado formal de música. Ademais, até antes disso, tínhamos assinatura de jornais impressos diários em casa — só fui comprar jornais em bancas quando já não vivia em minha cidade natal. E, como já dito, com a popularização das tevês por assinatura, cidades interioranas passaram a ter acesso a um acervo musical que, antes, eu consumia apenas nas páginas da *Showbizz*, em suas críticas, listas, matérias e reportagens.

Banca, para mim, se tornou um outro tipo de coisa.

\*\*\*

Os ensaios aqui compilados deixam muito claro que as bancas existem, persistem e resistem. E tal como ressaltado de distintas formas, elas cumprem utilidades muito diversas em meio ao compasso polirrítmico e polifônico das cidades. Elas, inclusive, escapam ao desejo de fixação que, por vezes, atravessa o gesto descritivo. A depender da situação, posso apenas acender um cigarro num isqueiro pendurado; comprar um mangá; uma *piauí*; uma publicação até charmosa de *Frankenstein*, da Mary Shelley; uma tira duvidosa para uma legítima havaiana; um cabo para o carregador do celular; a apostila para um concurso. Quem sabe até um jornal. Mil e uma utilidades em meio ao vaivém urbano, elas atendem, funcionam, proporcionam conveniências e, com isso, talvez não no mesmo volume de tempos atrás, sigam ali fincadas no concreto de um passeio, de uma praça, de uma via.

Mas elas também existem porque proporcionam mais do que a conveniência, catalisando interações mais duradouras, mais lentas — muitas vezes marcadas por afetos — e menos burocráticas. Elas são múltiplas. Assim, podem ser tomadas como não lugares — espaços não identitários, não históricos e não relacionais nos termos de Augé (2000) — ao passo que podem funcionar como lugares no sentido proposto por Tuan (1983): espaços vivenciados, experimentados, carregando sentidos antropológicos.

Elas seguem sendo um assunto importante no campo da Comunicação também porque são dobras justamente antepostas a essa suposta vivência ordinária caótica e corrida, sobretudo no caso de habitemos cidades maiores.

Cláudia Fonseca, na abertura deste volume, remonta sua tese de doutorado defendida em 2008, lembrando perspectivas diversas que cuidam de questões relativas à experiência urbana. Dentre as quais destaco sua menção aos situacionistas franceses que nos convidaram a tomar as cidades como campo exploratório onde podemos propor derivas, descaminhos e traçados talvez inesperados. E, em meio a isso, fica sugestiva a ideia de que o encontro da autora com as bancas, já neste século, tornou-se algo essencial para a percepção de transformações aparentemente fortuitas em meio aos excessos da vida urbana.

Bruno Leal, Felipe Borges e Igor Lage, por sua vez, parecem articular a ideia da adaptabilidade para ensaiarem possíveis acepções da ideia de catástrofe cotidiana. Nisso, também fica uma sugestão interessante: a de que, em discursos sobre o “fim das bancas”, é perceptível um processo de “nostalgização” de uma identidade que sequer parecia se sustentar antes da “crise”: afinal, elas há muito tempo se prestavam a papéis que iam além do comércio de jornais e revistas. A todo momento eles nos lembram dos jogos temporais e espaciais catastróficos que, nelas e com elas, vivenciamos ao nos colocarmos diante de seus cenários quase barrocos.

Seguindo as passadas catastróficas propostas por Daniel Macedo, Igor Luís e Prussiana Fernandes, somos colocados diante de reflexões metodológicas que acompanham a tentativa de remontar traçados e ambiências com os quais tiveram que lidar no gesto intrusivo que o

exercício exigia. O ato fotográfico surge como ponto fulcral a partir do qual vamos imaginando as bancas por eles experimentadas. O desafio, tal como o texto revela, é justamente o de não enrijecer a fugacidade dos movimentos que se configuram nessas ambiências criadas pelas bancas. É nesse caminhar, algo errante, que eles nos convidam à reflexão sobre o registro e o estranhamento que também produzimos enquanto tomamos notas e clicamos.

Felipe Gonzaga, Luciana Amormino e Paulo Vitor Souza, por sua vez, se veem diante de impasses instigantes. Como tomar os fluxos que marcam nossas experiências na urbe? Em meio a eles, como tomar as bancas? São nós? Obstáculos? Interstícios? Ao que parece — e retomando a ideia de multiplicidade — elas são tudo isso (e algo mais). E num emaranhado — figura muito interessante no texto deles — dimensões espaço temporais, por vezes confusas, vão se traçando. No relato da experiência — aliás, atento também às relações de poder que delineiam as linhas do emaranhado — sociabilidades comunicativas se instauram como jogos imprevisos nas articulações entre banca e cidade.

Alexandre Gouveia, Francielle de Souza e Thiago Pimentel encenam, por sua vez, movimentos exploratórios do estrangeiro, do exilado, do *flâneur*. As bancas ali vão se instaurando como componente de uma malha urbana complexa e que, como sugerem, podem ocupar o lugar de uma borda, de um limiar. A ideia de fronteira aliada à de resistência é uma escolha desafiadora. O que nos permite tomá-las — dentro do próprio espaço urbano — como pontos fronteiros que apartam, mas também conciliam experiências diversas. Possibilitam, assim, a percepção de momentos de resistência e pertencimento articulados aos ritmos das cidades, dos bairros.

Por fim, Lettícia Gabriella, Poliana Sales, Rafael Andrade e Tess Chamusca remontam aspectos caros aos debates sobre bancas na Comunicação ao enquadrá-las como fontes de informação, como mediadoras. Essa é, porém, uma porta de entrada para discussões que seguem outro caminho. Para os autores, as bancas também configuram-se como espaços liminares. Mais do que isso, produzem ambiências capazes de incorporar experiências comunicacionais também imprevisas.

E, como organismos vivos, sobrevivem e adaptam-se às novas possíveis configurações do capital, da urbe e das interações.

\*\*\*

Talvez seja possível partirmos do pressuposto de que temos motivos de sobra para sermos pessimistas diante de certo estado em que se encontram as cidades brasileiras maiores e menores nessas primeiras décadas do século XXI. Talvez um sabor saudoso acabe atravessando nossas lembranças acerca do que as bancas já foram e proporcionaram em nossas experiências. Mas eis que elas, ao que tudo indica, sobreviveram às previsões mais apocalípticas proferidas por aqueles que — diante da tevê, da internet, das plataformas de rede social — previram sua extinção.

Com muita licença poética, lembro das reflexões costuradas por Didi-Huberman (2011) a partir da figura dos vaga-lumes que, em meio aos jogos de luz e poder de certo modo de vida urbano, desaparecem, reaparecem e redesaparecem. E, como que parafraseando um de seus ensaios, cabe aqui perguntar sobre se, realmente, as bancas desaparecem. Aos olhos de quem? E de que maneiras? Respostas algo vacilantes, mas pertinentes, a essas e outras questões vieram perpassando todo esse volume que aqui se encerra.

Ainda inspirado nesse mesmo autor, considero que as experimentações registradas ao longo dessas páginas dizem muito sobre gestos de observação fincados “no presente da sobrevivência” das bancas. Que elas não são o mesmo ponto de ancoragem, de pausa, de conveniência como em outros tempos, isso já estava dado nas primeiras discussões propostas pelo Tramas Comunicacionais entre 2021 e 2022. É no que elas fazem nessa sobrevivência que está a riqueza que sustenta este trabalho.

Rio de Janeiro, 06 de abril de 2023



## REFERÊNCIAS

ABRIL, Gonzalo. *Cultura visual: de la semiótica a la política*. Madrid: Plaza y Valdés, 2013.

ABRIL, Gonzalo. Tres dimensiones del texto y de la cultura visual. *Revista Científica de Información y Comunicación*, Madrid, n. 9, p. 15-35, 2012.

ABRIL, Gonzalo. *Análisis crítico de textos visuales*. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.

AUGÉ, Marc. *Los no lugares: espacios del anonimato - una antropología de la sobremodernidad*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2000.

BATES, David. *Catastrophe and human order: from political theology to political physiology*. In: DOLE, Christopher et. al. (Org.). *The time of catastrophe: multidisciplinary approaches to the age of catastrophe*. Farnham: Ashgate, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, 3).

BERTOL, Rachel; MAIA, Jussara; VALLE, Flávio; MANNA, Nuno. Apresentação. In: BERTOL, Rachel; MAIA, Jussara; VALLE, Flávio; MANNA, Nuno. (Org.). *Catástrofes e crises do tempo: historicidades dos processos comunicacionais*. 1ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2020, v. 1, p. 11-16.

CASTRO, Maria Céres. *Efêmeros e permanentes: os ardis da memória da imprensa de Belo Horizonte*. In: LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte 1895/1954*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CARVALHO, Beatriz Guimarães de. Bancas, impressos e leituras em transformação. *Cienc. Cult.*, Jan 2018, vol.70, no.1, p.62-63.

CHAGAS, Viktor. *EXTRA! EXTRA! Os jornaleiros e as bancas de jornais como espaço de disputas pelo controle da distribuição da imprensa e da economia política dos meios*. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em História, Política e bens culturais da FGV. Rio de Janeiro, março de 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.

CRESPIM, Sandra. Publicidade em bancas de jornal: por que fazer? *No Alvo*. [S.l.], 23 set. 2019. Disponível em: <[blog.midianoalvo.com.br/publicidade-em-bancas-de-jornal-porque-fazer](http://blog.midianoalvo.com.br/publicidade-em-bancas-de-jornal-porque-fazer)>. Acesso: 17 out. 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tomam posição – O olho da história*, I. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1ª ed., 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUPUY, Jean-Pierre. *O tempo das catástrofes: quando o impossível é uma certeza*. São Paulo: É Realizações, 2011.

FONSECA, Cláudia. *A cidade em comunicação: paisagens, conversas e derivas no centro de BH*. 2008. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GREINER, Christine. *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 12. edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

INGOLD, Tim. *La vida de las líneas*. Santiago del Chile: Ed. Universidad Alberto Hurtado, 2018.

INGOLD, Tim. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. O Dédalo e o Labirinto: Caminhar, Imaginar e Educar a Atenção. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul. /dez. 2015.

IQANI, Mehita. *Consumer culture and the media: magazines in the public eye*. London: Palgrave Macmillan, 2012.

JOSEPH, Isaac. *El transeunte y el espacio urbano*. Buenos Aires: Gedisa Editorial, 1988.

LEAL, Bruno (org). *Imagens e imaginários da pandemia: reflexões de um grupo de pesquisa*. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

LEAL, Bruno. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos; ALZAMORA, Geane (org.). *Textualidades Midiáticas*. Belo Horizonte: Selo PPGCom UFMG, 2018.

LEAL, Bruno; BORGES, Felipe; LAGE, Igor. *Experiências de nostalgia: de Stranger Things a Vozes de Tchernóbil, diferentes construções nostalgizantes*. In: CRUZ, Lúcia Santa; FERRAZ, Thalita (Org.). *Nostalgias e mídia: no caleidoscópio do tempo*. 1ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2018, v. 1, p. 47-66.

LEAL, Bruno; MACÊDO, Daniel. *Bancas... de jornal? Mesmice e adaptação nas paisagens das cidades*. In: 45º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2022, João Pessoa; *Anais [...]*. São Paulo, 2022, 1 v.

LEAL, Bruno; SALES, Poliana; MACÊDO, Daniel. A pesquisa como deambulação: implicações epistêmicas e metodológicas. In: LEITE, Amanda; LEAL, Bruno Souza; GHIZONI, Liliam Deisy; DARWICH, Rosângela Araújo (orgs). *Inspirações metodológicas em contextos amazônicos*. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2022.

LEAL, Bruno; GOMES, Itania. Catástrofe como figura de historicidade: um gesto conceitual, metodológico e político de instabilização do tempo. In: BERTOL, Rachel; MAIA, Jussara; VALLE, Flávio; MANNA, Nuno (Org.). *Catástrofes e crises do tempo*. 1ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2020, v. 1, p. 20-35.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006. Disponível em <[mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_arq\\_interface/1a\\_aula/A\\_producao\\_do\\_espaco.pdf](http://mom.arq.ufmg.br/mom/02_arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf)> . Acesso em: 01 jun 2023.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*: tomo 1. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV, 2016.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- SARLO, Beatriz. *Siete ensayos sobre Walter Benjamin*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2000.
- SCHMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. *GEOUSP – espaço e tempo*, São Paulo, N°32, pp. 89- 109, 2012.
- SEVERIANO, Jairo. *Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- SIMMEL, Georg. *Metrópoles e vida mental*. IN: VELHO, Otávio (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- SIMMEL, Georg. *O estrangeiro*. In: MORAES FILHO. Evaristo. (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- TAYLOR, Diana. *Presente! the politics of presence*. Durham: Duke University Press, 2020.
- TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- TATIT, Luiz. *O século da canção*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.
- THIBAUD, Jean-Paul. A Cidade através dos Sentidos. *Cadernos PROARQ*, v. 18, 2012. Online. Acessado em 20 de out. 2022.
- TINHORÃO, José Ramos. *História social da música popular brasileira*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.



## ▮ SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

### **Alexandre Bruno Gouveia**

Jornalista, diretor e produtor audiovisual. Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutorando em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência. Compartilha com as bancas memórias de acolhimento (alexandre.brunogouveia@gmail.com).

### **Bruno Leal**

Professor do PPGCOM/UFMG, pesquisador do CNPq e do Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência. Frequenta bancas desde que se entende por gente, ainda que hoje elas sejam de uma convivência cada vez mais rara (brunosleal@gmail.com).

### **Cláudia Fonseca**

Jornalista aposentada pela UFMG, professora e pesquisadora. Realizou doutorado, mestrado e graduação em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais (claudiag40@yahoo.com.br)

**Daniel Macêdo**

Jornalista, mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Federal do Ceará (UFC), doutorando em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e integrante do Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência. Recorria às bancas, na infância, para buscar edições semanais da Revista Recreio (daniel.3macedo@gmail.com).

**Felipe Borges**

Pesquisador e jornalista. Doutor e mestre em Comunicação Social pela UFMG. Integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência. Na infância, gostava de comprar revistinhas da Turma da Mônica, e tem boas lembranças de se perder entre as várias capas coloridas expostas nas bancas. Já na adolescência, passou a comprar revistas de música e cinema, antes que elas começassem a desaparecer (felipelsborges@gmail.com).

**Felipe Gonzaga**

Graduando em Relações Públicas pela UFMG e integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência como bolsista em Iniciação Científica. Seu imaginário sobre as bancas parte das representações de filmes estadunidenses, contudo, quando criança, frequentava mensalmente uma banca em formato não convencional na cidade Ouro Preto para adquirir a edição mensal da Turma da Mônica Jovem (felipe26082002@gmail.com).

**Francielle de Souza**

Jornalista e pesquisadora. Doutoranda e mestra em Comunicação Social pela UFMG. Integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência. Quando adolescente, comprava fielmente a revista Capricho na única banca de sua cidade natal. Depois, passou a procurar pela Piauí nas prateleiras do pequeno comércio. Recentemente, visitou o lugar em busca de Almanques da Turma da Mônica para sua afilhada (francielledesouza@outlook.com).

**Igor Lage**

Professor, pesquisador e jornalista. Doutor e mestre em Comunicação Social pela UFMG. Integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência e o Insurgente: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Redes Textuais e Relações de Poder/Saber. Quando criança, brincava de jornalista para vender as revistas que criava em papel A4. Vez ou outra, ainda para nas bancas do bairro ou do centro da cidade para comprar revistas, quadrinhos e palavras-cruzadas (igor.lage.alves@gmail.com).

**Igor Luís Costa**

Jornalista e mestrando em Comunicação Social pelo PPGCOM/UFMG. Integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência. Desde criança frequenta as bancas, local em que comprou seus primeiros mangás — hoje, tema de suas pesquisas — e revistas de cultura e divulgação científica. Depois de tanto tempo frequentando a mesma banca, perto do antigo trabalho de seu pai, o jornalista já sabe de cor os títulos que compra mensalmente (igorluispc@gmail.com).

**Letícia Gabriella**

Jornalista, pesquisadora e nerd em tempo integral. Doutoranda em Comunicação Social (Textualidades Midiáticas) pelo PPGCOM/UFMG, com pesquisa financiada pela CAPES, tem no multiverso de personagens sua principal fonte de inspiração e se dedica a lançar um olhar comunicacional, questionador e interseccional às HQs. Mensalmente, visita inúmeras bancas em busca dos variados títulos que integram sua coleção (letticiagabriellaufmg@gmail.com).

**Luciana Amormino**

Doutoranda e mestre em Comunicação Social pela UFMG, com pesquisa financiada pela CAPES, onde também especializou-se em História da Cultura e da Arte, e graduada em Jornalismo pela PUC Minas. Desenvolve pesquisas em temporalidades, memória, cultura e narrativas. Integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência e as redes Historicidades dos Processos Comunicacionais e Rememora

- Rede Brasileira de Pesquisadores de Memória e Comunicação. Como cresceu em uma cidadezinha no interior de Minas, onde não havia banca, amava quando sua mãe lhe trazia várias revistinhas em quadrinhos quando ia para a cidade grande (luamormino@gmail.com).

### **Paulo Souza**

Jornalista e mestrando em comunicação pela UFMG. Integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência. Nascido no interior de Minas Gerais, quando criança sempre comprava revistas em quadrinhos na única banca do município, conhecida como quiosque (pvsouza02@gmail.com).

### **Poliana Sales**

Jornalista e mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na linha textualidades midiáticas. É bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), e integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativas e Experiências. Frequentava bancas sempre com o irmão, leitor e fã de quadrinhos. Todo mês, ia à banca do seu Valdir receber os exemplares que ele encomendava (polianasales@gmail.com).

### **Prussiana Fernandes**

Jornalista, editora e pesquisadora. Mestra e doutoranda em Comunicação Social pela UFMG. Integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência e o Ex-Press: Grupo de Pesquisa em Historicidades das Formas Comunicacionais. Desde 2018, organiza o Atravessar BH, projeto de travessias a pé por Belo Horizonte. Nunca foi frequentadora assídua de bancas, mas sempre gostou de observar as capas de jornais e revistas que ficam dependuradas nas suas estruturas. No último ano, comprou um guarda-chuva, uma garrafinha d'água, uma palavra-cruzada e um Almanacão em bancas do centro de BH (pru.afc@gmail.com).

**Rafael Andrade**

Mestre em Comunicação pela UFPE com pesquisa financiada pelo CNPQ e doutorando pelo PPGCOM UFMG com pesquisa financiada pela CAPES. Atualmente desenvolve pesquisa com interesse nas dimensões festivas dos fenômenos comunicacionais. Integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência. Com pouca frequência, comprava as Revistas SuperInteressante e Placar nas bancas durante a adolescência (aos.rafael@gmail.com).

**Tess Chamusca**

Mestre em Cultura e Sociedade e doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA com pesquisa financiada pela CAPES. É pesquisadora associada ao Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação (TRACC) e ao grupo de pesquisa CHAOS - Cultura Audiovisual, Historicidades e Sensibilidades. Atualmente, realiza estágio pós-doutoral no PPGCOM UFMG com a supervisão do professor Bruno Leal e bolsa PDJ concedida pelo CNPq. A sua relação com as bancas passa pelos cigarros comprados para uma tia muito querida, por revistas para meninas e qualquer publicação que falasse de Leonardo DiCaprio e mais recentemente pela revista Cult (tesschamusca@gmail.com).

**Thiago Pimentel**

Jornalista, pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente, cursa doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia (UFBA), integra os grupos Cultura Audiovisual, Historicidades e Sensibilidades (CHAOS), Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação (TRACC), e Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência. Na infância e adolescência, as bancas eram paradas obrigatórias em suas caminhadas e, também, ajudaram na escolha do seu curso de graduação (thiagopimentelbl@gmail.com).



**Daniel Macêdo** é doutorando em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e integrante do Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais:

**Francielle de Souza** é doutoranda em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e integrante do Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais.

**Letícia Gabriella** é doutoranda em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com pesquisa financiada pela CAPES.

**Thiago Pimentel** é doutorando em Comunicação e Culturas Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e integrante do Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais.